

REVISTA DA SEMANA

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



BN
1 0

Outra fase do "caso" Humberto de Campos

N.º 39
23-9-44

AS ENFERMEIRAS TAMBEM QUEREM CIGARROS

MARIA LUIZA

Está instalada, ali, na sala de frente do Palace Hotel, a sede da "Campanha da Madrinha do Combatente", onde um grupo de moças e senhoras dedicadas recebe cartas e presentes para os nossos soldados que estão do outro lado do Atlântico lutando pela liberdade. Qualquer pessoa, instituição ou estabelecimento comercial ou industrial pode enviar donativos, entre os quais devem compreender-se sempre, em primeiro lugar, os cigarros, os chocolates, o café, as vitaminas em comprimidos e outras tantas coisas indispensáveis que nem sempre os nossos rapazes podem comprar. Mas, foi sobretudo para incentivar a correspondência entre as nossas jovens e os soldados que não possuem família ou noiva que foi organizada essa esplendida campanha. Cada soldado brasileiro deve saber que há em sua pátria pelo menos uma mulher que espera a sua volta e deseja vê-lo vitorioso.

Mas... e as nossas enfermeiras? Também não abandonaram elas suas famílias, seus lares, suas vidas confortáveis para entregar-se a uma missão talvez mais difícil ainda do que a dos soldados?

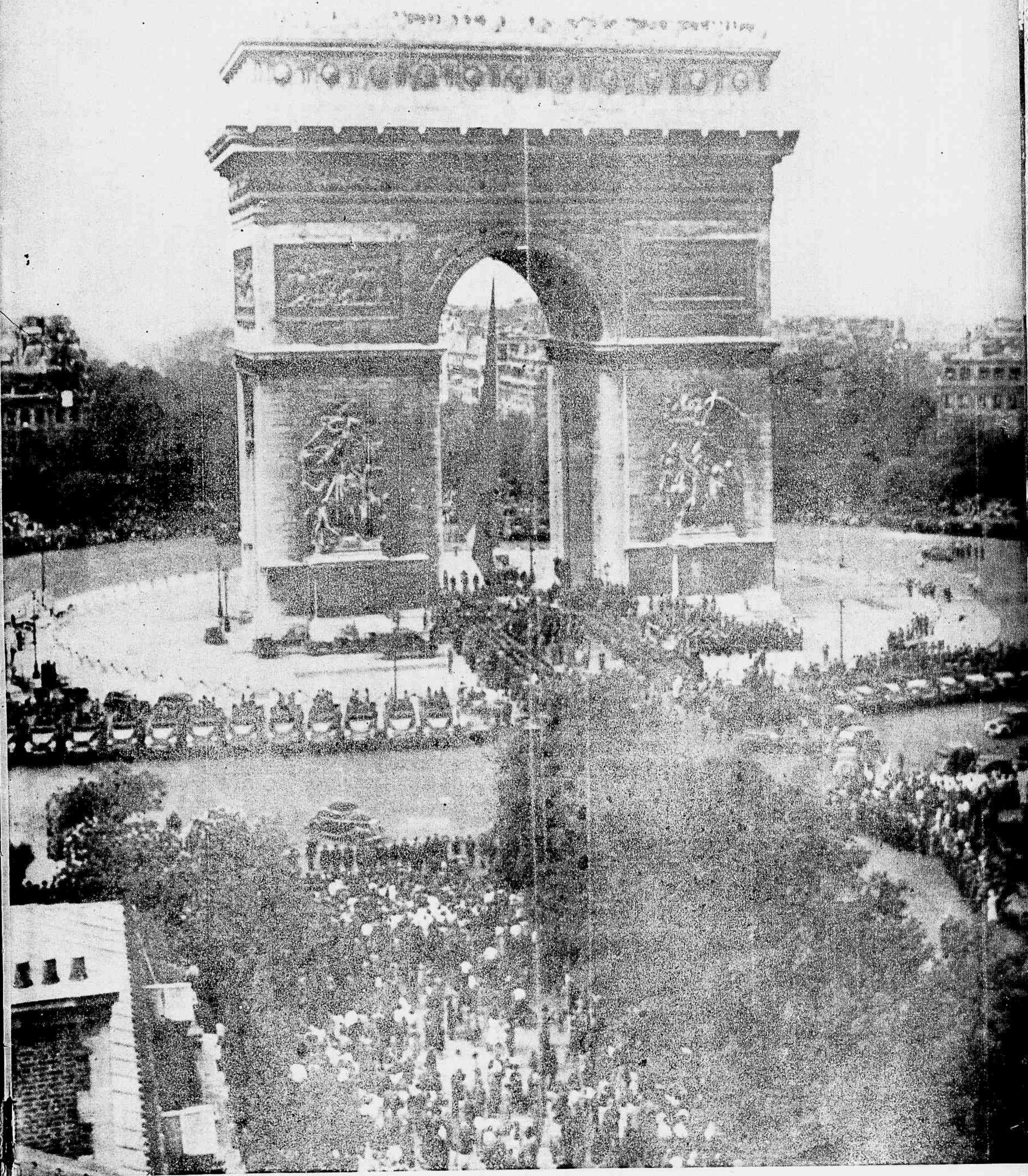
Elas contam-se em um número bastante me-

JANE WYMAN ESCOLHE UM PRESENTE PARA O SEU SOLDADO



BETTE DAVIS E JOHN GARFIELD, DOIS DOS FUNDADORES DA CANTINA DE HOLLYWOOD, DESCANSAM E FUMAM NUM INTERVALO DO TRABALHO INTENSO QUE EXIGE O BEM-ESTAR DOS SOLDADOS QUE PASSAM PELA CAPITAL DO CINEMA.

nor, é verdade, mas isso não é razão para que fiquem esquecidas. Também entre elas há muitas que não possuem família, nem noivos e nem mesmo amigos íntimos. E são estas as heroínas desconhecidas do Brasil, aquelas que partiram para uma luta em que há sempre muito mais sacrifício do que glória e cujo nome na maioria das vezes não chega jamais a ser pronunciado pelas multidões, porque é conhecido em toda a sua grandeza apenas por aqueles que devem a vida à sua dedicação. Enviemos, pois, também o nosso apoio, o nosso entusiasmo e o nosso agradecimento às enfermeiras expedicionárias. Elas também querem cigarros, chocolates, café e todas as coisas brasileiras que não podem encontrar com facilidade lá onde estão. E querem sobretudo a certeza de que não foram esquecidas e de que não estão lutando por uma utopia. Para enviar-lhes cartas e donativos também foi organizado um serviço especial ali, no posto da Cruz Vermelha Brasileira, na Glória, bem perto do relógio. A qualquer hora do dia há lá um grupo de moças que se dedica a receber tudo o que desejamos fazer chegar às mãos dessas moças que se encontram na Europa, auxiliando a libertação do mundo. Se você não conhece nenhuma enfermeira expedicionária escreva e envie presentes da mesma forma, pois suas colegas daqui farão com que eles cheguem às mãos daquelas que não têm família ou cujas famílias não podem comunicar-se com elas e que, por isso mesmo, merecem mais ainda o apoio do povo brasileiro.



LE JOUR DE GLOIRE EST ARRIVÉ...

Nunca o verso heróico foi tão justificado como no dia em que se registrou o flagrante desta página. Ele passará à história como um dos mais emocionantes na vida de Paris, cujas trevas acabaram e onde tudo se ilumina para o retorno à vida normal... Aí vemos unidades francesas e norte-americanas em torno do Arco do Triunfo, minutos depois da sua entrada em Paris. Reunidos aos "maquis" que desde uma semana lutavam no interior da cidade contra os nazistas, os soldados regulares prestavam uma homenagem ao soldado desconhecido, junto ao famoso Arco.

A ELEGANCIA FEMININA NO TEMPO DO KAISER

POR
R. MAGALHÃES JUNIOR

Especial para a
REVISTA DA SEMANA



"A PLÁSTICA DE UMA VERDADEIRA ELEGANTE TINHA DE SER MEDIDA E PESADA. SOBRETUDO PESADA". — EIS A DEFINIÇÃO DA MODA CONTEMPORÂNEA DA OUTRA GUERRA, QUANDO O APARECIMENTO DA PRIMEIRA "SAIA-CALÇÃO" PROVOCOU, EM PLENA RUA DO OUVIDOR, UM MEMORÁVEL ESCÂNDALO POLICIAL...

Doces tempos de antes da guerra... Não desta guerra, mas da outra. Do tempo em que o retrato do Kaiser saía nos jornais, caçando javalis como o "imperador Guilherme".

Tempos românticos do "cake walk", dos tangos brasileiros de Ernesto Nazareth, das valsas vienenses, dos livros de Pierre Loti, das peças de Bataille... Mistinguett já existia e Spinnelly também. Botafogo era o bairro chique da cidade e as mulheres elegantes usavam tudo o que podiam para ocultar ao olhar indiscreto dos homens os tesouros plásticos que as de hoje exibem sem nenhum constrangimento na praia de Copacabana. O "Vem cá, mulata" era uma sensação e os senhores decentes repreendiam severamente as filhas que ousavam cantar essa chula licenciosa. Ah, chás da Colombo, leões elegantes de bigode retorcido e monóculo entalado no olho esquerdo, plantados na rua Gonçalves Dias ou na esquina do Ruanier... Ah, trocadilhos do Emílio de Menezes, de Olavo Bilac e dos outros rapazes de espírito da época... Tempo de Pinheiro Machado, tão odiado, e de Hermes da Fonseca, tão ridicularizado nas "charges" da "Careta" e nas conversas de esquina. Tempo do sorvete de tostão, e de abacaxi, sorvete yayá! Passaram as yayás, passaram os tostões, vieram os "eskibon" por um cruzeiro, ainda por cima sem música... Ah, que doces tempos! Tempos do Catulo da

Paixão Cearense, solando de violão "Talento e formosura" e "Cabocla de Caxangá". Tempo dos colarinhos altos e dos punhos engomados, dos fraques e dos "croisés". E o escândalo — que escândalo merível — da francesa Marthe Carpentier jogando box com a inglesa Lucy Warner, comentado em todas as casas... A coisa foi em Londres, mas abalou o mundo inteiro. Essas mulheres de hoje! Essas francesas! Essas inglesas! Ora, já se viu... E mais ainda: os escândalos das sufragistas, que queriam à força votar, quando o lugar das mulheres era no lar, entre mamadeiras e panelas de ágata... Em matéria de modas, o setim era a grande voga. E havia um delírio de rendas, como também delirantes eram os chapéus, com seus penachos, seus enormíssimos grampos, suas abas colossais; maiores do que o anel de Saturno. Se alguém tivesse conservado, como reliquia, um desses elegantíssimos chapéus de 1914, poderia ganhar a vida facilmente, alugando-o para servir de abrigo em pontos de bonde ou filas de ônibus ou, ainda, para piqueniques. E' uma delícia percorrer-se os jornais de modas de antigamente, para examinar o que estava em uso há trinta anos. Meu Deus! Será que aquilo era realmente tido como elegância? Era, sim. Uma dama que se prezasse tinha um colo opulento, ainda que á custa das Pílulas Orientais, e fazia cinturinhas de vespa apertando-se ti-

ranicamente num espartilho. O galanteio dos galanteios era elogiar-se a cintura de uma dama: "Vossa excelência é divina. Nunca vi uma cintura tão elegante"! O que sobrava em cima e embaixo não contava. E as fitas? Não nos esqueçamos delas. Um cronista elegante recomendava em maio de 1914: "As flores serão muito usadas neste verão, assim como estarão em voga as fitas, os grandes laços de chamalote, de setim ou de seda brocada". Fitas no cabelo, fita na cintura, fitas no peito, fitas em laçinhos nas barras das saias e nas mangas. Quanta simplicidade!

No "Jornal Ilustrado" a cronista Odetto fazia questão de ser temperante em matéria de modas. E doutrinava: "Atualmente, excluídas as loucas excentricidades, a moda mostra-se calma e sensata". E explicava que os sapateiros vão ter uma grande "chance" para fazer bons negócios: "Não há súa sem uma fenda na parte inferior". E o "ultimatum dos grandes costureiros de Paris, o que cumpre dizer, não causa apreensão às elegantes. Isso constitui um pretexto para ostentar um pé bem calçado o que não desagrade também aos sapateiros, dos quais se exigirão modelos finos e, por consequência, caros". Quanto requinte para mostrar um pé! Hoje, as elegantes mostram o joelho e sem meia...

A plástica de uma verdadeira elegante tinha de ser medida e pesada. So-

N.º 8

JORNAL ILLUSTRADO.

Rio de Janeiro — Julho de 1912

ATRAVÉS DA MODA



Chapéu de tagel azul, enfeitado de fita branca



Uma extravagância da moda. — Uma "aigrette" de cinco mil francos.



Chapéu de palha branca, adornado de uma dupla pluma cinzenta.



Modelos originais de vestidos para visitas.

"NESSA ÉPOCA, QUE FARTURA DE "JABOTS", DE "CREPES", DE "CHIGNONS", DE "FICHUS", DE "AIGRETTES"! E QUE ABUNDANCIA DE RENDAS... ENTÃO, AS MODAS VINHAM DE PARIS, NÃO DE HOLLYWOOD. IRÁ PARIS RECUPERAR O BASTÃO DE SUPER-ELEGANTE, AGORA, DEPOIS DA NOVA GUERRA?"

bretudo pesada. Diz Odette, a pontificadora: "Quer a voga — e este ponto é da máxima importância — que as dimensões do peito sejam idênticas às dos quadrís, com uma linha de separação tão reta quanto possível. E não hesitamos em empregar essa maneira de dizer, porquanto, se contra ela protesta a geometria, não a recusa a arte da costura. A linha de cintura do vestido é colocada um tanto arbitrariamente. Nas toilettes de baile ela remonta quase ao peito, ao passo que com os novos cintos de forma de "odalisca" desce mais abaixo dos quadrís". Que diria uma jovem de hoje diante de conselhos como esse? E de uma cronista que afirma que a verdadeira moda não é a adaptação do vestuário ao corpo, mas a do corpo ao vestuário?

Nessa época que fartura de "jabots", de "drapés", de "chignons", de "fichus" de "aigrettes"! E que abundância de rendas! "Os estofos são todos leves e sedosos, podendo ser de uma cor só

ou furta-côres. Todas as espécies de rendas são acolhidas e dispostas de conformidade com o respectivo gênero: as de Chantilly e de Malines em babados; as de Veneza em bainhas, colarinhos e aventais; as Valenciennes, de Binches e Mirecourt em franzidos". Os filós, também, era um Deus nos acuda. Grande coisa é o acontecimento anunciado nesta palavras rutilantes: "O restabelecimento da cintura na sua posição é uma questão definitivamente resolvida, que todos os costureiros aceitaram". Outra nota sensacional marca a queda do prestígio do espartilho: "A cintura, quase no seu lugar, mas não comprimida, reproduzirá as linhas flexíveis do gênero "princesa", com uma diferença essencial. A demarcação da cintura será um pouco acentuada e os quadrís e o peito se dissimularão o mais possível. O espartilho não será mais que uma "gaine" para manter as roupas na sua devida posição, sem deformar e, principalmente, sem apertar o corpo".

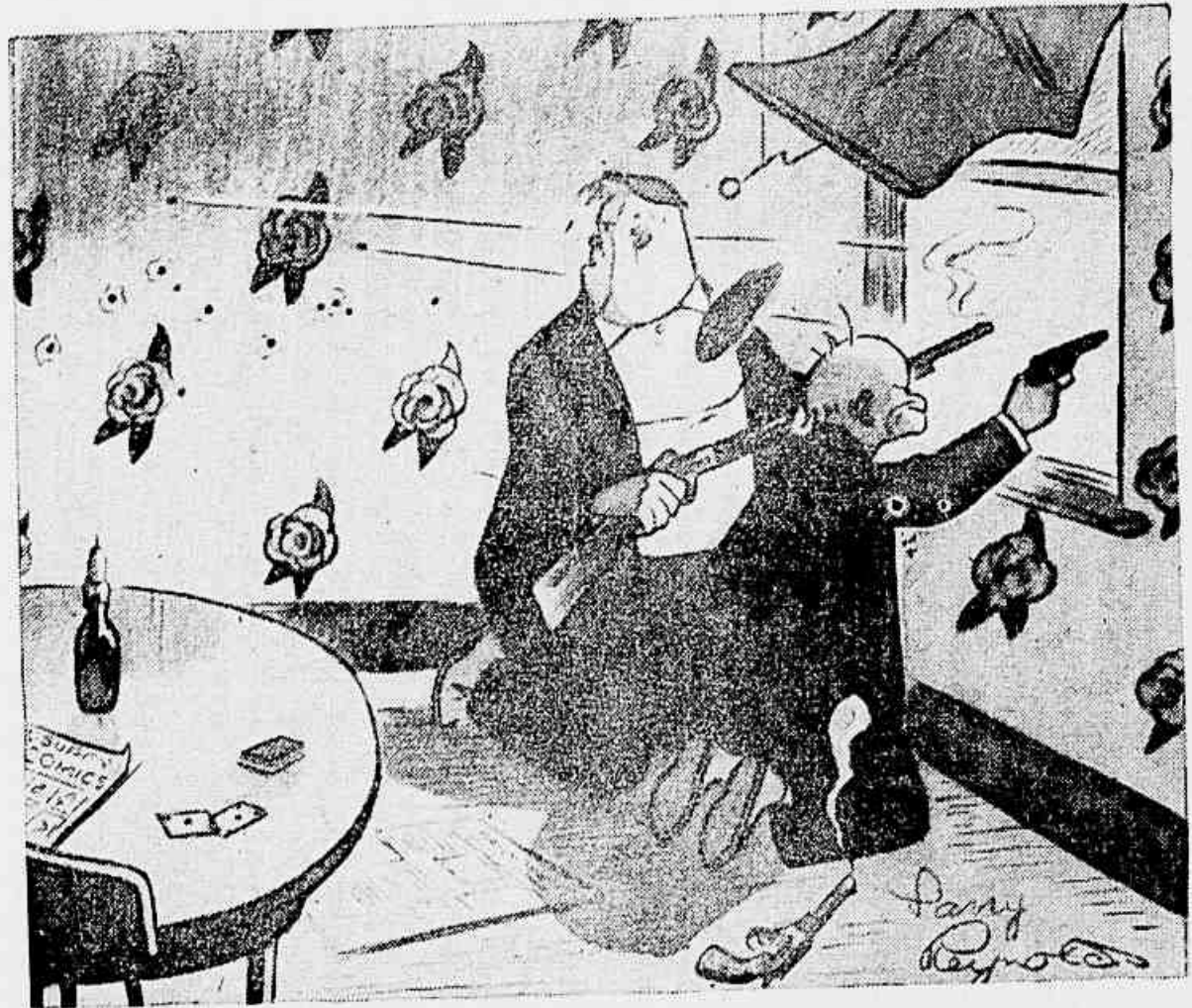
Nesses excertos está a evolução de todo um drama, do drama de muitas mulheres elegantes.

Quando a gente vê esses velhos vestidos, com suas longas caudas e suas silhuetas pitorescas, não pode deixar de sorrir. E muitas vezes estamos sorrindo de verdadeiros dramas, sem saber o que custou á elegante ter aquela delicada e quasi incredibile cintura de vespa. É uma coisa o exame em questão nos prova desde já: é que os costureiros, do mundo inteiro, lucraram imenso com a sua experiencia nos últimos trinta anos, não apenas do ponto de vista estético mas, sobretudo, do ponto de vista comercial. Estão vendendo vestidos com dez vezes menos pano por preços que são, pelos menos, dez vezes mais caros...





DEVO ENBRULHAR OU VAI USA-LAS AGORA?

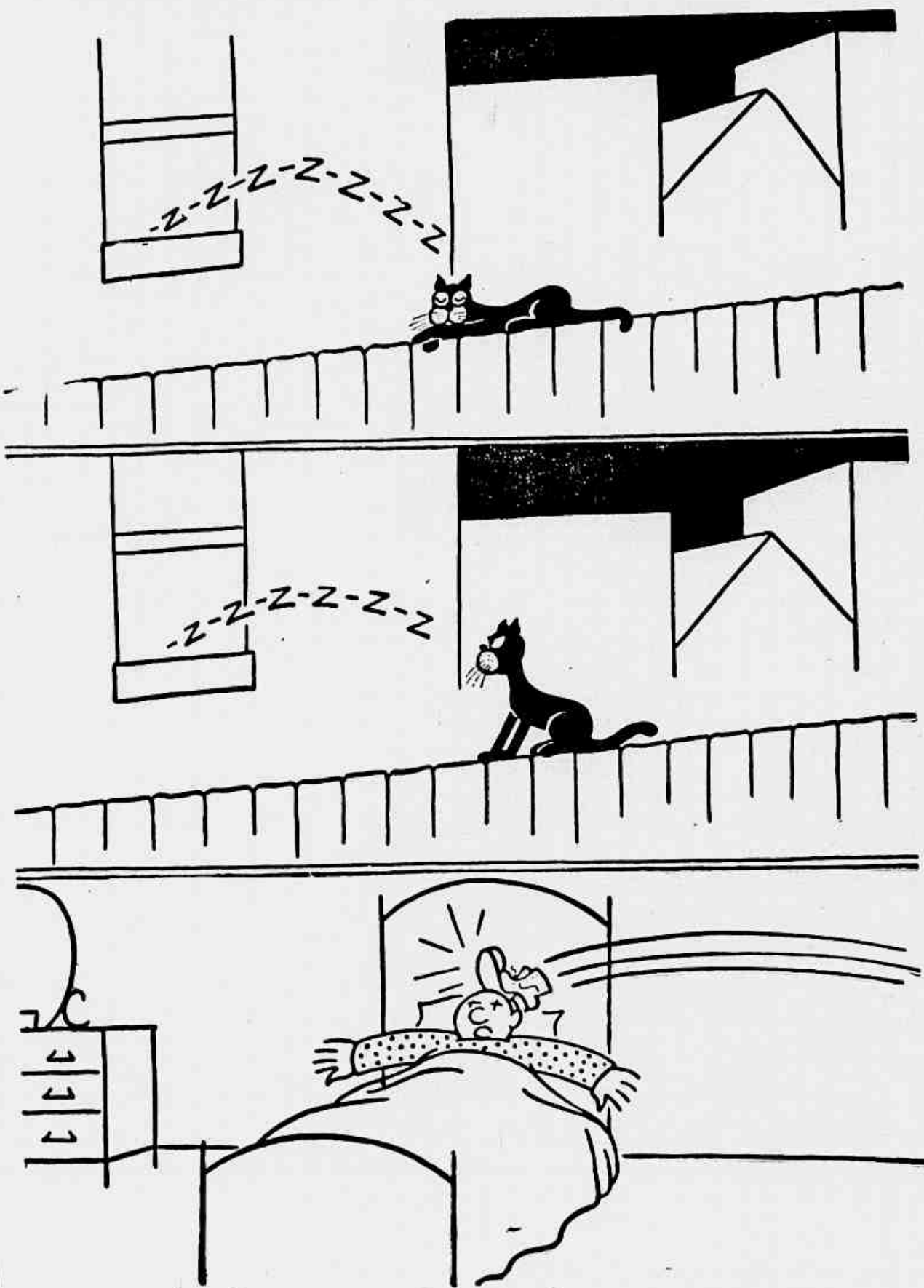


QUANDO EU PENSO NO TEMPO QUE LEVEI PARA
ESCOLHER ESTE PAPEL DE PAREDE...



PARECE QUE A PRIMA DONA NÃO É MUITO POPULAR
ENTRE OS COLIGAS.

DE BOM HUMOR



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 23-9-944 -- N. 39

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

A elegancia feminina no tempo do Kaiser (R. Magalhães Jr.)	4-5
O outro veredicto (Frank Swinnerton)	39
Cigarros com chéques (Geraldina Marx)	23
O eterno triângulo (Jeanine Hervé)	19
Vidas Brasileiras (Escragnolle Doria)	42
Livros Novos	44-45

REPORTAGENS:

Jockey Clube	45
Outra fase do "caso" Humberto de Campos	9-12
No mundo encantado de Madeleine Rosay (A. Migueis)	13-18
Tiradentes, Marília e Aleijadinho (Celestino Silveira)	26-31
Figuras e Fátos	40-41

FEMININAS:

Arte de conservar um rosto juvenil	24-25
Uma nova figurinista em Hollywood	35-37
Nos Bastidores Femininos	38
Outros Modêlos	54

Nossa Capa

Não podemos garantir que o modelo de chapéu oferecido às leitoras pela "estrela" cinematográfica Elaine Riley da RKO Rádio) e publicado na sobre-capa deste número, venha a ser copiado por muitas de nossas leitoras, tão audacioso éle se nos afigura. Mas não tenhamos a menor parcela de dúvida: alguém há de aproveitar esse simulacro de chapéu, com a copa em miniatura e as penas de aves em número tão reduzido... Tão certo é que as modas hoje aparentemente "avançadas", conseguem transformar-se, muitas vezes, em coisas vulgaríssimas, para as quais ninguém acaba dando a maior atenção. De qualquer modo, registre-se o modelo da capa e esperemos vê-lo, na primeira oportunidade, ali pela Cinelandia...

Neste mesmo número, os leitores vão encontrar, além das seções costumeiras, tres grandes reportagens. A ultima da série Ouro Preto, outra sobre a personalidade artística de Made-

leine Rosay, e a terceira pondo novamente em evidencia, por determinação da questuncula judicial, o "caso" ruído da literatura de alem-túmulo em que se envolveu o nome consagrado de Humberto de Campos. Convém destacar ainda o serviço fotográfico sobre "Bodas de Sangue" e a parte feminina, amplamente desenvolvida.



Outra fase do "caso" Humberto de Campos

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use Regulador Gesteira sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar Regulador Gesteira

CURIOSIDADES:

"Le jour de gloire est arrivé"	3
A guerra em marcha	20-22
García Lorca no Teatro Brasileiro	32-34

SEÇÕES:

A Semana em Revista	8
---------------------	---

CARICATURAS:

De Bom Humor	6
"Charge" de Raul	56

NOVELA:

"Covardia"	57-58
------------	-------

Fotografias de Arnaldo Vieira.
Ilustração de Arcindo Madeira.

A REVISTA DA SEMANA não se responsabilisa pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

Só publicamos colaborações solicitadas por esta redação.

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866

a Semana em Revista

CHEGOU A VEZ DO CACHORRO



Não mundo mecanizado, em que a roda passou a desempenhar um papel preponderante nos transportes, multiplicando a velocidade dos veículos, o cavalo, este amigo fiel do homem desde os meados da civilização, começou a perder gradativamente o prestígio que desfrutara até então. Apenas no interior este valente animal é empregado na tração, e o seu aparecimento nas ruas da cidade, mesmo nesta época de falta de gasolina, constitui um fato capaz de chamar a atenção.

Assim, de amigo e colaborador do homem no trabalho penoso, onde seus músculos e sua inteligência tinham um papel de relevo, passou a ser um artigo de luxo, usado apenas pelos *grã-finos*, em concursos lúpicos, em passeios ou nas corridas do turf.

A própria guerra, que dava aos cavalos oportunidade para se tornarem famosos, montados pelos grandes comandantes de homens, mecanizou-se quase totalmente, perdendo mesmo o seu aspecto épico. Não se observa mais com *jeisson* uma carga de cavalaria capaz de decidir a sorte de uma batalha.

Se Patton em vez de realizar as suas fulminantes ofensivas dentro de um tanque, o fizesse cavalgando um fogoso corcel, evidentemente passariam os dois à história, para serem imortalizados em bronze.

Se Rokossovsky tivesse investido pela Criméia acossando as desbaratadas tropas nazistas, cavalgando um cavalo branco, os futuros livros de história teriam uma bela ilustração.

Mas nada disso aconteceu. O desprestígio dos cavalos parece evidente. A sua época já passou.

E como diz o provérbio — "rei morto, rei posto" — parece ter "chegado a ocasião dos cães".

Percebendo a coisa, este fiel amigo do homem não perdeu ocasião, forçando o cartaz. Nunca os noticiários de jornais se ocuparam tanto com os cães como atualmente.

Reportagens de guerra relatam feitos gloriosos de cães-heróis, amestrados para as agruras de batalhas sangrentas. Cachorros combatentes recebem medalhas e praticam feitos espantosos, chegando a aprisionar inimigos.

Telegrama de Londres conta-nos a captura de cães policiais amestrados que trabalhavam para o inimigo. Entre outras habilidades reveladas por esses animais nazificados, está a de se lançarem furiosamente sobre todas as pessoas fardadas que se aproximam. Entretanto, queremos acreditar que entre os cães nazistas estes não são os piores nem os mais ferozes.

Até no cinema, o velho *Rik "in-Tin"*, da nossa infância, encontra um digno sucessor nesta cachorra quasi humana que apareceu na última semana.

E o mais interessante na notícia é que os cães estavam sendo submetidos a "interrogatório".

Isto sem falar em casos de agressões caninas que se multiplicaram ultimamente a ponto de alarmar o público e obrigar as autoridades a tomarem providências.

E, como se não bastasse, aparece-nos agora uma notícia horrorisante de Santos, que parece ter resolvido tirar a Belo-Horizonte o privilégio de produzir fenômenos.

Como esta história de quintuplos entre a raça canina é "café pequeno" esta cachorra de Santos resolveu dar à luz "um monstro completamente deformado, com um só olho localizado no centro da testa, sem focinho e sem boca além de outras anomalias congênitas", segundo nos informa o telegrama. Este ciclópico representante da raça canina parece encerrar a série de notícias sensacionais sobre os nossos bravos amigos. Provavelmente o monstro não será entrevistado pela imprensa, uma vez que não tem nem boca para "latir" as suas opiniões.

AINDA O MODERNO SUPPLICIO DAS FILAS



Evidentemente o assunto não é novo. Não é da semana que passa mas de todos os dias. Ninguém desta nossa heróica e leal Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro desconhece o que ele representa e pouquíssimos serão aqueles privilegiados que não o experimentaram.

A imprensa e este mexgotável bom humor do carioca, que toca as ruas da resignação evangélica, já exploraram no máximo possível os aspectos humorísticos ou cômicos que a sua boa vontade pode encontrar nas filas.

Humoristas e caricaturistas da cidade focalizaram o assunto registrando nas páginas das revistas e dos jornais este imperceptível documento da resistência e espírito de resignação que poderão servir de exemplo para os pósteros, bem que nem de longe lhes desejemos a repetição de um período de tantos sacrifícios como este que atravessamos.

Mas parece que já agora não é mais possível bom humor em face de um suplício que se prolonga indefinidamente, sem mesmo uma remota esperança de que venha a desaparecer ou de que estejam sendo tomadas providências neste sentido.

Final parece que a vida do carioca reduz-se a uma espera interminável em todas as espécies possíveis e imaginárias de fila que vai desde a compra de ingressos nas bilheterias dos cinemas e teatros até a espera ansiosa de um pouco de leite e de carne.

É natural que o povo comece a sentir-se cansado e não é difícil de imaginar que, depois de um dia de trabalho estafante, a espera de um ônibus, durante quarenta minutos e até mesmo uma hora, não permita uma grande alegria entre a multidão exausta que compõe as filas. O lado humorístico da questão está mais do que explorado. Resta agora o aspecto trágico. Urgem as providências para evitar esta verdadeira neurose que se alastra pela cidade: a neurose das filas.

HEROISMO E SACRIFICIO DE VARSOVIA



Roma, Paris, Bucareste, Bruxelas são marcos, são etapas decisivas da libertação do continente europeu, que se processa num ritmo cada vez mais acelerado, com a gradativa expulsão das hordas nazistas de todos aqueles lugares onde por quatro anos deram expansão aos seus instintos criminosos e sádicos.

A libertação dessas capitais que nos habituamos a considerar como centros de cultura e de civilização vem anunciar ao mundo a aproximação da aurora de dias melhores quando as forças da agressão estiverem definitivamente esmagadas e varridas da face da terra.

O contraste entre a alegria que nos trazem essas notícias e a dolorosa situação de Varsóvia torna-a

ainda mais dolorosa.

Parece que a Polónia foi designada pelo destino como teatro dos mais pungentes dramas da história e seu povo deve pagar sózinho todas as culpas da humanidade.

Quando, em 1939, Hitler invadiu a gloriosa pátria de Kosciuszko, iniciando a tropéa de crimes que se prolongaram até agora, a Polónia, primeira vítima da sêde de conquistas e do desvario do cabo, pôde demonstrar a sua capacidade de luta oferecendo uma desesperada resistência.

Vencida afinal pela esmagadora superioridade do inimigo, não pôde este entretanto encontrar entre o povo polonês um só traidor como aconteceu em quasi todos os países dominados pelos nazistas e dos quais Quisling é o triste símbolo que passará à história como um judas em ponto grande, o judas do seu povo e da humanidade.

Vingando-se dessa resistência dos poloneses, os nazistas fizeram no seu país a experiência de como se pôde varrer a memória de um povo. Experiência que teve, como estamos vendo, o mais fragoroso insucesso. A Polónia continua a existir e os poloneses, quasi desarmados, famintos, miseráveis, enfrentam nas ruínas da sua capital os dominadores e algozes do seu povo, escrevendo com sangue uma das mais gloriosas e trágicas páginas da história.

A Polónia será também libertada e o episódio da sua resistência será perpetuada na memória dos povos.

"CARNESILLA" E "LECHECILLA"



Como estamos falando em "filas", vem a propósito a questão do abastecimento de carne e leite que está sendo estudada pelo Serviço de Abastecimento procurando, se não solucionar completamente, pelo menos remediar a crise de ambos os produtos nesta capital.

E mais uma vez somos obrigados a recorrer ao exemplo de outros países que se encontram empenhados fundamentalmente na guerra e que estão vencendo galhardamente esses problemas, lutando embora com dificuldades tão grandes ou maiores do que aquelas que enfrentamos. É o caso da Inglaterra onde a produção de leite aumentou consideravelmente desde o começo da conflagração mundial.

Mas voltemos ao nosso caso. Retornando à direção da Comissão Consultiva do Serviço de Abastecimento, o comandante Amaral Peixoto noticiou ter o sr. Mario de Oliveira seguido para Buenos Aires afim de estudar as possibilidades de aquisição de carne argentina para o consumo da população carioca. Por outro lado, na mesma seção, o sr. Mario de Oliveira fez algumas considerações sobre o abastecimento de leite. Aventou-se então a idéia da importação de leite em pó, que nos seria mandado também de Buenos Aires.

Possivelmente muitos cariocas ficarão alarmados com a notícia. É que, de acordo com o provérbio, "gato escaudado tem medo de água fria". E daqui fazemos um apelo a "nuestros hermanos". Piedade. "Pátria Hermana". A experiência da "mantequilla" foi dolorosa. Não nos maltratem agora com a "carnesilla" e a "lechequilla".

OUTRA FASE DO "CASO" HUMBERTO DE CAMPOS

FALAM O ADVOGADO DA FAMÍLIA E O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA — IRÁ O CASO AO FÔRO CRIMINAL — UM VERDADEIRO ESTUDO LITERÁRIO DAS OBRAS DE HUMBERTO DE CAMPOS E DE CHICO XAVIER — OS CACÓFATOS E OS PLÁGIOS DO "MEDIUM" DE PEDRO LEOPOLDO — CONTESTAÇÃO DO SR. WANTUIL DE FREITAS — OS VERSOS DE CHICO XAVIER QUE SAIRAM NO "JORNAL DAS MOÇAS" — "GRAVES CONSEQUÊNCIAS PARA A LIVRARIA EDITORA E PARA CHICO XAVIER" — "OS POETAS TAMBÉM PODEM SER "MEDIUNS" E VICE-VERSA".

Reportagem de *Paulo de Salles Guerra*

NOS Estados Unidos o caso teria uma repercussão internacional. Os jornais e revistas se movimentariam freneticamente. Talvez fossem mandadas tele-fotografias para o mundo inteiro. E as manchetes sensacionalistas estariam gritando no alto das páginas das publicações de todas as espécies. Provavelmente já estaria sendo escolhido o cast para um filme que focalizasse o "caso", tendo os diretores o cuidado de declarar previamente: "qualquer semelhança será mera coincidência".

Acontecimento ímpar na história dos processos judiciais, surge no Rio o caso de um espírito que deveria comparecer ante a justiça.

Ante o brado de alarma da REVISTA DA SEMANA toda a imprensa se movimentou.

Os jornais seguem as fases do processo. A família de Humberto de Campos intenta uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira, com o fim de verificar a autenticidade da obra, determinando as relações daí decorrentes.

Levado o caso a juízo, ficou decidido, de acordo com a sentença do juiz dr. Mourão Russell, que a família de Humberto de Campos não poderia pretender direitos autorais sobre as supostas produções literárias atribuídas ao espírito do escritor, concluindo ainda que:

"Do exposto se conclui que, no caso vertente, não há nenhum interesse legítimo que dê lugar à ação proposta."

O caso parecia pois terminado e os jornais não mais se ocuparam dele.

Entretanto, subimos que a família do conhecido escritor não se daria por vencida. A REVISTA foi então procurar o dr. Milton Barbosa, com o intuito de obter desse ilustre causídico maiores esclarecimentos sobre a questão.

Com aquela fluência que lhe é peculiar, sabendo do que se tratava, o dr. Milton Barbosa foi nos declarando:

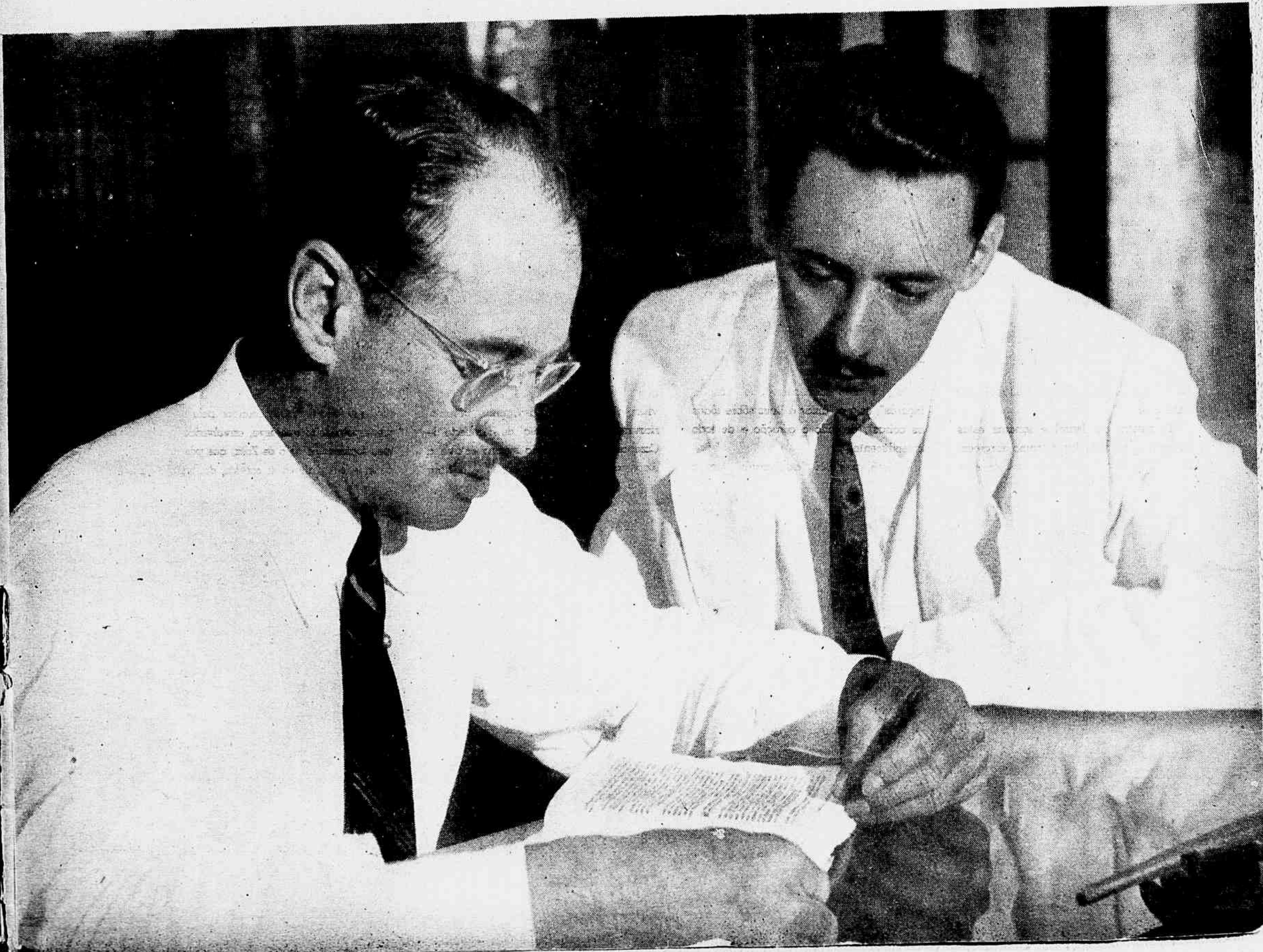
— Quando ajuizei, em nome da viúva Humberto de Campos, a ação declaratória que tanta celeuma vem causando no País, apressei-me, em entrevistas a jornais desta capital, em afirmar que a solução final deveria ser confiada a uma comissão de cientistas e não de literatos, por isso que o estudo do estilo das obras psicografadas em cotejo com o estilo das obras do autor vivo não resolveria o problema.

— "Quiz com isso deixar claro que qualquer semelhança de estilo entre a obra mediúnica e a obra produzida em vida por Humberto de Campos não poderia ter maior significação para a solução do problema, dada a possibilidade de assimilação de estilos — A la manière de... — como é público e notório, e tem sido demonstrado por diversos escritores, principalmente franceses.

— Admite então que haja semelhanças entre as obras de Humberto de Campos vivo e as obras ditas psicografadas pelo "medium"?

— Se algumas semelhanças podem ser descobertas em trechos psicografados por Chico Xavier com o estilo de Humberto de Campos — semelhança explicável com a leitura atenta das obras do grande me-

O dr. Milton Barbosa, advogado da família do escritor Humberto de Campos, faz algumas declarações sensacionais em torno do sensacional processo.





O dr. Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira, quando nos mostrava a contra-minuta de agravo. O "caso" Humberto de Campos volta novamente ao cartaz. O nosso entrevistado refuta algumas acusações do advogado da família do conhecido escritor.

morialista maranhense — elas não me impressionam absolutamente.

— E tem encontrado frequentemente essas semelhanças?

— Tal semelhança é rara, pois a obra psicografada é muito inferior, como se poderá demonstrar facilmente.

O advogado levanta-se e apanha um livro.

— Isto é apenas um exemplo — diz. Tratava-se de um livro mediúnico. "Boa Nova" era o título. O nosso entrevistado abre e lê:

"És mestre em Israel e ignoras estas coisas? — inquiriu Jesus" como surpreendido. É natural que cada um somente testifique daquilo que saiba; porém, precisamos considerar que tu ensinas. Apesar disso não aceitas os nossos testemunhos. Se falando eu de coisas terrenas sentes dificuldades em compreendê-las com os teus raciocínios sobre a lei, como poderás aceitar as minhas afirmativas quando eu disser das coisas celestiais? Seria loucura destinar os alimentos apropriados a um velho para o organismo frágil de uma criança."

E olhando para o redator:

— Observou este cacófono: "Que cada"? E este verbo. Já ouviu alguém dizer "testifique"? O verbo para o caso seria "testemunhar", é claro. Acha o senhor possível que um escritor como Humberto de Campos escrevesse estas coisas?

E o dr. Milton prosseguiu:

— Escute este outro trecho:

— Ainda não ponderaste, talvez, que o primeiro mandamento da lei é uma determinação de amor. Acima do "não matarás", do "não adulterarás", do "não coibiarás", está o "amar a Deus sobre todas as coisas", de todo o coração e de todo entendimento."

— Será que este "adulterarás" tem a sua raiz no verbo adulterar, ou trata-se de palavra oriunda de adultério?

— E quanto à Federação Espírita?

— A atitude dessa Federação causou profunda decepção entre todos aqueles que, como eu, acreditavam na sua lealdade e boa fé.

Atribuindo a Humberto de Campos as obras psicografadas por Chico Xavier, não vejo como pudesse tão alta entidade religiosa esquivar-se da prova da sua legítima procedência. Não vejo como possam

impressionar seus argumentos de que tal elucidação é ilícita, invocando como defesa o direito assegurado pela Constituição à liberdade de crença. E não contente com esta esquivia alega ainda a Federação, através de quase duzentas páginas da erudita contestação, a impossibilidade de "invocação" de um "espírito". Ora, justamente ao contrário dessa tese, um grande espírito brasileiro, líder incontestável do espiritismo no Brasil, o sr. Elifgênio de Sales Vitor, em famosa entrevista à "O Globo", assegurou, perentoriamente, que o "espírito" de Humberto de Campos garantiu que o mesmo estava à disposição do juiz para o dia e a hora em que fôsse necessária a sua presença para verificação da sua sobrevivência e da sua operosidade literária. Também um outro famoso líder espírita, conhecidíssimo em todo o Brasil, cuja palavra é de grande autoridade entre os crentes da doutrina de Allan Kardec, chegou a exibir a um dos brilhantes redatores desta revista os autógrafos de Humberto de Campos devidamente autenticados pelo grande escritor, com o mesmo talho de letra e com as mesmas peculiaridades gráficas do tempo

em que era vivo o notável autor de "Os Párias".

E agora tudo se esvaiu, tudo se esbateu como fumo... Em vista disso, que poderemos pensar da lealdade da Federação Espírita Brasileira? Tinha a impressão de que ela entrou nesse pleito com lealdade e boa fé, positivamente convencida da procedência da obra mediúnica apresentada por Chico Xavier.

Estudando este caso tenho me lembrado frequentemente do famoso processo Dreyfus, que todo o mundo conhece pela enorme repercussão que teve, envolvendo nomes famosos como o de Zola, que pôs sua pena e seu talento a serviço da justiça no seu livro "J'accuse!".

A situação da Federação Espírita no caso presente parece-me semelhante à do Estado Maior Francês no processo Dreyfus, cuja desmoralização, por ocasião da revisão do processo, forçou alguns dos seus mais íntegros membros a falsificar documentos, inventar provas para contestar uma precipitada e injustificável atitude inicial de acusação ao inocente israelita.

— Considera a Federação Espírita em situação falsa?

Humberto de Campos

Assinatura de Humberto de Campos, no título do conhecido escritor.

Francisco Cândido Xavier

Assinatura do "medium" de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier.

— Isto parece evidente. Ela já deve ter sentido a precariedade de sua posição no pleito e tenta, por processos pouco justificáveis, evitar, a todo transe, as possibilidades de realização das diligências imprescindíveis para a constatação da legítima procedência das produções mediúnicas. De outro modo não se explica a sua alegação de que a ação é imprópria, de que é ilícita por atentar contra a liberdade de crença, e de que é impossível "invocar" o "espírito". Se tudo leva a crer-se que se trata de uma mistificação, de um embuste, de uma falsa imputação de uma autoria e de uma usurpação de nome, para efeito de propaganda religiosa e de lucro comercial, a oposição à prova pleiteada pela família do escritor deveria impor-se aos olhos dos próprios dirigentes do espiritismo brasileiro.

— E quanto à sentença do juiz?

— Admito, para argumentar, que a ação possa ser julgada imprópria. Mas para onde nos levará a Federação Espírita Brasileira com tão sistemática e calorosa oposição?

— Acredita que a ação irá ao Fôro Criminal?

— Quanto a isto não há a menor dúvida. E isto terá graves e compreensíveis consequências, prejudiciais, não só à religião espírita, como ao "medium" Chico Xavier e à livraria editora.

— A sentença será então reformada?

— A sentença prolatada pelo ilustre juiz Mourão Russell consagrou, de modo solene, o embuste. E não é possível que não seja reformada, pelo menos nessa parte, pois é absurda a sua conclusão, considerada a autora carecedora de ação.

— E quanto à obra mediúnica de Chico Xavier?

— Parece-me que justifiquei, no recurso interposto, a inteira procedência da ação declaratória. Tenho a impressão de que, na vulgaríssima obra psicografada, os trechos aproveitáveis são meros plágios da obra autêntica. E as idéias interessantes foram colhidas e constituem mera reprodução do que se encontra na vasta e notável obra de Humberto de Campos. Citei, no recurso que interpus, alguns desses plágios, mas há muito mais...

O senhor mesmo poderá confrontar esses dois trechos, um da obra autêntica de Humberto de Campos e outro de Chico Xavier.

O causídico mostra-nos o livro "Brasil Anedótico", de Humberto de Campos, e aponta-nos um trecho, intitulado "A Lei das Aposentadorias".

"Chegada ao Rio de Janeiro em 1808 a família real portuguesa com todo o seu séquito de fidalgos e fâmulos, foi posta em execução a chamada lei das aposentadorias, a qual obrigava os proprietários e inquilinos a mudarem-se, cedendo as casas para residência dos criados e servidores do rei. Bastava que o fidalgo desejasse uma casa para que o juiz aposentador intimasse o morador por intermédio do meirinho, que se desempenhava do seu mandato escrevendo sumariamente na porta, a giz, as letras P. R. Estas significavam "Príncipe Regente" ou, como interpretava o povo, "ponha-se na rua".

Era Agostinho Petra de Bitencourt juiz aposentador quando, um dia, lhe apareceu um fidalgo, requerendo aposentadoria em uma excelente casa, apesar de já ter uma. Dias depois veio pedir-lhe mobília e, finalmente, escravos.

Ao receber o terceiro pedido, Agostinho Petra, que acompanhava a indignação do povo com tantos abusos da Corte, gritou para a esposa, no interior da casa:

— Prepare-se, dona Joaquina, que pouco tempo podemos viver juntos.

E indicando, para a mulher, que acorressa, o fidalgo insaciável:

— Este senhor já duas vezes me pediu casa, depois mobília e agora criado. Brevemente quererá também mulher, e como eu não tenho outra senão a senhora, ver-me-ei forçado a servi-la!"

Depois mostrou-nos o livro psicografado pelo "medium" Francisco Cândido Xavier, "Brasil, Coração do Mundo", indicando-nos à página 123 o trecho seguinte:

"D. JOÃO VI NO BRASIL

A chamada lei das aposentadorias obrigava todos os inquilinos e proprietários a cederem suas casas de residência aos favoritos e aos fâmulos reais. Bastava que qualquer fidalgo desejasse este ou aquele prédio, para que o Juiz Aposentador efetuasse a necessária intimação, a fim de que fôsse imediatamente desocupado. Ao oficial da justiça, incumbido desse trabalho, bastava escrever na porta de entrada as letras "P. R.", que se subentendiam por "Príncipe Regente", inscrição que a malícia carioca traduzia como significando "ponha-se na rua".

Moreira de Azevedo conta-nos em suas páginas que Agostinho Petra Bitencourt era um dos juizes aposentadores ao tempo de D. João VI, quando lhe apareceu um fidalgo da Corte, exigindo pela segunda vez uma residência confortável, apesar de já se encontrar muito bem instalado. Decorridos alguns dias, o mesmo homem requer a mobília, e daí a algum tempo solicita escravos. Recebendo a terceira solicitação, o juiz indignado em face dos excessos da corte do Rio, exclama para a esposa, gritando para um dos apartamentos da casa:

— "Prepare-se, d. Joaquina, porque por pouco tempo poderemos estar juntos..."

E indicando à mulher, que viera correndo atender ao chamado, o fidalgo que ali esperava a decisão, concluiu com ironia:

— "Este senhor já por duas vezes exigiu casa; depois pediu-me mobília, e agora vem pedir criados. Dentro em breve desejará também uma mulher, e como não tenho outra senão a senhora, serei forçado a entregá-la."

— E' fácil, confrontando os dois textos, perceber o plágio.

O nosso entrevistado se entusiasmava, procurando demonstrar as suas razões.

— E não é apenas isto. Poderia mostrar muitos outros trechos semelhantes. Parece-me evidente que Francisco Xavier tem mesmo alguns pendores literários. Provavelmente já estará informado de que em 1932 o "medium" já era poeta. Colaborava no "Jornal das Moças". Seus versos, embora de inspiração pobre, eram metrificados, com boa técnica. Veja estes:

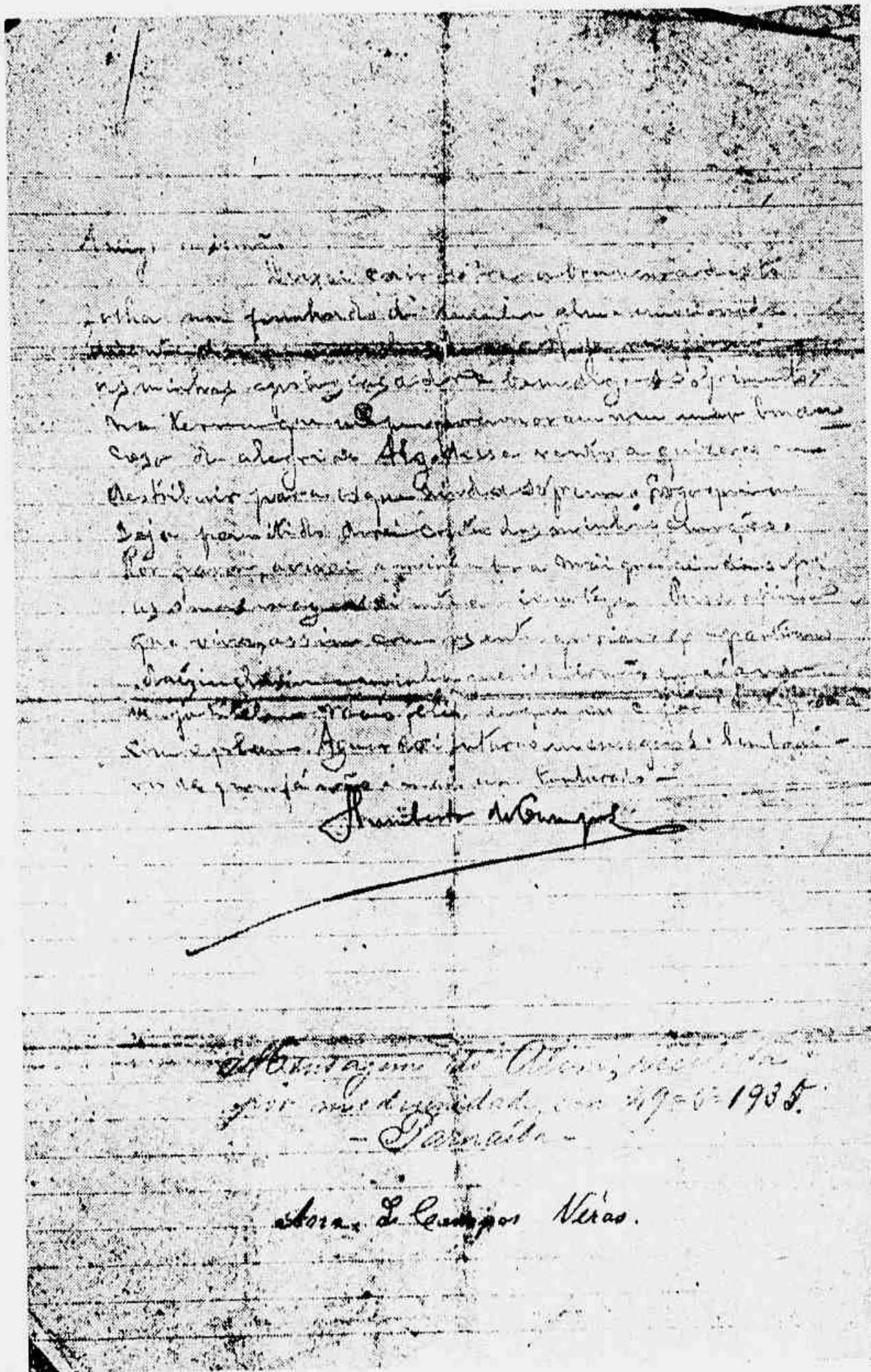
"SOBRE A DOR

Suporta calmo a dor que padeceres
Convicto de que até dos sofrimentos,
No desempenho austero dos deveres,
Mana o sol que clareia os sentimentos.

Tolera sempre as máguas que sofreres,
Em teus dias tristonhos e nevoentos.
Há reais e legítimos prazeres
Por trás dos prantos e padecimentos.

A dor, constantemente, em toda parte,
Inspira as epopéias fulgurantes,
Nas lutas do viver, no amor, na arte;

Nela existe uma célica harmonia,
Que nos desvenda, rápidos instantes,
Mananciais de lídica poesia!"



Fotografia de uma carta do "medium" sr. Alarico Cunha, de Parnaíba, alto funcionário da Cia. de Vapores Booth, cuja mediunidade consiste em receber as mensagens com a letra e a assinatura dos próprios autores. Aqui vemos uma carta ditada pelo espírito de Humberto de Campos, tendo a progenitora do grande escritor assinado em baixo, reconhecendo a letra de seu filho.

O "medium" Francisco Cândido Xavier, que volta a ocupar novamente a atenção da Cidade com o caso das obras de Humberto de Campos.





O grande escritor Humberto de Campos, no seu fardão de mortal, quando ingressou na Academia Brasileira de Letras.

Além, os jornais já haviam noticiado essa habilidade do famoso "medium" de Pedro Leopoldo.

Segundo o critério de imparcialidade absoluta que até agora vem mantendo em torno do momento "caso" Humberto de Campos e das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, a REVISTA DA SEMANA quer saber como se manifestava a Federação Espírita Brasileira sobre esta nova fase do processo.

Nesse intuito fomos procurar o seu presidente, sr. Wantuil de Freitas.

— Quanto às poesias de autoria de Chico Xavier publicadas no "Jornal das Mãos", posso declarar que não as conheço. Mas estou ao par da história.

Quando os espíritos preparavam o "medium" em exercícios mediúnicos para a missão que deveria realizar, seu irmão, José Cândido, que então nada conhecia do espiritismo, ficou entusiasmado com a "voz poética" que supunha existir no Chico, e então ele, José Cândido, juntando as suas logografias às poesias recebidas pelo irmão, encaminhava-as às revistas, contra a vontade do Chico que, desde então, asseverava que as produções não eram suas. Isto durou até o ano de 1932.

Assim que conseguiu uma dessas poesias poderul enviá-la ao Chico, para que ele diga qual foi o espírito que a ditou.

Ainda que Francisco Xavier fosse poeta, meu amigo, não haveria motivo para acusá-lo. Os poetas também podem ser "mediums" e vice-versa.

— E quanto à qualidade da obra de Francisco Xavier, na opinião do dr. Milton Barbosa, nitidamente inferior às produções de Humberto de Campos?

— Esse assunto foi eficientemente esclarecido pelo nosso advogado. Mostra o dr. Carlos Imbassahy que nas citações do advogado da família do escritor não se vê nenhuma onde se possam encontrar vícios imperdoáveis da linguagem. Os erros que aí se encontram, ligeiras consonâncias, ecos, não podem ferir os mais apurados ouvidos. Não constituem verdadeiros cacófonos, dentro da definição dos gramáticos e filólogos.

Além, esses vícios podem ser encontrados nos melhores escritores da nossa língua.

— Os cacófonos empregados por Humberto de Campos na obra psicografada são encontrados a cada passo pelos melhores maneiristas da prosa. Por que não se empregaria Humberto?

Poderíamos dar, ao acaso, diversos exemplos dessas distrações praticadas pelas exortações máximas da nossa língua. Cuidemos os fez em quantidade. Além da qual famosa e conhecida "Alma minha", encontramos ainda:

Solter não pode ali o gama mais
"Entrava a formosíssima Maria"

E de Vieira:

"Que se chama Maria"

"Se as não tem feito".

De Frei Luiz de Souza:

"Sem outra como mais que uma táboa"

"De nenhuma maneira podia caber con-

Isigo

De Camilo:

"...Pegaihe que a não venda",

"com a condição de a não vender".

De Castilho:

"Se a não procurem".

haveria necessidade de plagiar naquela narrativa feita em termos comuns.

Limitamo-nos a repetir a opinião do Eustre balnearista mineiro, desembargador Mario Mattos:

"O estilo de Humberto morto é 'mais vivo' do que Humberto-vivo".

Muitos dos plágios apontados são aliás transcrições de trechos de outros livros e se encontram entre aspas, na obra psicografada.

— O dr. Milton Barbosa citou-nos também alguns trechos de Humberto em que o escritor mostrava-se um verdadeiro céptico.

— E acha que, mesmo depois de se ter transformado em espírito, rodeado de outros espíritos, deveria continuar a descrever do espiritismo?

Há ainda outro ponto interessante a comentar. É o que se refere à frase do espírito de Humberto: "Eu que era tão perverso". Como está muito bem observado na contramimuta, estas frases já eram encontradas na sua obra escrita em vida: "E eu, miserável pecador". "Eu

o último filho de um século que bebeu veneno no borge".

— Será produzida a prova da manifestação do espírito?

— Evidentemente, o fenômeno não se poderá produzir contra certas leis. Não são apenas os espíritos e os "mediums" que sabem disso. O fato é conhecido pelos próprios cientistas. Experiências que chegam ao resultado desejado em determinadas circunstâncias, provando o que se quer demonstrar, falham outras vezes pela ausência de algum elemento.

O espiritismo não procura esconder os fenômenos de ordem mediúnica. Milhares de pessoas, não apenas no Brasil mas no mundo inteiro, entre elas figuras de destaque, absolutamente insuspeitas, tiveram ocasião de presenciar esses fenômenos. Agora o que não podemos é produzi-los em tempo e lugar determinados.

Despedimo-nos do sr. Wantuil. O presidente da Federação Espírita Brasileira acompanhou-nos até a porta. Aconselhou-nos s. s. a que fôssemos procurar o dr. Imbassahy, advogado da Federação:

— Provavelmente o dr. Imbassahy tem algumas declarações interessantes a fazer sobre o caso, e poderia mesmo o ilustre causídico esclarecer certos pontos da questão.

Inelizmente a falta de tempo não permitiu que fôssemos procurar o ilustre advogado que tão brilhantemente vem defendendo a Federação.

— Quero ainda que dê uma explicação aos leitores da REVISTA DA SEMANA — disse ainda s. s. E' quanto à acusação de que um dos volumes da obra psicografada já foi traduzido para o castelhano, a fim de ser lançado no mercado hispano-americano por uma editora argentina. Isto é verdade. Cumpre entretanto esclarecer que a Federação Espírita Brasileira não cobrou direitos autorais do editor argentino.

E o sr. Wantuil esboçava um sorriso.

Aqui ficam as duas entrevistas. Com quem está a razão?

Com a família do notável escritor? Com a Federação Espírita?

A argumentação é forte de ambos os lados. Limitamo-nos a apresentar aos nossos leitores esta fase nova do sensacional caso, para que possam julgar.



Seria fastidioso continuar a citar exemplos dessa natureza.

Na própria obra de Humberto de Campos, cronista operoso que não dispunha de tempo para atender a esses detalhes, em vista do vulto da sua produção, encontramos cacófonos, como estes:

"Cuidassem dele como ela cuidara"

("Sombras que sofrem", 4.^a edição, pág. 46, linha 21).

"E deixo-as não como Ilsonja" (idem, pág. 28, linha 1).

"...a mulher como ela é"; (Lagartos e Libelulas, 4.^a edição pág. 28, linha 1).

— Mas a obra de Chico Xavier...

— Nada fica provado quanto ao mau gosto alegado em relação à produção literária do "medium". Como não ignora, são muitas as opiniões em contrário.

Quanto à afirmação de que a parte proveitável desta obra não passa de grosseiro plágio, foi também ela refutada pelo nosso advogado. Os trechos de "Brasil anodótico", que são indicados como plagiados por Francisco Xavier, não podem ser considerados como tais. Qualquer escritor, relatando em nova obra o que já dissera em outra, repete frequentemente as mesmas expressões. Ademais, não

Ao alto — Diversas personalidades de destaque nas letras e na política seguram as alças do caixão de Humberto de Campos, no saimento da urna funerária.

O escritor continua cada vez mais vivo através da sua obra.

Em baixo — A urna com os despojos do autor de "Memórias" quando era colocada no carro fúnebre.



NO MUNDO ENCANTADO DE MADELEINE ROSAY



Uma história que começa num quarto cheio de livros e prossegue no Municipal — De uma homenagem sincera a um sucesso estrondoso — O que o público desconhece e desejava saber — Do tic-tac monótono de um relógio ao contacto com a platéia — Comendo filet-mignon e deixando de lado o regime.

Texto de ARMANDO MIGUEIS



QUE PREGUIÇA! ESTÁ COMEÇANDO UM OUTRO DIA NA VIDA DE MADELEINE ROSAY. E NA INTERPRETAÇÃO DA ESTRELA, QUE POR SINAL AQUI NÃO ESTÁ FAZENDO "FITA", ESTE PECADO FICA DELICIOSO. E O QUE NÃO SERIA DELICIOSO INTERPRETADO POR MADELEINE?

ERA uma vez uma garotinha muito meiga. Passava tardes inteiras cercada de uma porção de livros, a ensinar alunos imaginários que a sua mentalidade infantil creava para sua própria distração.

— Chiquinho, você é um menino muito vadio. Precisa estudar para ama-

nhã tornar-se uma grande figura. Olhe, não fique zangadinho com a professora, ela fala para seu benefício...

E, assim, os dias decorriam felizes para aquela criança que almejava ter uma porção de alunos para ensinar, embora no volumoso livro do destino sua carreira estivesse traçada de modo bem diverso.

Uma tarde, como nessas histórias de princezas adormecidas e de príncipes encantados, a meninazinha que lecionava saiu com sua mamã para falar com um senhor muito importante que trabalhava numa sala cheia de objetos exquísitos e de livros complicados. Ele a mandou tirar o vestidinho engomado,

DESSA VEZ POREM A COISA É MAIS SÉRIA. É PRECISO CONSERVAR OS MUSCULOS EM FORMA PARA EXECUTAR AS VARIAÇÕES COREGRÁFICAS QUE LHE DERAM FAMA. POR ISSO ELA ENTREGA A PERNA À SANHIA DO MASSAGISTA. O TRABALHO É ARDUO DE PARTE A PARTE, A JULGAR PELA EXPRESSÃO DE AMBOS.



NATURALMENTE A SUA CORRESPONDENCIA É GRANDE. OS *Jans* QUEREM CONHECER TODOS OS DETALHES DA VIDA DA ARTISTA. NÃO HA NADA MAIS INDISCRETO DO QUE UM *Jan*. E ALEGREMENTE ELA SE PREPARA PARA RESPONDER AOS ADMIRADORES.

colocando-lhe uma toalha nas costas à qual encostou o ouvido. — "Respire forte", ordenou. Ela obedeceu à ordem. — "Outra vez... mais outra..." Pronto.

Terminado, o senhor importante fez uma série de recomendações, inclusive a de que a mãe da menina deveria inscrever-la num curso de *ballet*. Ela necessitava de exercícios leves por ser muito fraquinha e a dança poderia desenvolver o seu físico, tornando-a uma criatura forte, livre de qualquer raquitismo. A boa senhora abriu a bolsa, puxou uma nota que passou às mãos do médico, reíndo-se para casa, uma casa bonita ali na Avenida Pedro Álvares Cabral, de onde ela namorava o mar sempre inquieto.

Abriu-se um novo mundo aos olhos verdes da garotinha que agora contava oito primaveras. Seu nome, Magdalena Rienzweig, foi mudado para Madeleine Rosay. Seus livros foram trocados por outros mais sérios. Ao invés de professora, passou a ser discípula de Maria Olenewa, a mestra de todas as meninas que ambicionavam tornar-se continuadoras da arte de Isadora Duncan. Não mais acordou à hora em que o seu corpo requeria, passando a ter a obrigação de um horário, pois os minutos, na vida de uma bailarina, têm um valor inestimável. Tudo mudou completamente.

Dois longos meses seguiram-se à prescrição daquele senhor importante que outro não era senão o saudoso médico de crianças Dr. Witrock. E a garotinha já iniciava os primeiros passos na difícil arte de Serge Lifar, chegando mesmo a dançar em festinhas íntimas, o que veio contribuir para

despertar o seu interesse pela carreira de bailarina.

Madeleine era das primeiras a surgirem na sala de aulas, procurando estar o mais cedo possível na corda e deixando-se afieirar até depois do ensaio. Desejava progredir, tal como a grande Pavlova. Chegava mesmo a despertar à noite para estudar, esquecida das recomendações do médico.

Certa manhã, acordou muito contente. Mais contente do que nos outros dias, o que levou a mãe a indagar o motivo dessa alegria esfuante. Madeleine, embora não passasse de uma criança, explicou cheia de orgulho: — "Vou dançar hoje *O Guarany*. E, à noite, a platéia exigente da nossa primeira casa de espetáculos aplaudiu uma nova artista que prometia tornar-se um autêntico valor do bailado clássico e do característico.

O calendário não sofre interrupções. A carreira de Madeleine também continua em franco progresso, sendo que seu nome começa a ser pronunciado por milhares de pessoas deslumbradas com os seus maravilhosos passos.

Os sucessos repetem-se. A crítica louva-lhe o trabalho. Os mestres elogiam seu progresso. O público não lhe regateia aplausos. Mas é preciso continuar até atingir a perfeição, sonho que Madeleine deseja tornar-se realidade.

Nova temporada é anunciada. Madeleine pretende render homenagem àquela que em vida foi um exemplo frisante de dedicação à dança. Ana Pavlova receberia o seu preito de admiração ali no palco do Municipal, prestado por uma bailarina brasileira. E a dança, que imortalizou a genial artista de São Petersburgo, glorificou também àquela que a homenageava.

O teatro estava lotado. Havia um *frisson* pela assistência. Todos manifestavam ansiedade. Começa o bailado. O público está em suspense, admirando com os olhos da alma os passos leves e graciosos daquela criaturinha que mais parecia incarnar toda a existência do cisne solitário. Chega a fase culminante dessa maravilhosa criação coreográfica. Madeleine é toda arte. E quantos ali acorreram não podem esconder as lágrimas que os lençinhos de renda recebem. Madeleine Rosay, a notável Madeleine, a garotinha que tanto ambicionava ser professora, atinge o *climax* de sua carreira.

Agora é um casino a interessar-se pela nossa bailarina. Seus passos representam minutos de enlevo. Sua arte é sublime, transportando-nos ao país do sonho e da fantasia. Madeleine atende ao apelo do casino, levando para lá o bailado característico, através de uma criação toda sua e que consegue despertar o interesse de quantos a vêem dançar. É o *Tico-tico no Fubá*, esse ritmo bem brasileiro. Depois, vem



MADELEINE ROSAY EM CARNE E OSSO CONTEMPLA MADELEINE ROSAY EM GESSO. TERIA O ESCULTOR CONSEGUIDO REPRODUZIR TODA A GRAÇA DA ARTISTA? ELA PARECE SATISFEITA NA SUA CONTEMPLAÇÃO. ALIÁS, NÃO É DIFÍCIL ENCONTRAR INSPIRAÇÃO NUM MODELO COMO ESTE.



FLORI GAMA REALISOU ESTA MADELAINE ROSEY EM TAMANHO NATURAL. TRANSPLANTOU PARA A MATÉRIA BRUTA TODA A VIDA, LEVEZA E GRAÇA DA BAILARINA, CONGRUANDO AS DUAS ARTES: ESCULTURA E DANÇA.



O ARTISTA, O MODELO E A OBRA NA ESCOLA DE BELAS ARTES. FLORI GAMA TRABALHA NA ESCULTURA DE MADELEINE ROSAY



AS PLATEIAS NÃO IGNORAM MAIS QUE A VIDA DE UMA ARTISTA NÃO É NADA SUAVE. TRABALHA-SE E TRABALHA-SE MUITO. ATÉ MESMO AS DIVERSÕES E OS PERIODOS DE REPOUSO OBEDECEM A CERTAS NORMAS ESTABELECIDAS, CONVERTENDO-SE ASSIM EM OUTRA OBRIGAÇÃO. MADELEINE ROSAY, ENQUANTO DESCANÇA FAZ *licot*. TALVEZ ELA PREFERISSE SENTAR NORMALMENTE, COMO QUALQUER MORTAL. MAS A LINDA BAILARINA NÃO ESTÁ FAZENDO POSE PARA SER FOTOGRAFADA. NOS INTERVALOS ELA DEVE DESCANSAR ASSIM COM AS PERNAS ESTICADAS, PARA DISTENDER OS MUSCULOS.

NO SEU CAMARIM, NO TEATRO MUNICIPAL, A ARTISTA SE PREPARA. É VERDADE QUE A SUA BELEZA DISPENSARIA ESTES RETOQUES, MAS ISTO É APENAS UMA QUESTÃO DE HÁBITO.



Samba estilizado, outra admirável dança popular da qual Madeleine tira bom partido, provando desse modo saber dançar para a massa e para a elite.

O Dr. Witrock tinha razão. Madeleine não nasceu para viver numa sala escura ensinando uma porção de garotos endiabrados. Seu verdadeiro ofício é a dança. Essa expressão real do belo é que nos faz viver no país das mil e uma noites, onde Madeleine possui o seu reino encantado.

— Mas como será o dia de Madeleine Rosay, essa criaturinha delicada que Flori Gama modelou no gesso? — foi a pergunta que procuramos não deixar sem resposta, satisfazendo desse modo a vontade de quantos já a viram dançar.

Deixando de parte a bonita carreira da feliz criadora de *Tico-tico no fubá*, acompanhemos passo a passo todos os seus movimentos, através de uma reportagem que teve início na sua residência, prosseguiu no Municipal, finalizando entre o bruxolear das luzes, no casino.

O tic-tac monótono de um vagaroso relógio acompanha, minuto por minuto, as horas de descanso de Madeleine que,

após um dia de trabalho intenso, encontra no aconchego macio de um colchão de plumas o repouso necessário.

Mas é esse tic-tac que todas as manhãs, às sete e trinta, a faz despertar para uma nova etapa de sua carreira.

Um novo dia começa! Novos ensaios serão feitos. Outros tantos aplausos serão recebidos. E a vida prossegue como um sonho maravilhoso do qual não gostamos de despertar.

Madeleine prepara-se para enfrentar o chuveiro. E, após um breve garganteado (não a considerem tenor de banheiro, pois seria absurdo), espera-a um delicioso café que manãe faz questão de preparar. Subornado este, caminha para o guarda-roupas á procura do traje que deve vestir, pois a manhã está fria. Ei-lo escolhido, Agora...

— Mamã, um beijinho bem gostoso! Rua afóra, a ex-discípula de Olenewa caminha em busca da fila. Não para comprar carne e sim para conseguir um lugar no ônibus, mesmo que seja dos "oito em pé", salvo se passar um desses cavalheiros que procuram cumprir a campanha "Dê um lugar no seu carro". Ai, a coisa muda de figura, sendo certo um lugar confortável e uma viagem mais rápida, rumo ao Municipal, onde terá começo, oficialmente, o seu dia.

Entre o martelar incessante dos operários encarregados de preparar os cenários da ópera do dia e os melancólicos sons de um piano, Madeleine, já em trajes de *ballet*, prepara-se para começar o ensaio que, digamos por conta própria, é um tanto exaustivo.

A sala do ensaio é ampla, tendo em redor uma enorme barra de metal, afóra os inúmeros espelhos que a guarnecem. E aí têm começo os exercícios diários, exercícios que visam aprimorar as qualidades da bailarina, contando para isso com o concurso de mestres especializados, ensinando as pões mais clássicas, corrigindo os mais insignificantes senões.

Os espelhos também prestam auxílio na correção de defeitos, pois a bailarina pode observar qualquer falha em que porventura incorra, embora algumas vezes eles banquem o "quinta-coluna", segundo nos informou a criadora de *Tico-tico no fubá*. Fingimos acreditar nesse pequeno detalhe, porque, inegavelmente, qual a filha de Eva que, mesmo sem estudar bailado, despreza os serviços prestimosos de um espelho?

Após um exercício rigoroso, vem o momento de folga. E, enquanto o outro ensaio não chega, Madeleine, tendo os pés sobre as costas de uma cadeira, descansa. Descansa, não carregando pedra, mas fazendo tricô.

Possuidora de bastante agilidade, ela vai brincando com a lã, que em breve surgirá num bonito calção, numa elegante *sweater* ou mesmo num vistoso casaco para causar inveja a muita mocinha sem obrigações a cumprir e sem horário para observar.

Terminado esse intervalo, Madeleine volta à barra, prolongando-se o exercício até as doze horas, quando, então, é dado por encerrado o ensaio.

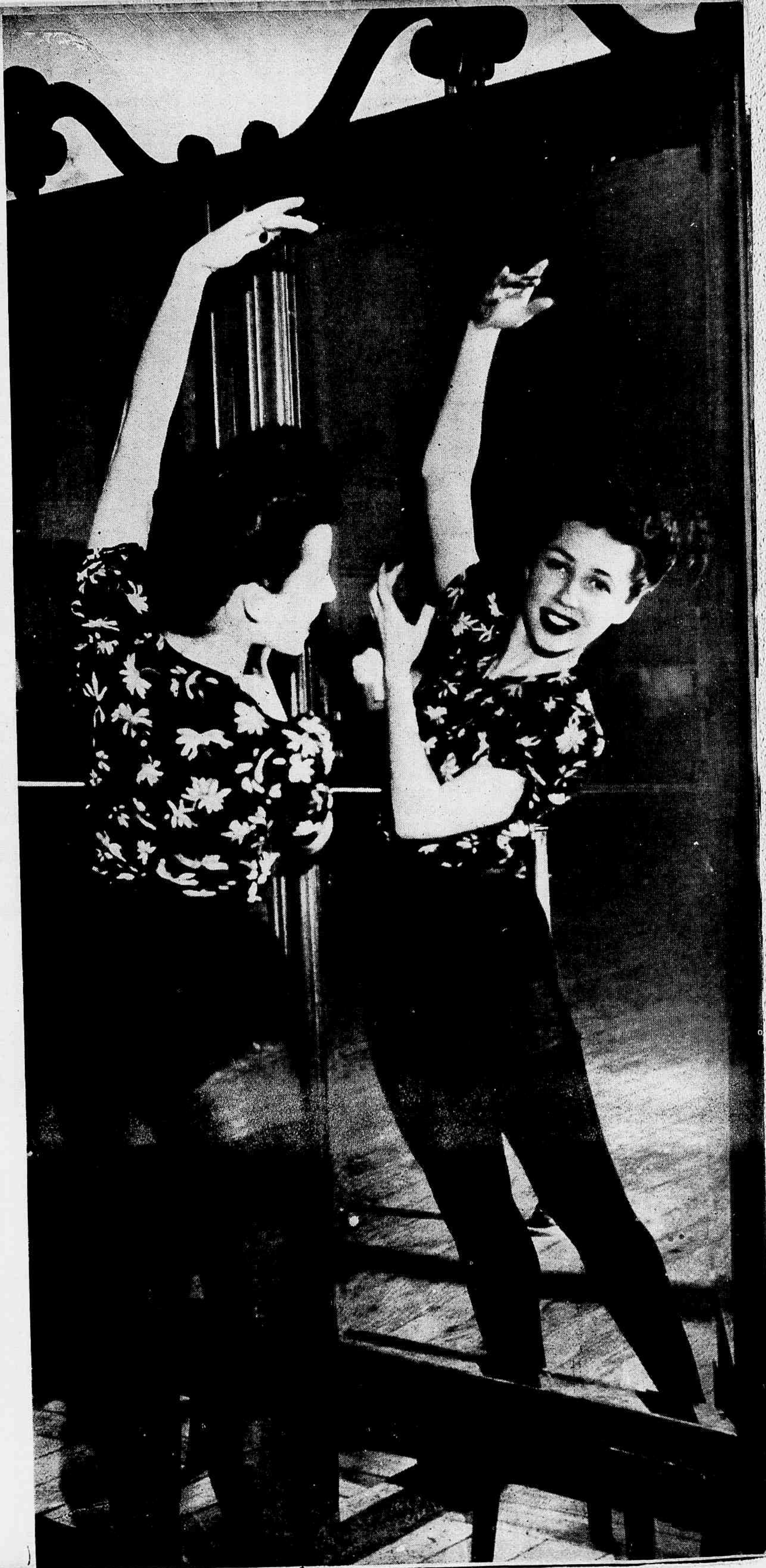
Um detalhe importante na vida de uma bailarina é o cuidado que a mesma deve ter com os pés. Eles representam o "tudo" na carreira, razão por que a massagem torna-se obrigatória após os ensaios, afim de evitar qualquer magoamento de um nervo.

A propósito do valor da massagem, vamos relembra um caso ocorrido com Madeleine, e que serve para demonstrar o valor da massagem.

Certa ocasião, ela deveria tomar parte numa festa, exibindo alguns números, porém, para espanto seu, não lhe foi possível sair da cama. Estava sem movimentos. Foi um corre-corre medonho, que serenou com a chegada do massagista. Este, após aplicar os seus conhecimentos, solucionou a questão evitando desse modo que uma das atrações da festa deixasse de comparecer.

Nesta fase aguda de racionamento, em que o gado também resolveu evaporar-se e a manteiga, talvez sob a influência do calor, se tenha derretido no meio da viagem, não será demais dizer que Madeleine Rosay, mesmo não fazendo regime é francamente do *filet mignon*, motivo pelo qual às vezes costuma enfrentar a fila para pegar o bife...

NARCISISMO? TEMOS DE CONCORDAR QUE SERIA BEM JUSTIFICAVEL. EM TODO CASO ISTO NÃO É APENAS UMA BRINCADEIRA. É PRECISO ENSAIAR UM POUCO ANTES DE APARECER DIANTE DO PUBLICO.





GRAÇA E AGILIDADE A PAZ DE UM GRANDE CONTROLE DOS NERVOS SÃO QUALIDADES EXIGIDAS PELA DÍFICIL E BONITA ARTE DE MADELEINE ROSAY. AQUI ESTÁ A INTERESSANTE BAILARINA NUM DOS SEUS NÚMEROS.

É sempre depois do almoço que inicia a leitura da correspondência, respondendo com o maior carinho a todos que lhe enviam aplausos, solicitam fotografias ou mesmo aos que se dizem apaixonados, como um cadete que, depois de admirá-la no casino, não resistiu ao desejo de escrever duas linhas amorosas, pedindo um retrato. Madeleine enviou, tempos depois, nova carta. Era o jovem contando que fizera um ótimo exame, graças à fotografia que recebera e que colocara à cabeceira da cama.

De Moçambique, chegou-lhe às mãos uma carta solicitando uma fotografia igual a outra recortada de uma revista carioca.

Nos momentos de folga, quando a luz possante dos refletores lhe permite permanecer despreocupada, Madeleine não se esquece de seus mascotes. São dois peixinhos dourados que ela mesma batizou de "Batuque e Chamêgo", dois bailados característicos de seu repertório. Também o seu valente cachorro policial mereceu o pomposo título de *Tico-tico no fubá*.

Se os animais representam algo de distração na carreira atribulada da bailarina, a possante vitrola, que Madeleine recebeu quando contava doze anos, vale como prestunosa auxiliar no preparo de seus bailados. Sim, é juntinho à vitrola que são preparadas as suas criações.

Também a Colúmbia serve para os ensaios dos números clássicos, sendo que a sua mamãe muito a auxilia, orientando-a num passo, corrigindo um defeito, dando suas sugestões. E, depois desse último "ensaio em família", Madeleine prepara-se para enfrentar a platéia do Municipal ou do Casino. Se encontra na rua três ou quatro sacerdotes, aí sua confiança aumenta pois segundo nos afirmou, os padres dão sorte, correndo tudo muito bem quando aparecem.

De novo no Municipal, Madeleine procura o sr. Alberto, encarregado da secção de roupas, que a prepara para o espetáculo, escolhendo a fazenda adequada ao número que irá dansar. Tudo pronto, é aguardada a hora de entrar em cena. E quando o momento chega eis-la qual uma criação maravilhosa do Senhor, a bailar... a bailar... enchendo de enlevo os que ali foram buscar um pouco de alegria.

A's vezes, acontecem surpresas desagradáveis para a artista, porém ignoradas pela platéia. Revelemos uma.

Ao ser apresentada ao público a ópera *La Schiavo* de Carlos Gomes, Madelaine vivia o papel de uma índia, e foi justamente no meio do bailado que a um movimento qualquer despregou-se a saia, deixando-a só de calça. O público aplaudiu, embora a cena não constasse do bailado.

E assim é o dia de Madeleine Rosay. Dessa jovem e talentosa criatura que Flori Gama, artista de merito indiscutível, modelou, como conagração de duas artes que vivem para o belo: a dança e a escultura.

Ela está no trabalho do consagrado artista patricio como a expressão real dessa mesma arte que fez de Pavlova uma figura imortal na historia da dança.

O marido partiu... Ela olhou para o melhor amigo dele e...

O ETERNO TRIANGULO

Conto de JEANINE HERVE'

Barrois conhecia a reputação de Yves. Assim mesmo, apesar de destestar esses rapazes que se gabam de suas conquistas, não podia deixar de louvar a perícia do jovem aviador. Mais tarde, depois de voarem juntos algumas vezes, ficaram amigos.

— Yves, você virá jantar conosco na próxima licença que tivermos...

— Mas sua mulher não vai gostar. Ela, com certeza, quer passar com você os poucos dias e...

— Nada disso. Elizabete quer conhecê-lo...

— Olhe, Barrois...

— Não adianta negar-se. Recuso-me a aceitar desculpas. Você tem que vir...

— Yves ri.

— Bem, já que você faz tanta questão assim...

— O'timo.

Na mesma tarde o porta-aviões, onde tinham pousado, recebeu ordem de voltar ao porto. Elizabete os esperava.

— Jean!

— Olhe, Yves, disse Barrois. Lá está ela. Chamou-me.

Yves olhou.

— Onde?

— Lá embaixo, perto da coluna...

O jovem piloto olhou novamente e, desta vez, demoradamente. Era uma moça lindíssima. Como descrevê-la? Perder-me-ia numa floresta de adjetivos sem conseguir traduzir o encanto que ela tinha, a atração daquele rostinho pequenino, com feições regulares. Cabelos louros, tez muito clara, olhos muito azuis, pequena, graciosa.

— Linda!

Yves não pôde conter a exclamação.

O amigo, contente, replicou:

— Não é verdade?

— Linda!

O outro, sorrindo, olhou para ele e disse, brincando:

— Que é isso, rapaz? Não se vá apaixonar pela minha mulher!

Era brincadeira; mas, no rosto de Yves, uma ruga apareceu, indicando

concentração. Estava pensando... Barrois...

— Vamos?

Yves fez um esforço para dissimular sua preocupação, e disse:

— Vamos. Não a façamos esperar.

Desceram.

— Jean!

— Minha querida!

Yves afastou-se, para não perturbar os dois esposos que se viam depois de uma longa ausência.

— Yves!

Depois de beijar a esposa, Barrois se voltara para o amigo e chamou-o.

— Yves! Venha cá. Quero apresentá-lo.

Yves aproximou-se.

— Esta é Elizabete. Este é Yves.

Foi pressentimento? Elizabete levantou os olhos e encontrou o olhar de Yves. Imediatamente beijou-o. De pé, ao lado do marido dela, Yves, alto, belo, feições corretas, pequeno bigode louro, cabelos louros e ondulados, fazia um contraste terrível com a figura baixa e feia de Barrois.

— Vamos indo, pessoal? disse Barrois.

— Vamos.

+

Dentro de dois dias estavam íntimos. Ele chamava-a de Elizabete e ela, encantadoramente perturbada, tratava-o de Yves.

— Yves...

— Elizabete...

Mickey, noiva de Yves, viera passar os poucos dias de licença que ele obtivera, em sua companhia.

— Yves, por que você não foi me buscar na estação?

— Já expliquei, Mickey. Não foi possível. Eu tinha um compromisso.

— Coisa assim tão importante?

— Estava almoçando com (meu capitão. Ele convidou-me o não me aceitou nenhuma desculpa...

— Ah... Ele é casado?

— E'. Por que?

— A mulher dele é bonita?

— Muito. Mas não compreendo...

— Eu compreendo, Yves. Compreendo e conheço você muito bem...

— Escute aqui, Mickey, você não entende nada...

— Como é que não?

— E' que Madame Barrois é uma senhora muito distinta e... e não gosta de flirter...

— Você ainda chama Madame Barrois! Quer dizer que não a conhece há muito tempo?

— Conheci-a ontem mesmo...

— Mas...

— Sim...

— Ela permitiu-me que a chamasse Elizabete...

— Eu logo vi...

— Mickey, eu acho que você está sendo injusta.

— Yves, você sabe o que eu acho?

— Que é?

— Eu acho que você está apaixonado por essa mulher...

— Eu?!!!

— Sim, você...

E, mais tarde, depois de ser apresentada a Elizabete, Mickey completou:

— E ela por você. Porém com ela a coisa é séria e você eu conheço. Só quer um momento de prazer e depois acabou-se.

— Eu não volto sempre para você?

— E' por isso que eu espero...

— Por isso só?

— Bem, por isso e... e porque eu gosto de você.

Ele deu uma risada, feliz.

+

Naquele mesmo dia, Barrois anunciou que ia fazer uma viagem.

— Uma viagem?

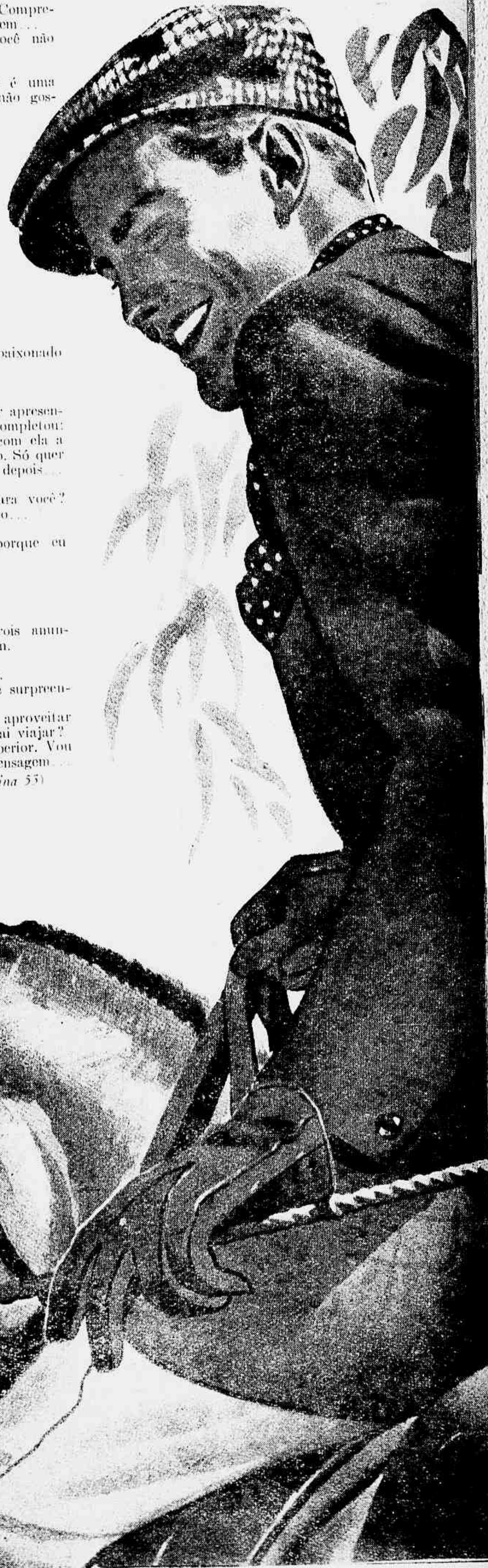
Yves estava surpreso.

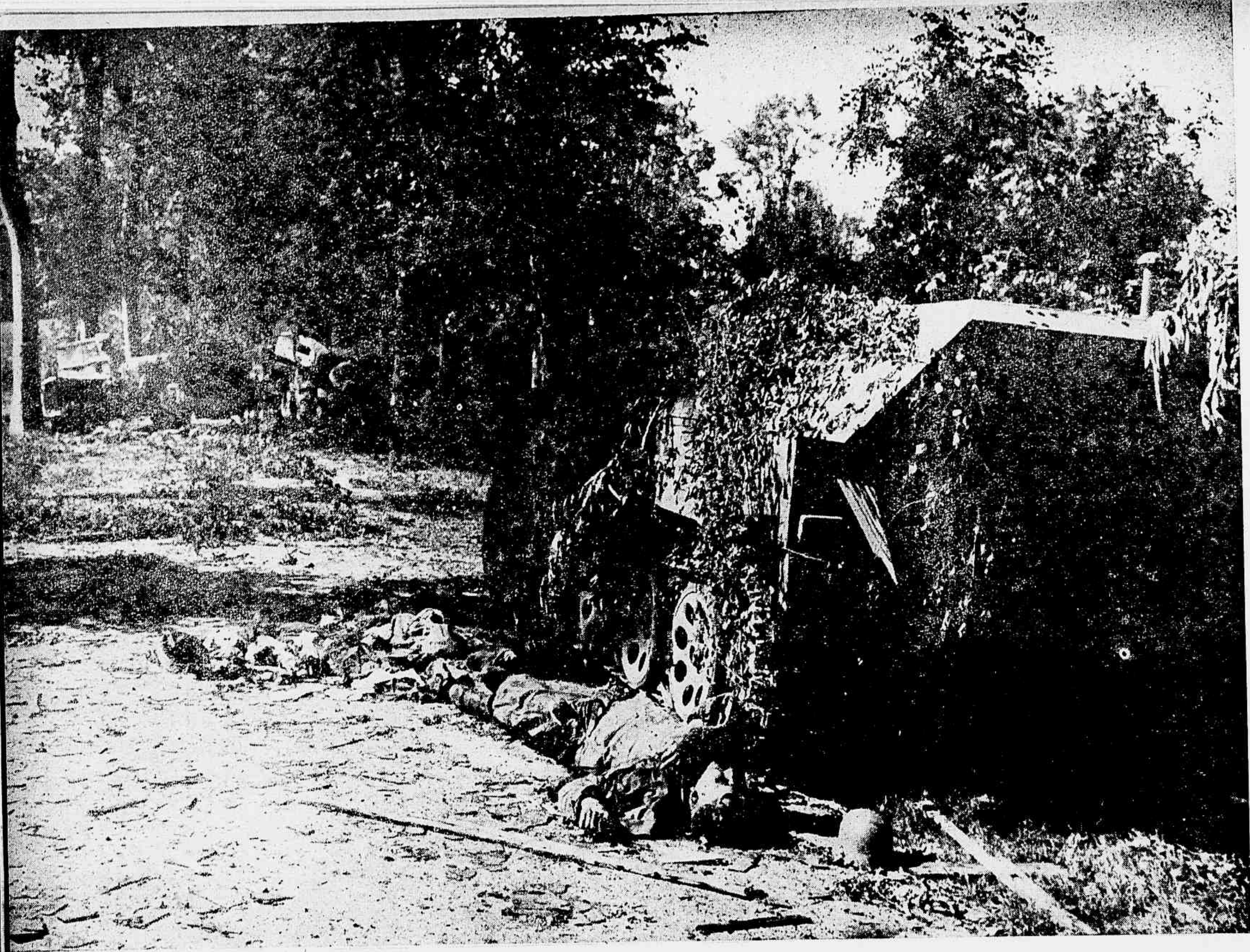
— Sim. Não tem nada de surpreendente. Uma viagem...

— Mas você, em vez de aproveitar esses dias com sua mulher vai viajar?

— São ordens do meu superior. Vou a Paris para levar uma mensagem...

(Continua na página 55)





NA LINHA DA RETIRADA NAZISTA — UNIDADES BLINDADAS DESTRUÍDAS E SOLDADOS MORTOS ASSINALAM A ESTRADA DE RETIRADA NAZISTA, NO NORTE DA FRANÇA, DEPOIS QUE AS FORÇAS AMERICANAS ROMPERAM COMPLETAMENTE AS LINHAS GERMANICAS. OS CORPOS DOS POBRES REPRESENTANTES DA DERROTADA "RAÇA SUPERIOR" JAZEM, NA ESTRADA, COMO TESTEMUNHO FRISANTE DO FRACASSO MILITAR DE HITLER E SEUS FANATICOS. POR AI PASSARAM OS ALIADOS VITORIOSAMENTE, RUMO A BERLIM...

NA ENCRUZILHADA DA FRANÇA — SOLDADOS AMERICANOS LANÇAM UMA CORTINA DE FOGO DE METRALHA NUMA ENCRUZILHADA NO NORTE DA FRANÇA, COMO PARTE DA PERSEGUIÇÃO ÀS UNIDADES DERROTADAS DO 17.º EXÉRCITO NAZISTA. VEMOS AO FUNDO DEPOSITOS DE MUNIÇÕES GERMANICAS INCENDIADOS PELOS IMPACTOS DIRETOS DOS CANHÕES AMERICANOS. CHAMPIGNÉ... ANGERS... LUGARES OUTROORA EM PODER DOS FACINOROS DE BERLIM SÃO AGORA RAPIDAMENTE RETOMADOS PELOS "YANKEES".



A GUERRA EM MARCHA

Quando preparamos esta edição, contingentes militares aliados já estão pisando o solo germanico, devolvendo ao seu povo as apreensões que por espaço de cinco anos daquele mesmo solo se espalharam para o mundo inteiro, até onde o espírito da Liberdade se fazia sentir e desejava prevalecer, longe da barbarie de Hitler. E já se admite a possibilidade de uma retirada geral na linha Siegfried, tendo um portavóz do Q. G. aliado advertido que os nazistas podem abandonar, a qualquer momento, aquela famosa cadeia de fortificações.

De fato, varias divisões blindadas e de infantaria

IMPRESSIONANTE QUADRO DA GUERRA NO PACIFICO — UM GRUPO DE SOLDADOS JAPONESES MORTOS DURANTE A BATALHA PELO POSSE DO AERODROMO DE NOEMFOOR, AO LARGO DA NOVA GUINÉ, NO PACIFICO. NOEMFOOR FOI TOMADA APÓS VIOLENTA LUTA, NA QUAL PARTICIPARAM AS TROPAS TRANSPORTADAS POR TERRA E POR MAR. ESSES ESTÃO AFASTADOS DA LUTA. E OS DEMAIS TAMBEM O SERÃO, MAIS CEDO OU MAIS TARDE. SEUS DIAS ESTÃO CONTADOS...

do 1.º Exército norte-americano estão marchando no interior do território do Reich que o derrotado pintor austriaco jurou, de pés juntos, ser invulneravel por estes mais próximos mil anos. Enganou-se. O calendário de Adolfo é, positivamente, um calendário errado. E enquanto as defesas externas da linha Siegfried, em vários setores, em uma frente de 140 quilometros, já estão dominadas, em Quebec, no Canadá, encontraram-se pela ultima vés, antes do inevitavel colapso alemão, Churchill e Roosevelt, traçando novas diretrizes para a guerra ou, quem sabe, já para o após guerra. Sabe-se que o imediato encontro dos grandes chefes dar-se-á em Berlim, quem sabe também si com a presença de outros chefes das nações em luta! Porque grandes e agradaveis surpresas nos estão reservadas nesse particular, podemos garantir.

Sem dúvida, a luta não está muito perto do epilogo. Este pôde alongar-se ainda por meses e meses, mas ninguém de mediano bom-senso está capacitado da possibilidade de qualquer reviravolta. O amago do poder militar alemão, seus pontos vulneraveis, aqueles centros de produção bélica estão desmontados e metralhados a mais não poder. A campanha das bombas voadoras não

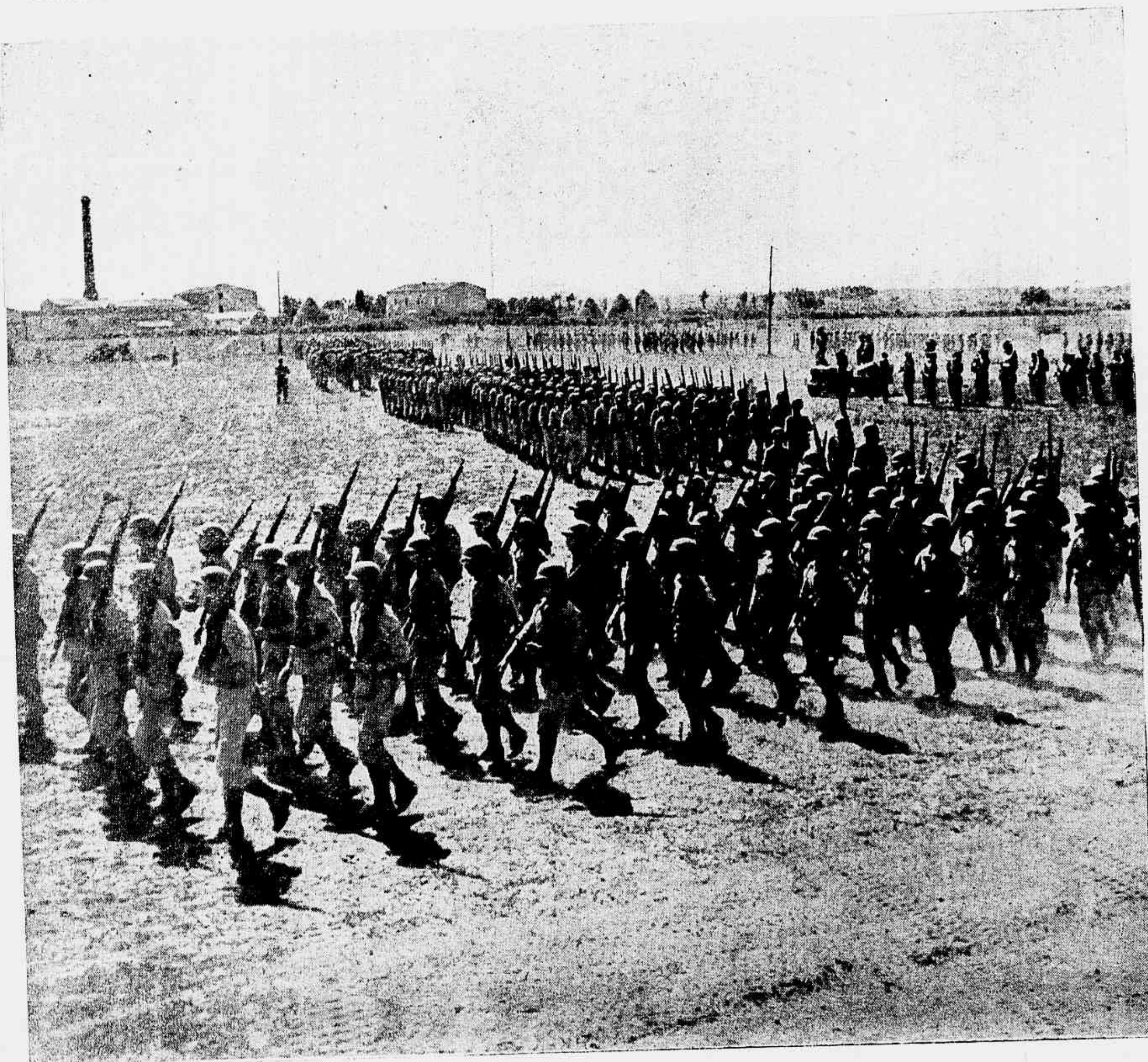
conseguiu outro resultado além da morte de dez mil cidadãos londrinos, que de maneira alguma influiu na alteração do panorama de guerra. E, ainda que outras máquinas secretas mestre Hitler pudesse ter em seus domínios, para desferir o golpe de desespero maior, elas seriam difundidas em pura perda.

O remate do episódio a que a Humanidade assiste, desde 3 de setembro de 39, está por muito pouco. E quaisquer que sejam os dissabores pelos quais ela, a Humanidade, ainda tenha de atravessar, sabe-se que as luzes já voltam a brilhar em Paris e ninguém pensa em "black-out"...



Até as filas, as famigeradas filas, estão com os dias contados.





UM BONITO ASPECTO DO DESFILE COM QUE AS UNIDADES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, INCORPORADA AO 5.º EXÉRCITO ALIADO NA ITÁLIA, COMEMORARAM NO SEU ACAMPAMENTO O DIA DO SOLDADO BRASILEIRO, A 25 DE AGOSTO. NOSSOS BRAVOS PATRICIOS MOSTRARAM ÀS ALTAS AUTORIDADES ALIADAS A SUA PERFEITA FORMA E O ESPÍRITO AGUERRIDO PARA A LUTA, MERECENDO HONROSOS E MERECIDOS CONCEITOS.

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA ITÁLIA

VEMOS EM FAIXO UM GRUPO DE SOLDADOS EXPEDICIONÁRIOS BRASILEIROS, INCORPORADOS AO 5.º EXÉRCITO ALIADO, NA ITÁLIA. QUANDO OUVIAM AS EXPLICAÇÕES DO SARGENTO JAMES ACKER, DO EXÉRCITO AMERICANO, SOBRE O MANEJO DAS METRALHADORAS BROWNING. ESTA FOTO FOI TIRADA RECENTEMENTE NUMA BASE MILITAR ALIADA NA ITÁLIA, ONDE OS NOSSOS PATRICIOS SE ADESTRARAM PARA MELHOR EFICIÊNCIA DE SUAS OPERAÇÕES DE GUERRA.





ALBERTO saiu da cozinha, onde sua sogra preparava o almoço para as crianças que tagarelavam risinhos. Chovia sem cessar desde cedo. Os pequenos amontoavam-se na janela estreita para soprar no canudinho de palha de onde saíam as bolhas de sabão multicores e espumantes. Estavam proibidos de entrar no quarto de mamãe, que estava de resguardo ao lado dos irmãos recém-nascidos. Então permaneciam ali inquietos e intranquilos ao lado da avó. O pai, fatigado de vê-los brincar na janela, refugiou-se no minúsculo corredor externo, coberto com folhas de zinco, onde a chuva caía com força. A casa compunha-se do quarto do casal e de uma sala que servia para as refeições e de um dormitório, pois a sogra de Alberto dormia ali com a nota mal velha numa estreita cama de ferro.

Ele ficou só no corredor e era o que mais lhe pedia o coração naquela manhã. Queria pensar na realidade da situação. O seu rosto se tornou grave e os olhos agrandados pela preocupação que lhe absorvia o pensamento. Passou a mão pelos cabelos em desordem e suspirou triste e desconsolado. Decididamente a má sorte o perseguia! — pensou consigo.

Estava num dos momentos mais críticos de sua vida! Num desses momentos em que o homem sente o animo desfalecer e a vontade impotente para lutar. E não era que lhe faltasse valor para enfrentar as vicissitudes e nem tinha a debilidade de ação que faz com que fracassem os irresolutos. Mas, quando o destino se compraz em perseguir-nos, argumentava ele, é resignar-se... Por outro lado, ele não era como o homem que queria lutar contra o destino, resistindo aos seus embates numa

turiosa rebeldia. Preferia manter-se tranqüilo à espera...

Apesar da situação complexa e embaraçosa poz-se a recordar a sua vida, desde que conhecera Teresa, a que era agora sua esposa. Naquela época, há oito anos atrás, tinha vinte e cinco anos e vivia da sua profissão. Era torneiro especializado e estava satisfeito trabalhando. Como não tinha pais nem irmãos, morava com os tios. Ao ver Teresa sentira logo que ela preencheria a solidão em que megrava. Seu coração ainda virgem para o amor. Que a sua vida já não teria encanto sem que ela partilhasse dos seus anseios e esperanças. Passou a sonhar com os seus olhos pardos e toda a sua figura singela, mas cheia de atrativo para ele. Ela era uma modesta costureira e cosia numa alfaiataria onde fazia calças para homens. Em breve, ele sentiu-se correspondido com igual carinho ao que lhe dava e viu que encontrara, em eco, no coração da bem-amada, as suas palavras repassadas de ternura e de promessas de um amor sincero. Foi um noivado simples como o é sempre o dos pobres cheios de sonhos de ventura e de poucas ambições. E' verdade que Alberto não ignorava que o sr. Manoel, proprietário da Alfaiataria Lusa, tinha pretensões a casar-se com Teresa. Mas isso não toldara a felicidade futura pois, com todo o seu dinheiro e as ofertas de bem-estar e conforto, para ela e sua mãe, não conseguira o negociante a aquiescência da moça. Preferira ela a pobreza e o grande amor que lhe oferecia o operário que só trazia consigo a disposição e a coragem para viver.

E, depois de casados, viviam ainda no mesmo encantamento do noivado. Menos transportes de paixão, de arrebatamento, porém maior carinho, respeito e amizade conjunta. E havia, a

compreensão mútua e a tolerância recíproca para os defeitos. Era a felicidade em meio às necessidades que advieram com o nascimento da primeira filha. A mãe de Teresa passara a morar com eles, pois a filha era o seu único arrimo. E viera a primogenita, Julieta, enchendo de alegria o lar pobre de fortuna, mas rico de ventura. Um ano e meio, se tanto, chegara a segunda, a Carminha. E aguardavam mais tarde, ansiosos, o nascimento do terceiro filho, num desejo comum de que fosse um menino desta vez. Entretanto, ainda foram logrados desta feita: viera outra menina. Só então lhes nasceu o Pedrinho. Agora a vida se tornara mais difícil para o casal. Quatro filhos, a sogra e eles dois! Então a Teresa continuou a costurar para a Alfaiataria Lusa. Trazia o serviço para fazer em casa, enquanto sua mãe cuidava da casa. Alberto sofria ao ver a corajosa esposa trabalhar até tarde da noite para auxiliá-lo a manter o sustento da casa. Mas, mesmo a despeito das provações e aperturas em que viviam, estavam contente desde que tivessem o necessário para pagar o aluguel e comer e vestir pobremente. As crianças desenvolviam-se sadias e alegres, cada vez com maior disposição para comer... Alberto vivia exclusivamente para a família e, para melhor prover-lhe as necessidades financeiras, trabalhava fora de horas a fazer serviços extraordinários. Quando Teresa estava prestes a dar à luz pela quinta vez, começara a derrocada de onde, agora, não sabia ele como sair.

Irrompera um grande incêndio, em primeiro lugar, destruindo completamente a oficina em que trabalhava. Virou-se subitamente sem emprego e, o que era pior, com todas as ferramentas perdidas no fogo que tudo arrasara.

Dez dias depois nasceram os seus filhos um casal de gêmeos, que lhes trouxera muita alegria, mas chegando a um momento inoportuno em que se encontrava a braços com a miséria... sem trabalho e sem dinheiro. Já percorrera quase todas as oficinas do gênero para procurar o emprego. Prometera-lhe o patrão que, assim que recebesse o dinheiro do seguro, lhe pagaria o valor das ferramentas que perdera. Mas quando? As poucas economias que fizera, gastara-as com o parto anormal da esposa, tendo sido necessário até chamar o médico...

Uff... Fumou mais um cigarro num desespero incontrolado. Quinze dias sem trabalho! Logo ele, afeito ao labor cotidiano! Caminhava de um lado a outro sem saber mais o que fazer. Um sirio lhe prometera serviço para o dia seguinte, se arranjasse ferramentas. Do contrário...

Entrou no quarto... Procurou desfazer a preocupação que lhe vinculava a testa. Olhou-a risonha. Os olhos dela traduziam uma grande tristeza, pois era inútil a Alberto querer esconder o aborrecimento.

— Teresa querida... Como são lindos os pequenos! Estou tão contente com eles! Veja como são parecidos. Vae ser difícil distingui-los. Qual é que é o Luiz, em? Este é o Paulo, não é?

— Alberto... Estou tão aborrecida! Dois de uma vez! Com isso, ainda aumentei a sua aflição. Agora teremos nove bocas para comer...

— Ele beijou-a na testa. Não diga isso meu amor! Deus nos dê filhos para que nos tragam felicidade.

— Mas você perdeu o emprego. Como vamos viver?

— Olhe, Teresa! Nem gosto de vir aqui

(Continua na página 47)

CIGARROS COM CHEQUES

CONTO DE
GERALDINA MARX
ILUSTRAÇÃO DE
ARCINHO MADEIRA



UM ROSTO LIMPO É O VERDADEIRO ESPELHO DE BELEZA. PORTANTO, GAIL RUSSELL LAVA O ROSTO ESCRUPULOSAMENTE ANTES DE APLICAR O "COLD-CREAM", ENQUANTO COM OS DEDOS FAZ UMA LIGEIRA MASSAGEM NO ROSTO, INDO ATÉ O QUEIXO E A CURVA DO PESCOÇO.



COM AS PALMAS DE AMBAS AS MÃOS, A "ESTRELA" PROSEGUE AMACIANDO O QUEIXO E A PARTE INFERIOR DAS BOCHECHAS. O TRABALHO DEVE SER FEITO MUITO DE LEVE, COM PACIÊNCIA E SEM OLHAR PARA O RELOGIO. QUER DIZER: SEM MUITOS AFAZERES URGENTES...



DEPOIS, COM OS DEDOS INDICE, MÉDIO E ANULAR, GAIL RUSSELL FAZ UMA DEMORADA MASSAGEM DA COMISSURA DOS LÁBIOS ATÉ O CENTRO DO ROSTO E NARIZ. MAS SEM FRICCIONAR, SEM NENHUMA VIOLENCIA; ANTES, MUITO DE LEVE, COMPRIMINDO OS TECIDOS DA FACE.

A ARTE DE CONSEGUIR UM ROSTO JUVENIL

Gail Russell, a popular e jovem estrélinha tem predileção por um tratamento facial que lhe faz ressaltar os tons de frescura do rosto e a predispõe e revigora para a tarefa diária — depois do estúdio. Ela recomenda esse sistema contra os sinais e manifestações de fadiga e exaustivo cansaço. E, como Gail é um retrato vivo de juventude e vigor, valerá a pena passar adiante a sua receita.

Primeiro, ela lava bem o rosto com sabão puro e depois, deixando que a água fervendo encha a pia de rosto, cobre a cabeça com uma toalha e recebe por uns instantes esse suave banho de vapor. A seguir, ela enxagua o rosto com água fresca e volta a tomar novo banho de vapor, mais rápido que o primeiro. Feita nova lavagem facial com água fria, aplica então uma camada de creme sobre o rosto, enquanto vai fazendo uma

E AGORA, CONTINUA A TAREFA. UMA TAREFA QUE DEVE SER REPETIDA EM CADA MANHÃ. COM MOVIMENTO ASCENDENTE, GAIL RUSSELL VAI MOVENDO O CREME NA DIREÇÃO DOS OLHOS, UMA, DUAS, TRÊS, MUITAS VEZES, MOVENDO SEMPRE, EM GIRO CONSTANTE E SEM NENHUM INTERVALO.

NESSA ALTURA, GAIL SENTE-SE LIGERAMENTE CANSADA. PODE FAZER UMA PAUSA, REPOUSAR POR CINCO OU DEZ MINUTOS, PARA RECOMEÇAR O TRABALHO COM OS NERVOS PREDISPOSTOS. E ENTÃO RODEIA OS OLHOS, ESTENDENDO A MASSAGEM AO NARIZ E JUNTO AOS OLHOS.

AO REDOR DOS OLHOS, GAIL ESTENDE A AÇÃO DA MASSAGEM ATÉ SOB AS SOBRANCELHAS E DESCE ATÉ O NARIZ. E COM A PONTA DOS DEDOS VAI SUBINDO ATÉ CHEGAR À LINHA DO CABELO, PASSANDO POR TODA A TESTA. E PRONTO: ESTÁ FEITA A MASSAGEM DA MANHÃ.





GAIL RUSSELL DEMONSTRA O RESULTADO DO SEU SISTEMA DE ARTE — É INQUESTIONAVELMENTE ESTÁ UMA BELEZA! SEU CABELO NEGRO E OLHOS AZUIS FAZEM LUZIR MELHOR O NÍCAR DA SUA CUTIS PERFEITA. EIS COMO NOS APARECE, FINALMENTE, A NOVA "ESTRELA" DA PARAMOUNT, EM SEU FILME "O SOLAR DAS ALMAS PERDIDAS". UM TIPO FASCINANTE DE MOÇA MODERNA, QUE SABE CUIDAR DO SEU ROSTO JUVENIL, SEMPRE RISONHA E SEMPRE IRRADIANDO SIMPATIA, BELEZA E SEDUÇÃO. OS CONSELHOS DE GAIL, QUE SÓ SERVIR PARA AS NOSSAS LEITORAS... NATURALMENTE

suave massagem. Limpo o creme, ela aplica ao rosto um pouco de adstringente, dando-lhe palmadinhas para retemperar a pele.

Gail Russell foi apresentada ao mundo cinematográfico num papel de muita importância para a sua idade, no filme Paramount "O Solar das Almas Perdidas", em que secundou o astro Ray Milland, tendo ainda Ruth Hussey e Donald Crisp, artistas de alta categoria. Gail também teve bonito papel em "A Mulher Que não Sabia Amar", e agora surge de novo, com o "estrê", Diana Lynn, em "Our Hearts

Were Young and Gay". Esta jovem vai galgando o estrelato com talento e beleza, sendo sua próxima fita "Her Heart in Her Throat" com Joel Mac Crees e Herbert Marshall.

Durante a produção de "O Solar das Almas Perdidas", o fotógrafo do Estúdio foi ao camarim de Gail, com o firme propósito de lhe tirar as seis "poses" com que se exemplifica a maneira especial de aplicar o "col" cream no seu método facial.

LINDA GRACIELA

TIRADENTES, MARILIA E O ALEIJADINHO

AS TRÊS GRANDES SURPRESAS QUE OURO PRETO RESERVOU AO REPORTER: OS DESPOJOS DE MARÍLIA GUARDADOS EM UM MÓVEL; OS RESTOS DO ALEIJADINHO AO PÉ DO ALTAR DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE, SEM UMA LÁPIDE, UM DÍSTICO, UMA FRASE, E A CASA DOS CONSPIRADORES ALUGADA POR SESENTA E CINCO CRUZEIROS MENSIS — E SI HOUVESSE UM INCÊNDIO, ONDE OS BOMBEIROS? — APELO ÀS AUTORIDADES DO PAÍS — UMA PROVIDÊNCIA PARA A MELHOR CONSERVAÇÃO DESSOS LEGADOS HISTÓRICOS DA CIDADE QUE É UM PATRIMÔNIO NACIONAL — PONTO FINAL.

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA



ALTAR DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE, SITUADO NA MATRIZ DE ANTONIO DIAS. AOS PÉS DESSE ALTAR, SOB UMA TÁBUA MOVEL, ENCONTRA-SE UMA CAIXA DE ZINCO CONTENDO OS DESPOJOS DE ANTONIO FRANCISCO LISBOA. ESSA CAIXA FOI POR SUA VEZ, DEPOSITADA EM OUTRA DE BARRO, ENCRAVADA NO SOLO DA IGREJA. O ALTAR FOI TAMBÉM TRABALHADO PELO ALEIJADINHO, CONSTITUINDO UMA DE SUAS MAIS PRECIOSAS OBRAS.

TALVEZ não sejam exatamente duas, como afirmou Manuel Bandeira, as grandes sombras de Ouro Preto, aquelas em que invencivelmente pensamos a cada volta de rua, e sim três: o Tiradentes, o Aleijadinho — e também Marília. Si o alferes heroico da Inconfidência tem sua memória projetada nas menores partículas do antigo serro do Tri-

pui, si o filho da escrava Isabel foi perpetuado em tantos riscos de igreja, altares e frontais, não menos presente nem menos saudosa, em cada passo, deixa de assaltar-nos a imagem de Maria Doroteia Joaquina de Seixas, cujo romance com o poeta-desembargador a imortalizou com o apelido de Marília. E não foi sem uma forte inclinação espiritual que nos acer-

camos do sobradinho número onze da rua do Ouvidor, naquele declive por demais acentuado vizinho do prédio do Instituto Histórico, onde viveu Tomaz Antônio Gonzaga. O número onze, de cujas janelas, dizem-nos os cronistas, teria começado o namoro de Dirceu, solteirão de 38 anos, com a filha de Baltazar João Mayrink, capitão de cavalaria auxiliar, da nobreza da en-

tão Vila Rica. Marília, a quem o doutor Gonzaga distinguia, ainda no desalinho das vestes matinais, por detrás das persianas...

"Quando aparece
Na madrugada
Mal embrulhada
Na larga roupa.
E desgrehada,
Sem fita ou flôr:

Ah, que então brilha
a Natureza;
Então se mostra
Tua beleza
Inda maior..."

Dias antes da nossa vinda a Ouro Preto, aqui havia estado um pequeno conjunto de artistas amadores encenando uma peça em versos sobre Marília e Dirceu. Uma peça de versos muito bem feitos, enternecedores e bonitos que o padre Carvalho, vigário da matriz de Antônio Dias, declamava agora para nós, aqui no adro da igreja dando frente para uma planície de onde se descortinam mais casas antigas, assobradadas e falando-nos de outras reminiscências.

Mas conquanto apreciássemos a ótima dição do reverendo fizemos ver o verdadeiro propósito da nossa presença naquele lugar. Haviam-nos dito que os despojos de Marília existem. Estariam situados ali, na velha igreja. E só quem pode esclarecer-nos é o simpático vigário que nos acompanha nessa peregrinação matinal:

— De fato, meu amigo. Aqui se encontra Marília. Pode acompanhar-me.

Abrem-se os portões da sacristia. Rangem as táboas de centenária madeira sob os nossos passos. O odor característico dos templos de Ouro Preto, mixto de humidade, bolor e resíduos da madeira, espalha-se, mistura-se com o cheiro perfumado das montanhas, lá fora. Estamos, agora, numa sala espaçosa, e ali, à direita, armários pesados, de negro jacarandá, alinham-se, de portas cerradas. Padre Carvalho tem o molho de chaves. Separa uma delas e não tarda que a porta se escancare. O velho sacerdote abaixa-se, mete as mãos ainda fortes no interior do móvel, redobra de esforços, o rosto avermelha-se, mas vence o trabalho, carregando nos braços a urna de madeira clara que vai repousar no parapeito da janela:

— Aqui está — diz-nos. Aqui está o que resta de Marília.

Surpreendemo-nos. Não esperávamos que os despojos da enamorada de Dirceu se encontrassem assim, móveis transportáveis: daqui para ali, como se carrega um pequeno e pesado fardo. Era mais lógico admitir que estivessem sepultados em qualquer parte, no interior da igreja. Padre Carvalho vai falando sempre, com a sua voz branda, macia e de metal sumamente agradável:

AQUI ESTÃO OS DESPOJOS DO ALEJADINHO. — NEM U A LA T E
UMA LEGENDA. QUALQUER MENTÃO ES
CLARECEDORA. APENAS A INFORMAÇÃO
PRESTADA PELO VIGÁRIO DA MATRIZ DE
ANTÔNIO DIAS, O REVERENDO CARVALHO,
CORROBORADA PELOS LIVROS DA IGREJA.
ALI, AO PÉ DO ALTAR DE NOSSA SENHORA
DA BOA MORTE, SOB AQUELA TÁBUA
IGUAL ÀS OUTRAS, FOI COLOCADA A CAIXA
DE ZINCO COM OS OSSOS DE ANTÔNIO FRON
CISCO LISBOA, O ARTISTA CUJO LEGADO
HISTÓRICO ESPALHA-SE POR LIVROSOS
PONTOS DO BRASIL EM CARÁTER DE
FINITIVO? PROVÍSORIO? NÃO SABEMOS.
APENAS SABEMOS QUE MILHARES DE PES
SOAS TERÃO PISADO AQUELA TÁBUA CEN
TENÁRIA, IGNORANDO A EXISTÊNCIA, POR
DEBAIXO, DE TÃO PRECIOSA RELÍQUIA.



— Aqui esteve sepultada até sete anos atrás, quando se procedeu a exumação.

De fato, uma pequena placa de metal, pregada no tampo da urna, mostra o seguinte:

“Maria Dorothea Joaquina de Seixas

Falecida em 10/2/1853
exumada da sepultura da
Matriz de Antonio Dias
em 30/4/1937”

desde quando os despojos de Marília ficaram, portanto, entregues à condição de um móvel, deslocável para onde se desejar.

— Quando o Presidente da República visitou Ouro Preto — continuou o vigário — tive ocasião de mostrar-lhe esta relíquia. Foi o sr. Getúlio Vargas quem, pessoalmente, se deu ao trabalho de colar este pedaço de papel, aqui, junto à fechadura...

Vimos, então, um pequeno quadrilátero de papel, inteiramente em branco, apenas manchado pela ação do tempo, colado no local indicado.

— E que destino vai ter a urna? — indagamos.

Padre Carvalho olha-nos como perscrutando o nosso pensamento:

— Não sei... Por enquanto, não sei...

— Continuará em seu poder? — Claro. Até mais ver.

Não deixa de ser estranho que objeto de tanto valor estimativo deixe ficar-se, por mais de sete anos, em condições tão precárias, sujeito às contingências de qualquer eventualidade. Certamente os despojos de Marília estão muito bem confiados ao vigário honesto e piedoso da matriz de Antônio Dias, enquanto ele seja vivo. Mas — e depois? E si espíritos maldosos, num requinte de perversidade aparentemente absurda mas nunca impossível, consumassem o maior dos crimes, agindo no sentido de um inesperado desaparecimento dessa urna que ali estava à nossa disposição?

Tais considerações foram esplanadas francamente ao padre Carvalho, que nada pode adiantar, é claro. Apenas garante-se pela conservação de tão valioso patrimônio enquanto esteja sob seus cuidados. Mas depois...

— E o conteúdo da urna?

— Aqui se encontram, além dos ossos de Marília, uma guirlanda, flôres de pano, fitas e pequenos objetos que também foram encontrados por ocasião da exumação.

Nossa peregrinação continuou dentro da igreja duplamente histórica. Conhecemos um pouco do seu histórico. A igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias ergue-se no mesmo sítio onde antes existiu uma capela mandada construir por Antônio Dias, em 1699. Tendo o bandeirante enriquecido, legou-lhe fundos consideráveis, os quais foram aplicados

na construção, começada em 1727, do novo edifício, cujas obras se prolongaram até a segunda metade do século XVIII. Os governadores costumavam tomar posse da capitania na matriz de Nossa Senhora do Pilar, mas foi na de Antônio Dias que se empossou, em 1.º de setembro de 1732, d. André de Melo e Castro, conde das Galveias.

Ali sepultaram-se, não apenas Marília, mas também o Aleijadinho. E desde logo procurámos saber do vigário de tão preciosa nave melhores informes sobre o local

Mas o perfil de Antônio Francisco Lisboa, um perfil de homem que padeceu barbaramente, não se resume nesse poema. O miserável que de tantas dores foi levado mais de uma vez a mutilar-se os dedos com o próprio escopro com que feria a pedra, o leproso imortal cujos dedos dos pés caíram todos, obrigando-o a caminhar de joelhos com joelheiras de couros, assim mesmo marinando escadas acima com enorme agilidade — vive no concreto e no abstrato de tantas evocações que aqui encontramos:



AQUI OS INCONFIDENTES REUNIAM-SE PARA CONSPIRAR. — INTERIOR DA CASA DOS CONSPIRADORES, SITUADA NO ALTO DO MORRO, À DIREITA DA ESTAÇÃO DE OURO PRETO, ONDE SE REUNIAM OS MARTIRES DA INCONFIDENCIA, CHEFIADOS PELO ALFERES JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER. NESTA MESMA DEPENDENCIA, HOJE A COSINHA DA CASA, DISCUTIAM ACALORADAMENTE OS HOMENS QUE PRIMEIRO EXPUZERAM A VIDA PELA INDEPENDENCIA DO BRASIL.

onde alguma coisa nos pudesse ser apontada relacionada com Antônio Francisco Lisboa. Acodem-nos os versos de Carlos Drummond de Andrade, no seu “Vão sobre as igrejas”:

Vamos até a Matriz de Antônio

[Dias onde repousa, pó sem esperança, [pó sem lembrança, o Aleijadinho. Vamos subindo em procissão a [lenta ladeira.

Padres e anjos, santos e bispos nos [acompanham e tornam mais rica, tornam mais [grave a procissão de [assombração.

“Era uma vez um Aleijadinho, não tinha dedo, não tinha mão, raiva e cinzel lá isso tinha, era uma vez um Aleijadinho, era uma vez muitas igrejas com muitos paraísos e muitos in-

[fernos, era uma vez São João, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Congonhas, era uma vez muitas cidades, e um Aleijadinho era uma vez...”

E estávamos, finalmente, a dois passos da sepultura desse homem lendário! Iamos satisfazer a nossa maior curiosidade, embora receando que a exemplo do sucedido com os despojos de Marília, tam-

bém os de Antônio Francisco Lisboa andassem guardados em qualquer canto de armário. Quem sabe, não seria naquele mesmo!

Enganávamo-nos. Nosso bondoso acompanhante e esclarecedor, já dessa vez com o auxílio da reportagem, devolveu ao seu primitivo lugar o pesado tesouro com a guirlanda, as fitinhas e os ossos, que é tudo quanto resta de Marília, empurrou a porta de carvalho, girou a chave na fechadura e convidou-nos a passarmos para outra dependência. Dalí rumámos para a nave propriamente dita, percorrendo demoradamente os altares laterais. Foi quando nos aproximámos do altar de Nossa Senhora da Boa Morte que o sacerdote estacou o passo, apontou o indicador para uma táboa do chão e falou:

— O Aleijadinho está aqui, meu amigo.

— Aqui onde? Dentro do altar?

— Debaixo desta táboa, aqui mesmo, no sub-solo.

Procurámos alguma documentação das palavras do vigário Carvalho, uma placa, um dístico qualquer. Nada encontramos. Tínhamos que confiar, apenas, na informação do digno sacerdote:

— Não seria possível levantar a táboa? — aventurámos.

— De modo algum, responderam. Desde 1932 aqui foram enterrados os despojos desse que em vida se chamou Antônio Francisco Lisboa, e nunca mais ninguém se preocupou com eles.

Nova surpresa de nossa parte. Acreditávamos que também esse precioso legado merecesse outros e maiores cuidados na sua conservação. Quando menos uma lápide.

O que se passou então, resultou totalmente inesperado para o vigário da matriz de Antônio Dias. Na táboa aludida via-se uma fenda razoável para, pela mesma, passar a mão de um homem. Foi o que tentámos fazer, com o auxílio dos companheiros da excursão, o fotógrafo Vieira e Alberto Lima. De lado, o reverendo acompanhava com o olhar interessado o nosso esforço, por ele considerado em pura perda. Realmente não era fácil levantar aquela táboa de quase três metros de comprimento, bastante pesada e encravada no solo, junto às demais, com as outras confundindo-se, perfeitissimamente igual, sem qualquer indício que a distinguisse. Súbito, porém, a táboa cedeu e conseguimos erguê-la até a altura suficiente para ser visto o conteúdo da cavidade. Há doze anos ninguém se atrevera a semelhante empreitada; mas que impedimento pode surgir quando um reporter está disposto a revolver, seja o que for, para o melhor êxito da sua obrigação!

E ali estava, à nossa frente, escancarada, a sepultura do Aleijadinho. Tomavam-se os presentes de profunda comoção. Havia alguma coisa de solene e de sensacional na quase descoberta que acabávamos de fazer. Padre Carvalho cruzava as mãos de veias salientes sobre o ventre e deixava



A CASA DOS CONSPIRADORES. — ELA FAZ PARTE DO [PATRIMONIO NACIONAL OU DEVERIA FAZER, PELO SEU ALTO VALOR HISTORICO, DESDE QUE EM SUAS DEPENDENCIAS CONSPIRAVAM TIRADENTES E SEUS HOMENS. AQUI RESIDE O SR. ALEXANDRE MORAIS, TRABALHADOR DA E. F. C. B., PAGANDO DE ALUGUEL MENSAL, SEGUNDO AS DECLARAÇÕES QUE NOS FEZ, A QUANTIA DE SESSENTA E CINCO CRUZEIROS. QUANDO ALI ESTIVEMOS, DONA MARIA, ESPOSA DO SR. MORAIS, NÃO SOUBE DAR-NOS MAIORES ESCLARECIMENTOS SOBRE O HISTORICO DA CASA ONDE RESIDE, NÃO SE SURPREENDENDO COM A NOSSA VISITA: — “JÁ ESTOU ACOSTUMADA... FREQUENTEMENTE TENHO DE ATENDER A GENTE DE FORA QUE DESEJA CONHECER ISTO AQUI POR DENTRO... PODEM ENTRAR Á VONTADE E PERCORRER TODAS AS PEÇAS... TENHO CONFIANÇA NOS SENHORES...”

NO TERRENO AO FUNDO DA CASA DOS CONSPIRADORES — ENCONTRAMOS UMA CAVIDADE DE REGULARES PROPORÇÕES, DANDO ENTRADA A UMA GRUTA. LÁ DENTRO, TRES OU QUATRO METROS DISTANTE, O TUNEL DESABOU E NÃO SE PODE IR ADIANTE. HÁ DUAS VERSÕES SOBRE A ORIGEM DESSE BURACO. — “EXISTIA UM TUNEL QUE ATRAVESSAVA A CIDADE, NO SUB-SOLO, E DANDO NA CASA DO CONTO, DO OUTRO LADO DA LINHA FÉRREA... POR ESSE TUNEL PASSAVAM OS CONSPIRADORES QUANDO SE REUNIAM NA CASA DO MORRO” — DISSERAM-NOS UNS OUTROS, MENOS CRÉDULOS, TRATAR-SE APENAS DA ENTRADA DE UMA MINA DE QUALQUER METAL, TALVEZ OURO, TALVEZ CARVÃO, MINA ABANDONADA DESDE LONGO TEMPO. MAS A VERSÃO MAIS CORRENTE, EM OURO PRETO, É A PRIMEIRA, ATRIBUINDO ALTO SENTIDO HISTORICO A ESSA FENDA NA TERRA.





AQUI ESTÃO GUARDADAS AS LEMBRANÇAS DE MARILIA. — NÃO APENAS OS OSSOS DA HEROÍNA DE DIRCEU, MAS TAMBÉM ALGUMAS RELÍQUIAS: FRAGMENTOS DE VESTIDO, FITAS E OBJETOS QUE PERTENCERAM A MARIA DOROTHEA JOAQUINA DE SEIXAS. O PADRE CARVALHO, VIGÁRIO DA MATRIZ E ANTONIO DIAS (NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO), GUARDA CARINHOSAMENTE ESSA URNA, EM UM DOS ARMÁRIOS DA IGREJA, CUJA CHAVE ESTÁ EM SEU PODER.

sair a exclamação até aí mal so-
pitada:

— Nunca pensei... Nunca
pensei! Ora vejam, ora vejam...

O que nós víamos, aparente-
mente, era inexpressivo. No espaço
destinado ao sepultamento de um
caixão comum, apenas uma terça
parte era ocupada por uma urna
de tijolo ou cimento, dentro da
qual — segundo a afirmativa do
sacerdote — se encontra outra
urna, essa de chumbo, contendo os
restos do artista, restos que não
devem ser muitos, sabendo-se que
ao morrer Aleijadinho era por sua
vez um resto de gente, com os
membros — pés e mãos — des-
truídos pela horrorosa deformi-
dade.

"Que estranha enfermidade se-
ria essa — escreveu Manuel Ban-
deira — que durante trinta e sete
anos afligiu, desfigurou e mutilou
aquele físico robusto de mestiço?"
"Para trabalhar, era mister que lhe
amarrassem às mãos o cinzel e o
martelo. Foi assim que, em idade
já avançada, a partir dos 61 anos,
lavrou ele as doze estátuas dos
profetas e as sessenta e seis figu-

ras dos Passos de Congonhas do
Campo".

Mas a enfermidade como que o
estimulava na sua capacidade de
trabalho formidável. Embora se-
gregado da sociedade trabalhava
sempre. As primeiras horas da
madrugada punha-se a caminho
do local em que devia trabalhar.
Ia a cavalo, embuçado em ampla
capa e chapéu desabado, fugindo
a encontros e saudações. No pró-
prio sítio da obra ficava a coberto
de uma espécie de tenda. Os últi-
mos meses de vida passou-os en-
trezado e cego num pequeno es-
trado, três táboas sobre dois cêpos
de pau, implorando continuamente
ao Senhor "para que sobre eles
pusse os seus divinos pés"... E
expirou cansado de sofrer.

Eram esses restos de ossos que
ali deviam estar naquela urna de
chumbo, encerrada em outra de ti-
jolo ou cimento encravada naque-
le pedaço de solo da igreja de An-
tônio Dias.

Mas também podia acontecer
que tal urna não encerrasse, real-
mente, os despojos do Aleijadi-
nho... Como acreditar nessa afir-

A MAIS VELHA IGREJA DE MARIANA. — A IGREJA DA SÉ, CENTO E DOIS
ANOS MAIS ANTIGA QUE A MAIS ANTIGA DE OURO PRETO, SEGUNDO DECLARAÇÕES
QUE NOS FORAM FORNECIDAS PELOS MORADORES DA VISINHA CIDADE. ESTILO COLONIAL LEGÍTIMO,
COM O ADRO À FRENTE, ONDE SE REUNEM OS VENDEDORES AMBULANTES E OS GA-
ROTOS DA LENDÁRIA CIDADE MINEIRA. TUDO ANTIGO, TUDO LIGADO À CRÔNICA DA
TERRA, EMBORA MARIANA TENHA FEITO CERTAS CONCESSÕES URBANÍSTICAS COM O
PROGRESSO, COISA QUE NÃO ACONTECE EM OURO PRETO, FIEL E APEGADA ÀS MAIS
REMOTAS TRADIÇÕES.



mativa desde que nenhuma lápide,
nem uma frase sequer, esclarecia
o assunto?

— Provam-no os apontamen-
tos da igreja — retrucou o padre
Carvalho. Lá estão — como por
nossa vez observámos pouco mais
tarde — os informes orientadores.
Alí está realmente, sepultado o
que existe de Antônio Francisco
Lisboa. Tudo confiado ao piedoso
tratamento, à conservação e à me-
mória de um sacerdote que não
pode durar sempre...

— E quando o padre Carvalho
não estiver mais aqui para zelar
por este legado?

— Alguém há de substituir-
me... Alguém tratará de fazer al-
guma coisa...

Afastámo-nos da matriz de An-
tônio Dias sem compreender a ra-
zão do quase abandono em que ví-
nhamos de encontrar, lá dentro, os
despojos de duas das três grandes
sombras de Ouro Preto.

E o Instituto Histórico? E o
Museu recém inaugurado, onde se
guardam, hoje, as cinzas dos már-
tires da Inconfidência? Por que
não encontrar no Museu confiado
à direção do cônego Raimundo
Otávio da Trindade um lugar de-
finitivo e apropriado para guardar
essas relíquias, quando tantas coi-
sas de Marília e do Aleijadinho
lá havíamos encontrado?

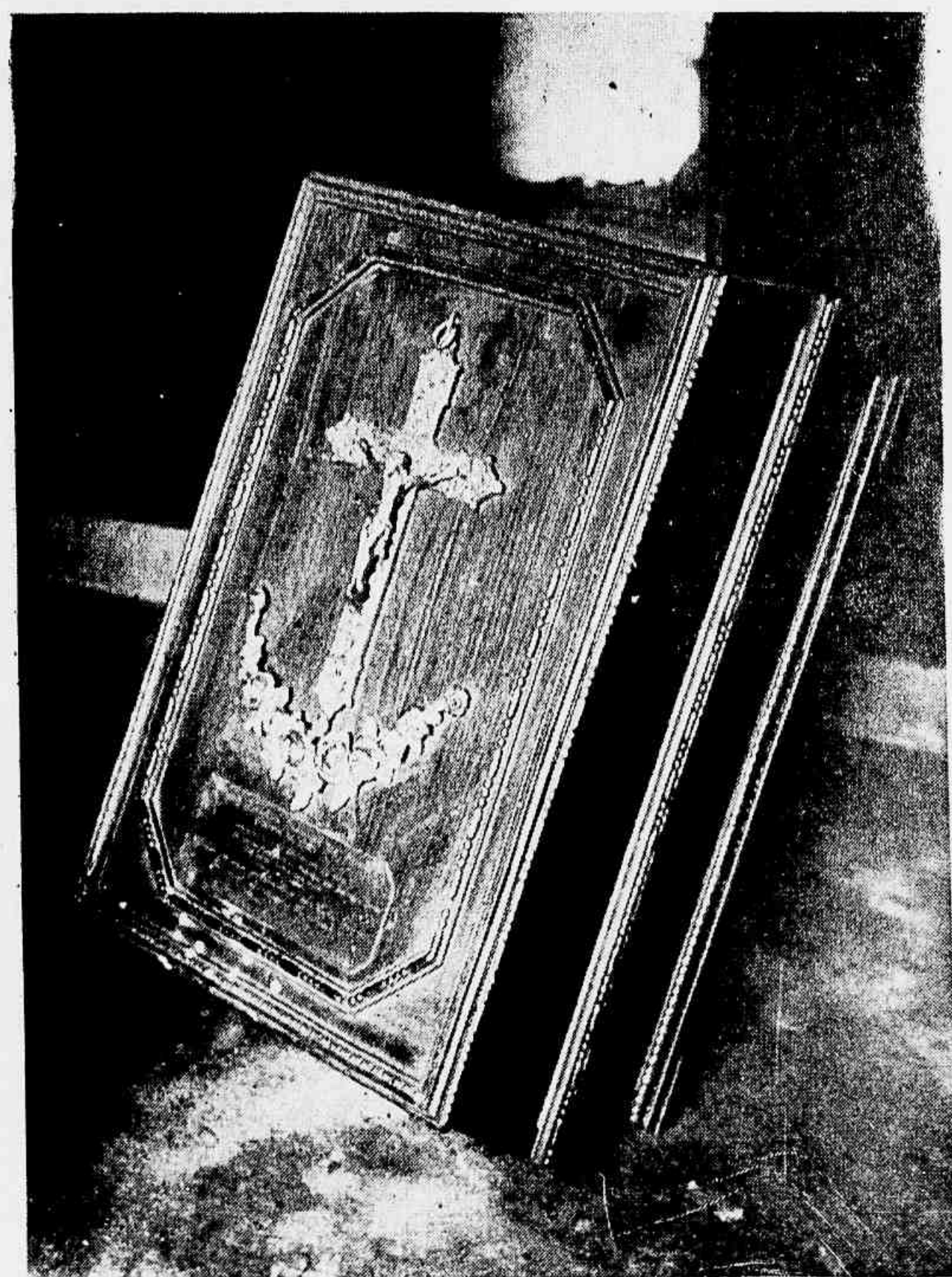
Mas uma terceira surpresa, não
menos desagradável, ainda nos re-
servava Ouro Preto. Foi quando,
na tarde do mesmo dia, resolvemos
subir a íngreme e escarpada
montanha do lado oposto da esta-
ção, onde nos apontavam, lá em
cima, bem no alto, a "Casa dos
Conspiradores". Não é preciso vi-
sitar a outrora Vila Rica para sa-
ber da existência dessa casa, desde
que nossos olhos há muito se ha-
bituarão a distingui-la através de
tantas fotografias que, em se tra-
tando de Ouro Preto, os jornais e
as revistas, quando não também os
livros, tratam de publicar.

— Naquela casa que os senho-
res estão vendo — falavam-nos
muitos ouropretenses — iam con-
fabular os Inconfidentes, a come-
çar pelo próprio alferes Joaquim
José da Silva Xavier. Ele e Gon-
zaga, e Claudio Manoel da Costa,
e Alvarenga, homens requintados,
letrados ou humildes, escondiam-
se dos olhares curiosos e dos bis-
bilhoteiros da terra, armando a
trama da grande aventura, lá em
cima...

Evocávamos a odisséia de Tira-
dentes atalho acima, naquela tor-
tuosa subida, esgueirando-nos por
entre os arbustos, cruzando mais
atalhos. Chegámos, afinal, ao topo
da montanha. Silenciosa e aparen-
temente deserta, alí estava, à nossa
frente, a residência sem aparato,

(Continua na pág. 48)

A URNA COM DESPOJOS DE MARILIA. — OSSOS E RECORDAÇÕES: FLORES,
UMA GRINALDA, FITAS, ETC. — LENDO-SE NA PLACA DE METAL, SOB O CRUCIFIXO:
"MARIA DOROTHEA JOAQUINA DE SEIXAS — FALLECIDA EM 10/2/1855 — EXUMADA
DA SEPULTURA DA MATRIZ DE ANTONIO DIAS EM 10/4/1937". QUANDO VISITOU OURO
PRETO, O CHEFE DA SAO EXAMINOU A URNA ENTREGUE A GUARDA DO VIGARIO
CARVALHO, TENHO O C. LADO DE CO. AR UM PEDACINHO DE PAPEL NO LUGAR DA
FECHADURA.



GARCIA LORCA NO TEATRO BRASILEIRO

Um dos legítimos acontecimentos teatrais da temporada está sendo, neste momento, a encenação da peça "Bodas de Sangue", pela companhia Dulcina-Odilon. Pela primeira vez, o teatro do infortunado poeta e escritor espanhol, vítima da barbárie "fascista", é apresentado em nosso idioma. Para registrar esse acontecimento, nada mais oportuno que a reprodução do artigo de Cecília Meireles, a tradutora de "Bodas de Sangre", publicado dias antes da estreia no jornal "A Manhã".

O TEMA da peça de Lorca não foi uma invenção arbitrária do poeta: baseia-se, como conta Angel del Rio, numa notícia de jornal, lida alguns anos. Isso não lhe diminui o valor — ao contrário; e serve para reafirmar aquela capacidade que ele tão bem possuía de combinar a realidade com a imaginação, o que acontece com o que seria possível acontecer, se o Fado pedisse a colaboração das mãos dos poetas.

Não é de admirar que uma notícia de jornal pudesse originar talvez a mais completa das obras de Lorca: uma tragédia rural está feita de amor e ódio veementes, de rios, cavalos, árvores, lua, e de sangue: sangue no fio da uma navalha.

Todos esses elementos viajavam sonambulamente pela alma e pelos sentidos do poeta, criatura de tragédia, que muita gente ainda vê somente pela superfície, com seus espelhos, suas flores, sua ondulação de gitano. Em "Bodas de Sangre", ele congrega todas as suas adivinhações esparsas, dando-lhe uma unidade que espanta, por ser, ao mesmo tempo, a da sua técnica poética, a da vida espanhola e a de um jogo de sentimentos universal.

Por sua intuição teatral, Lorca sentiu a força dramática da notícia de Almería; por aquela graça de bailarim dos seus poemas menores, envolveu-a de imagens e metáforas inesperadas, mais para serem sentidas do que entendidas; por seu gosto folclórico rodeou-a dos enfeites populares de que tão bem sabia usar; por seu sentido clássico, deu-lhe nitidez, luto denso, concentração em fatalidade.

A luz rural os homens de terra e sangue despontam fortes "como touros" e "belos como gerânios". Ouvindo-lhes a voz, as mulheres enamoradas sentem-se "como se bebessem uma garrafa de aniz e adormecessem numa colcha de rosas". A intensidade da peça tem raízes nessa poderosa sedução, que outros ambientes tornariam impossível e que se exprime com linguagem natural naquela fala:

*"Que yo no tengo la culpa,
que la culpa es de la tierra
y de ese olor que te sale
de los pechos y las trenzas".*

O gosto folclórico que deixou tão duradouras marcas na obra de Lorca, tanto nas apropriações de sua poesia como na coleta e harmonização de antigas melodias espanholas, influi nas canções de "Bodas de Sangre": acalanto que sugere paisagens do Romancero, cantigas festivas embebidas do ritmo, das figuras, do meneio dos bailes do povo. As próprias músicas introduzidas pelo autor em alguns lugares são variações sobre trechos anônimos onde não é estranho o lamento pungente do "canto jondo".

A estrutura clássica a que ia obedecendo o mundo de Lorca sugere-lhe a cena da morte com prelúdio lunar:

*"La luna deja um cuchillo
abandonado en el aire,
que siendo acecho de plomo
quiere ser dolor de sangre".*

A lua fria vem procurar agasalho no coração inquieto, no sangue cáldo dos rivais perdidos na noite. Assim desce a fatalidade dos céus, como em drama grego. E a morte humana se reveste das aparências de um sacrifício à divindade longínqua, idêntico aos dos velhos holocaustos: a aproximação do cruento encontro vai aquecendo, animando a deserta frialdade da lua:

*"Mira que ya mis valles de ceniza despiertan
en ansias de esta fuente de chorro estremecido".*

Em vão os lenhadores imploram, como num cântico antigo:

Continúa na pág. 46

AURORA ABOIM, NO PAPEL DE "MÃE", CUJO DESEMPENHO VALEU-LHE ESTREPITOSOS APLAUSOS DO PÚBLICO E OS MAIS JUSTOS E ENTUSIASTICOS ELOGIOS POR PARTE DA CRÍTICA.

UM MOMENTO CULMINANTE DE "BODAS DE SANGUE". DA ESQUERDA PARA A DIREITA: PAI DA NOIVA (MANOEL PERA), MÃE (AURORA ABOIM), NOIVO (RIBEIRO FORTES) E NOIVA (DULCINA). O CENÁRIO, QUE TAMBÉM SE PODE APRECIAR NA GRAVURA, É DE AUTORIA DE EROS GONÇALVES, PREMIADO NO CONCURSO REALIZADO MESES ATRÁS SOB OS AUSPÍCIOS DE DULCINA E ODILON, QUANDO SE COGITOU DA ENCENAÇÃO DA PEÇA DE GARCIA LORCA PARA A TEMPORADA DO MUNICIPAL, E DEPOIS TRANSFERIDA, REALISANDO-SE AGORA NO GINÁSTICO.



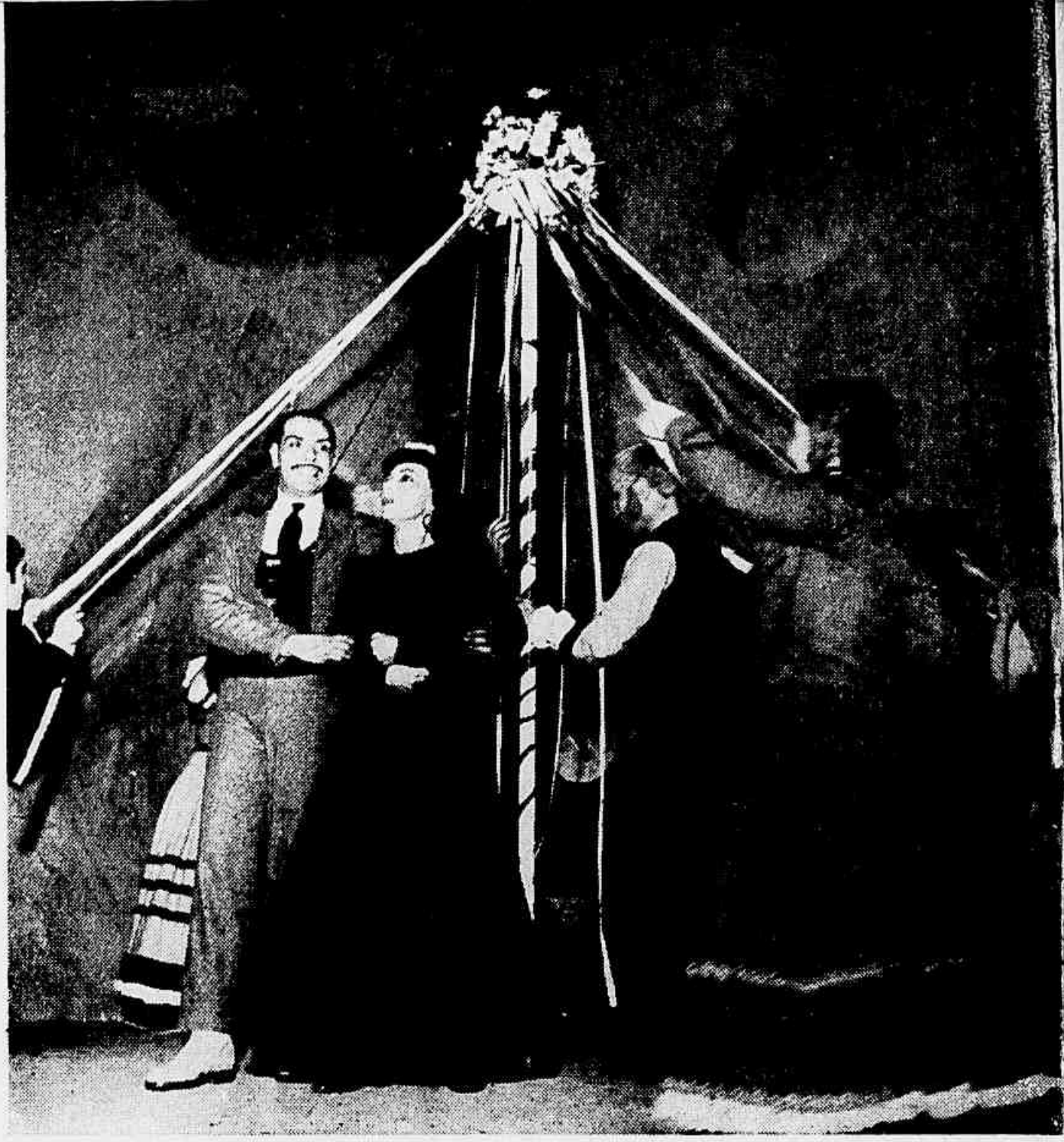


A NOIVA (DULCINA) E A CRIADA (CONCHITA DE MORAES). EM OUTRO MOMENTO CUMINANTE. PALAVRAS DE DULCINA: "NÃO É DIFÍCIL DIZER PORQUE ESCOLHI GARCIA LORCA PARA UMA TEMPORADA DE ARTE: PELAS MESMAS RAZÕES DE ORDEM ARTÍSTICA QUE, EM FASES PRESENTES E PASSADAS DA MINHA VIDA, ME LEVARAM A ESCOLHER ALGUMAS DAS BELAS OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA, "MONTAVEIS" EM TEATROS PEQUENOS. PELA MESMAS RAZÕES E AINDA POR OUTRAS — NATURALMENTE A CAUSA PSICOLÓGICA DA ESCOLHA: SOLIDARIEDADE DE ARTISTA PARA ARTISTA, HOMENAGEM A UM POETA QUE FICOU, PARA TODOS NÓS, COMO UM SÍMBOLO DAS COISAS IMPERECÍVEIS A QUE VIOLENCIA ALGUMA PODERÁ TIRAR O SEU CARÁTER DE IMORTALIDADE".



LEONARDO (ODILON), O PAI DA NOIVA (PERA) E A CRIADA (CONCHITA) AGUARDAM A ENTRADA DOS NOIVOS, CENA IMPORTANTE DO SEGUNDO ÁTO. LEONARDO MAL PODE DISFARÇAR O SEU ODIO, OCULTANDO O DESESPERO QUE LHE ROE AS ENTRANHAS. OS DEMAIS, ALHEIOS AO CIUME INFLAMADO DO RAPAZ, SENTEM-SE FELIZES, VIVENDO O DIA MAIS ALEGRE DE SUAS EXISTÊNCIAS. LÁ FORA OS CONVIDADOS BRINCAM, SALTAM E CANTAM. TUDO É APARENTEMENTE FELIZ, MAS SÓ EM APARÊNCIA. O DRAMA IRÁ EXPLODIR DAÍ A INSTANTES...

É INÚTIL RESISTIR-LHE. JÁ PERTENCE A OUTRO HOMEM. A QUEM JUROU FIDELIDADE PARA O RESTO DA VIDA. MAS O CONTACTO COM LEONARDO, A QUEM AMA REALMENTE, FAZ DESPERTAR-LHE O INSTINTO DO VERDADEIRO E ÚNICO SENTIMENTO. FAZ ESFORÇOS PARA FUGIR-LHE QUER EVITAR O DESENLAÇE QUE SE DESENCADearÁ, NÃO TARDA MUITO; MAS NÃO PODE. UMA FORÇA SUPERIOR, INDOMÁVEL, A OBRIGA A FICAR ALI MESMO, A SUBMETTER-SE À VONTADE DE LEONARDO, QUE VAI TIRÁ-LA, EM MEIO À CERIMONIA NUPCIAL, SÓ PARA ELE E MAIS NINGUÉM.



E OS NOIVOS DANSAM, RODEADOS PELA GENTE HUMILDE DA PROVÍNCIA... ELA, POREM, SENTE-SE PERTURBADA. NÃO IGNORA A PRESENÇA DO OUTRO, DO HOMEM A QUEM SEU CORAÇÃO SE ENTREGOU HA MUITO TEMPO. VAI CASAR-SE COM UM TERCEIRO — SABE LÁ PORQUE! QUANDO LEONARDO A CONVIDAR, NÃO HAVERÁ INDECISÃO. DESAPARECERÁ COM ELE SEM DEMORA... E A FESTA CONTINUARÁ ATÉ DAREM PELA FALTA DE AMBOS. ENTÃO A TRAGÉDIA IRÁ CONSUMAR-SE. O NOIVO E O OUTRO TERÃO DE SE DEFRONTAR. E AMBOS HÃO DE MORRER...

E OS TRES LENHADORES, RESPECTIVAMENTE ATILA MORAES, ARMANDO ROSAS E NELSON VAZ, DESFILAM PELA FLORESTA, DE MACHADO AO HOMBRO, O PASSO ARRASTADO, A VOZ EM MURMÚRIO, COMENTA-DO OS TRÁGICOS ACONTECIMENTOS DAQUELAS BODAS DE SANGUE... O APARECIMENTO DE LEONARDO QUANDO A FESTA IA ANIMADA... A SUBITA DESAPARIÇÃO DO RAPAZ E DA NOIVA... A "BATIDA" PELA FLORESTA... O ENCONTRO DOS RIVAIS... E OS DOIS CORPOS BANHADOS EM SANGUE, CAIDOS E COBERTOS PELAS FOLHAS SECAS...



UMA NOVA FIGURINISTA DE HOLLYWOOD

A prova de que Edith Head, a nova estilista do estúdio Paramount, não é apenas uma desenhista de elegâncias, é evidenciada pelo fato de que há uma longa relação de estrelas esperando seus serviços para criar os vestidos de seus guarda-roupas pessoais. Quando uma atriz escolhe a costureira da companhia para confeccionar seus próprios trajes, isto implica numa dupla responsabilidade para a desenhista embora constitua uma demonstração de reconhecimento e homenagem à personalidade e habilidade da desenhista, na criação de seus modelos encantadores.

Veronica Lake, Rise Stevens, Dorothy Lamour, Loretta Young, Betty Hutton e Barbara Stanwyck são apenas algumas das muitas estrelas que gozam do privilégio da competência creadora de Edith. Trabalhando com elas nas produções dos estúdios Edith acabou por conhecer o que as estrelas gostam e do que não gostam de forma que poderia confeccionar para elas qualquer traje, para uso particular, quasi sem consultá-las. "Veronica Lake com um vestido branco", ela nos informa, sente-se tão feliz que não se importaria de sujeitar-se a inúmeras e fastidiosas provas — o que raramente acontece, pois em geral apenas uma prova é necessário".

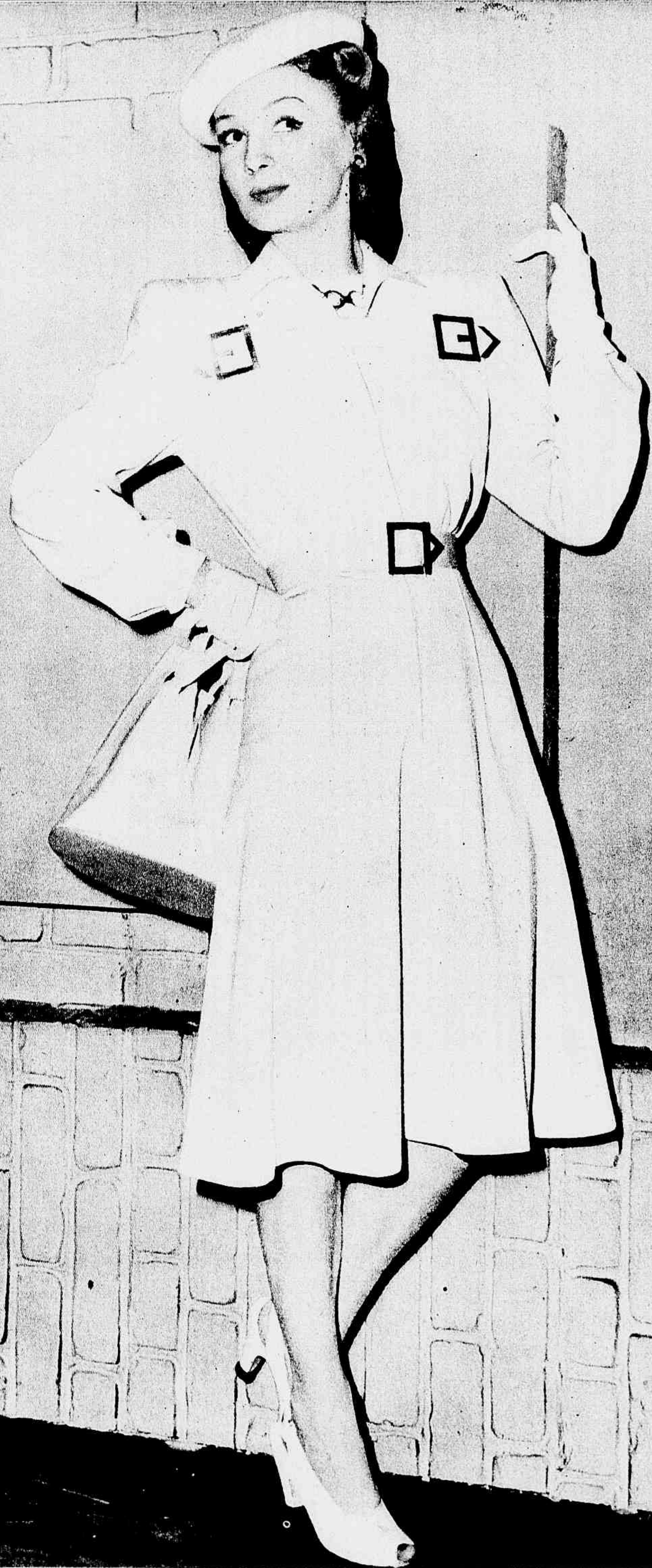
Os conselhos de Edith também são aceitos sobre chapéus, bolsas, sapatos, luvas e jóias. — As vezes ela combina o chapéu e a bolsa com o vestido, utilizando o mesmo tecido, outras vezes emprega outro material fazendo contraste, daí resultando um efeito quasi sempre deslumbrante.

Vamos olhar alguns figurinos e ver como Edith Head veste as encantadoras estrelas da tela na vida privada.



VERONICA LAKE PARECE UM REFLEXO DA LUA EM SEU VESTIDO DE FIOZ AZUL ESCURO, TODO BORDADO COM VIDRILHOS DE CRISTAL. A FIGURINISTA EDITH HEAD ESTILISOU UMAS COMPRIDAS LUVAS QUE ALCANÇAM OS OMBROS E IDEALIZOU UMA REDE INVISIVEL ENFEITADA TAMBEM COM VIDRILHOS PARA COBRIR OS LOUROS CABELOS DE VERONICA. EMBORA ULTIMAMENTE ESSA ARTISTA TENHA MODIFICADO O SEU PENTEADO TÍPICO, ELA CONTINUARÁ SENDO POR MUITO TEMPO, QUEIRA OU NÃO, A MULHER CUJO ROSTO APARECE SÓ PELA METADE, TENDO A OUTRA METADE COBERTA PELOS CABELOS COMPRIDOS E DE UM TOM DE ESPICA MADURA. NESSE MODELO DE EDITH HEAD, OS ENCANTOS NATURAIS DE VERONICA LAKE ADQUIREM UM ENCANTO E UMA FASCINAÇÃO AINDA MAIS PRONUNCIADAS.

EDITH HEAD, ESTILISTA DA PARAMOUNT, DE QUEM DAMOS NAS PÁGINAS SEGUINTE VÁRIOS DESENHOS DE TRAJES PARA OS GUARDA-ROUPAS PESSOAIS DE ALGUMAS ARTISTAS DA TELA. MISS HEAD É A ÚNICA MULHER DE HOLLYWOOD QUE TEM UMA POSIÇÃO DE GRANDE RESPONSABILIDADE NO ESTUDIO, IDEALIZOU OS VESTIDOS PARA A TELA E PARA A VIDA PARTICULAR DE ARTISTAS NOTÁVEIS, COMO RISE STEVENS, DOROTHY LAMOUR, LORETTA YOUNG, BETTY HUTTON, BARBARA STANWYCK E VERONICA LAKE, E VEM CONSEGUINDO UMA PROJEÇÃO DE INCALCULÁVEL DESTAQUE NAS RODAS ELEGANTES DA AMÉRICA DO NORTE. PENSAMOS OFERECER ÀS LEITORAS, COM ESTE MATERIAL, UMA OPORTUNIDADE DAS MAIS FELIZES PARA A RENOVAÇÃO DE SEU GUARDA-ROUPA, COM A APROXIMAÇÃO DO VERÃO CARIOCA.



NOVAMENTE A LOURINHA ENCANTADORA NUM VESTIDO-CASACO DE FLANELA BRANCA, QUE TAMBEM PODE SER CONFECCIONADO EM TECIDO MAIS LEVE, PARA OS DIAS QUENTES. É ENFEITADO COM TRÊS FIVELAS DE PRATA. A BOISA, A BOINA E AS LUVAS, CONFECCIONADAS COM O MESMO TECIDO, COMBINAM COM O VESTIDO, FORMANDO UM ADMIRAVEL CONJUNTO. NESTE MODELO, VERONICA LAKE ABOLIU, NOVAMENTE, O SEU PENTEADO CARACTERISTICO, PUXANDO OS CABELOS PARA TRÁS E DESCOBRINDO O ROSTO, DOS MAIS FORMOSOS E SUGESTIVOS QUE HOLLYWOOD POSSUE EM NOSSOS DIAS. EDITH HEAD, DESENHISTA CHEFE DA PARAMOUNT, ALCANÇOU EXTRAORDINÁRIO SUCESSO COM OS MODELOS REUNIDOS NESTAS PÁGINAS E SERÁ, A PARTIR DE AGORA, UM ÍNDICE DE ELEGÂNCIA E BOM GOSTO, PELO QUAL PODEM GUIAR-SE AS DAMAS BRASILEIRAS OU DE QUALQUER PARTE DO MUNDO.



DOROTHY LAMOUR E LORETTA YOUNG, A PRIMEIRA À ESQUERDA, NUM VESTIDO DE SETIM PRETO SEM BRILHO, CUJO CINTO DE CAMURÇA CONTRASTA COM O BORDADO ROSA E PRETO QUE ORNAMENTA AS DUAS BANDAS SOBREPÓSITAS. LORETTA USA UM VESTIDO SIMPLES DE CREPE BRANCO PESADO, COM DOIS SUSPENSÓRIOS LARGOS, BORDADOS A BRANCO, PARTINDO DOS OMBROS. ESTES MODELOS, BEM COMO OS DEMAIS RESUMIDOS NESTAS PÁGINAS, FORAM DESENHADOS POR EDITH HEAD.

BETTY HUTTON GOSTA MUITO DESTE TRAJE BEIGE E PRETO, PARA ELA ESPECIALMENTE IMAGINADO. EDITH EMPREGOU CREPE PRETO SEM BRILHO NO VESTIDO E TECIDO BEIGE TODO BORDADO NA CONFECÇÃO DO BOLERO. UMA FITA DE VELUDO PRETO, PASSANDO ATRAVÉS DE ILHÓS, MARCA UM ELEGANTE MOTIVO QUE RESSALTA O ENCANTO DA "TOILETTE". DUAS MINIATURAS, NESTA MESMA GRAVURA, ORIENTAM A LEITORA SOBRE OS DETALHES DO MODELO QUE AQUI LHE OFERECEMOS.



Edith Head

DOROTHY LAMOUR APRESENTANDO UM VESTIDO DE "SOIRÉE" INSPIRADO NO SEU FAMOSO "SARONG". CONFECCIONADO DE CREPE BRANCO, O VESTIDO TEM UM BOLERO MUITO CURTO COM MANGAS COMPRIDAS E UM CACHE-CO-TAMBEM BASTANTE LONGO. VESTIDO E CACHE-COL SÃO BORDADOS COM VIDRIHOS CINTILANTES FORMANDO DESENHOS DE FLORES, CONSTITUINDO TUDO UM CONJUNTO ENCANTADOR. MAS, NOS FILMES, DOROTHY LAMOUR VAI SURTIR AINDA COM O SEU CLASSICO "SARONG".

DOROTHY LAMOUR ESTÁ VESTIDA PARA A HORA DO CHÁ. ESTE ENCANTADOR VESTIDO DE CREPE AZUL TEM A CINTURA TODA DRAPEADA. FLORES AMARELAS, AZUIS E BRANCAS ACENTUAM O BUSTO DA "ESTRELA" NUMA REMINISCENCIA DOS TRAJES BEM CONHECIDOS DAS ILHAS DO PACIFICO. SAIA BASTANTE CURTA, CHAPÉU COBERTO POR UM VÉU PINTALGADO DE FLORES ESCURAS, VÉU QUE PODE SER FEITO EM GAZE TAMBEM AZUL. LUVAS EM COMBINAÇÃO COM O CONJUNTO DO VESTIDO.



Edith Head

Voz Bastidores Femininos

O MUNDO DAS MULHERES

WALLY.

Seria feliz o tempo em que o mundo das mulheres era unicamente o ambiente restrito do lar? Seria feliz a sua vida sob o teto patriarcal e sob a salvaguarda ciosa do pai austero, da mãe modelo de virtudes, dos irmãos mais velhos que, embora dados à boemia e estronices, viam nas mulheres do seu lar seres imaculáveis e invioláveis, santas criaturas, preciosas madonas que era preciso resguardar das maldades do mundo? Para elas, naquele mundo, só se lhes permitia usarem do cérebro para resolver os seus problemas

exteriores; a elegância e as boas maneiras em primeiro lugar. Sêdas, rendas, joias, perfumes. Nesse mundo complexo ela se movia estonteada como borboleta que não sabe em que flor encontrará a melhor porção de alimento para seu organismo, que é também, um mixto de passaro e de flôr — "Este chapéu? mas já o usei na última reunião dos condes de... Este sapato? Acho que me torna os pés maiores. Esta cor de seda fica a matar com a cor dos seus cabelos e dos seus olhos... Não, este modelo positivamente não fica bem ao seu tipo, engorda-a".

"Acha que um sapato aberto combina com este vestido de meia estação? O que dirá

(Continua na pág. 47).

EVELYN ANKERS, DA UNIVERSAL.



Acabou-se o julgamento. Foi anunciada a decisão do juri. Porém ainda falta um veredictum: o das comadres que comentam o caso, bisbilhotam, fazem intrigas...

O Outro Veredicto

O réo levantou os olhos. A esposa, ansiosa, virou-se para a porta por onde os jurados acabavam de entrar. O juiz chegou. Houve uma breve conferência entre ele e um dos jurados. Em seguida, o oficial de justiça pediu silêncio.

O juiz, então, formulou a pergunta tradicional. Os jurados acharam que o acusado era culpado ou inocente?

Na pausa que seguiu, podia-se ouvir o zumbido das moscas que voavam perto da parede.

— Culpado ou inocente?

— Como se isso lhe repugnasse contra a decisão da maioria, um dos jurados levantou-se e disse:

— Inocente.

Houve um murmúrio na resistência. O veredicto era tão inesperado que a maioria mal podia acreditar nos seus ouvidos. Que influência teria agido sobre o espírito da maioria dos jurados para que eles chegassem àquela decisão? O homem era, evidentemente, culpado.

Grace olhou para Muriel e o que viu surpreendeu-a muitíssimo. O réu, de cabeça baixa, ao ouvir a decisão do juri, endireitara-se e agora estava sentado, muito impertigado, na sua cadeira.

Os advogados congratulavam-se.

— O timo trabalho, disse Murgatroyd. Não compreendo como foi que ele conseguiu escapar. Mas escapou, e isso é o que interessa.

George, advogado assistente, olhou para o seu chefe e disse:

— Creio que o testemunho de Muriel teve muita importância.

— Sem dúvida, sem dúvida. Mas, ainda assim, é difícil acreditar que, com provas tão convincentes da culpa... Em todo caso, aconteceu e não serão os advogados do réo que protestarão contra a sentença a seu favor. Entretanto...

George percebeu que alguma coisa perturbava o chefe:

— O senhor acha que a sentença foi injusta?

Murgatroyd olhou para todos os lados. Não havia ninguém muito perto. Então, em voz baixa, disse, encarando o assistente.

— George, aqui entre nós, que ninguém nos ouça, eu sei que a sentença foi injusta.

E, vendo o espanto do colega, apressou-se a concluir:

— Não vá fazer suposições absurdas por causa do que disse. Eu não quero dizer que tenha alguma prova escondida ou coisa semelhante... Agi com lealdade, mas... Basta olhar para o homem, consultar os autos... E' mais do que lógico. Salta aos olhos...

— O que torna o veredicto ainda mais estranho...

— Exatamente. Perfeitamente incompreensível.

— Terá havido...?

— Suborno?

— Sim.

— Não. Impossível. Os jurados são homens conhecidos. Homens dignos. Alguma coisa os convenceu.

— Eu ainda acredito que foi Muriel.

— Você, sem dúvida, está com a ra-

zão. Porém eu não posso compreender como o magnetismo pessoal de uma mulher possa mudar a decisão de um juri...

— Coisas mais estranhas já ocorreram em tribunais...

— E' exato. Não contesto. Não sei...

Pensativo olhou para a figura da esposa do réo, Muriel Santoval, que sentada no banco reservado às testemunhas não levantara a cabeça desde que o veredicto viera como um alívio, quebrando a tensão de nervos em que se mantivera naqueles últimos dias.

— Como está pálida, comentou George.

— Exausta, esclareceu Murgatroyd.

— O marido deve-lhe eterna gratidão.

— Deve-lhe a vida.

— Uma mulher corajosa. Imagine a posição dela...

— E' atriz, não é verdade?

— Sim. Abandonou o palco quando se casou...

— Dizem que Santoval é muito ciumento...

— Ele é um homem feliz. Tem uma sorte incomparável.

— Merecerá?

— Eu acho melhor não discutirmos mais o assunto. Está acabado e nada mais há a discutir.

— Você tem toda a razão.

Siram os dois advogados. Perto da porta Grace esperava o marido.

— Vamos?

— Vamos, querida.

Quando a sala de julgamento se esvaziou e só restavam nela o réo e a esposa, imóveis os dois, Wilfred Santoval levantou-se e caminhou em direção de Muriel.

— Bem...

Ela levantou os olhos e disse:

— Está satisfeito?

— Que é que você acha?

Ela não respondeu.

— Wilfred, eu...

— Não é preciso falar. Já sei.

— Não. Não é isso. Eu...

— Não ia dizer que não podemos mais viver juntos?

— Sim...

— Por que?

— Wilfred...

— Você acha que eu sou um assassino, Muriel?

— Wilfred, eu...

— Já sei. Você fez o possível para obter a minha absolvição...

— De coração...

— Mas não tem certeza?

Ela encarou-o corajosamente.

— Não sei, Wilfred. Não sei.

— Muriel. Olhe para mim. Você acha que eu matei aquela mulher?

Ela estremeceu.

— Não sei.

Os dois estavam sós, na sala imensa.

O crepúsculo caía, suavemente. A noite se aproximava. A noite fora cometido o crime. O crime... Uma janela aberta, batendo, ao vento... Cortinas que esvoaçavam... O vento sempre o vento, uivando zunindo... Sobre a cama um corpo de mulher. Rosto deformado de terror. Olhos esbugalhados. Muriel vira o cadáver... Um rosto muito pintado. Vulgar, grosseira, debochada. Uma mulher nojenta... Morta... E sangue

por toda a parte. No chão, perto da cama e uma enorme poça. Muriel abafou um grito. Histérica, berrou:

— Não sei, Wilfred. Não sei. Saia, pelo amor de Deus. Eu tenho medo, Wilfred. Eu tenho medo de você!

Ele encolheu-se.

— Adeus, Muriel.

Seus passos ecoaram na sala vazia. Bateu uma porta. Quando ela viu que ele se afastara, levantou-se. Como uma autômata, dirigiu-se para a porta, por sua vez.

A sala estava agora vazia. Fora anunciado o veredicto do juri. Ainda faltava o veredicto do povo. E a tragédia apenas começara...

Grace foi visitar Muriel, poucos dias depois do julgamento.

— Madame Santoval está? perguntou a criada que pareceu espantada ao ouvir o nome do marido de Muriel.

— Faça o favor de entrar. A quem devo anunciar?

— Grace Latham.

— Tenha a bondade de esperar um instante.

O "instante" foi longo. Uns quinze minutos decorreram antes que a própria Muriel viesse beijá-la.

— Olá, Grace? Como vai você? E George, vai bem?

O rosto de Muriel, Grace notou, estava gelado, como o rosto de um cadáver. Profundas olheiras rodeavam os seus olhos expressivos.

— Entre, Grace. Estou só, hoje.

— Wilfred não está?

Houve um silêncio.

— Grace, é melhor que discutamos esta questão de uma vez por todas. Com ninguém mais eu falaria sobre isso.

Mas você é minha melhor amiga, mulher de um dos advogados de meu marido... Escute, Grace, eu não vou voltar a viver com Wilfred...

— Mas por que?

— Porque não posso. Grace você já experimentou a incerteza? Não queira.

E' mais cruel do que qualquer tortura.

— Muriel, você não "quer dizer" que...

— Não sei, Grace. Não sei.

Sua voz era aguda, quase histérica.

— Você não vê que é isso que me atormenta? Acordo durante a noite pensando nela...

Vejo a poça de sangue, o rosto impassível de Wilfred durante o interrogatório, durante o julgamento.

Havia uma forte luz que o policial colocara bem em cima dele para iluminar-lhe o rosto. Fiquei tanto tempo assistindo ao interrogatório. O'hei tanto

tempo para aquela mancha de luz que ainda hoje os olhos me ardem e, quando os fecho, vejo vermelho e não sei, não sei, Grace, se é só por causa da luz ou se é sangue que eu vejo... sangue...

— Minha pobre Muriel.

— Peco-lhe, Grace, não falemos mais nisso. Wilfred compreendeu e partiu ontem mesmo. Ele fez as malas e partiu. Eu não tive coragem de retê-lo.

— Mas você já pensou, Muriel, na hipótese de ser ele inocente? Já pensou que tortura não será para ele se...

— Sim! Sim! Por isso é que estou assim como me sinto.

— Se ele for culpado...

— Estará sofrendo um castigo merecido e leve em comparação com o horror de seu crime, mas se for inocente...

— Estará sendo punido injustamente.

— E você não calcula como essa incerteza me tortura! Meu Deus eu não aguento mais!

— Você tem mesmo coragem, Muriel, de lavrar uma sentença que um juri honesto não ousou lavrar?

— E' mais forte do que eu esse terror que me domina... e ele se aproxima de mim, tenho impetos de gritar...

Penso que ele quer me estrangular, se por acaso suas mãos se aproximam de meu pescoço, numa carícia...

(Continua n pag. 55)



CONTO DE
FRANK SWINNERTON



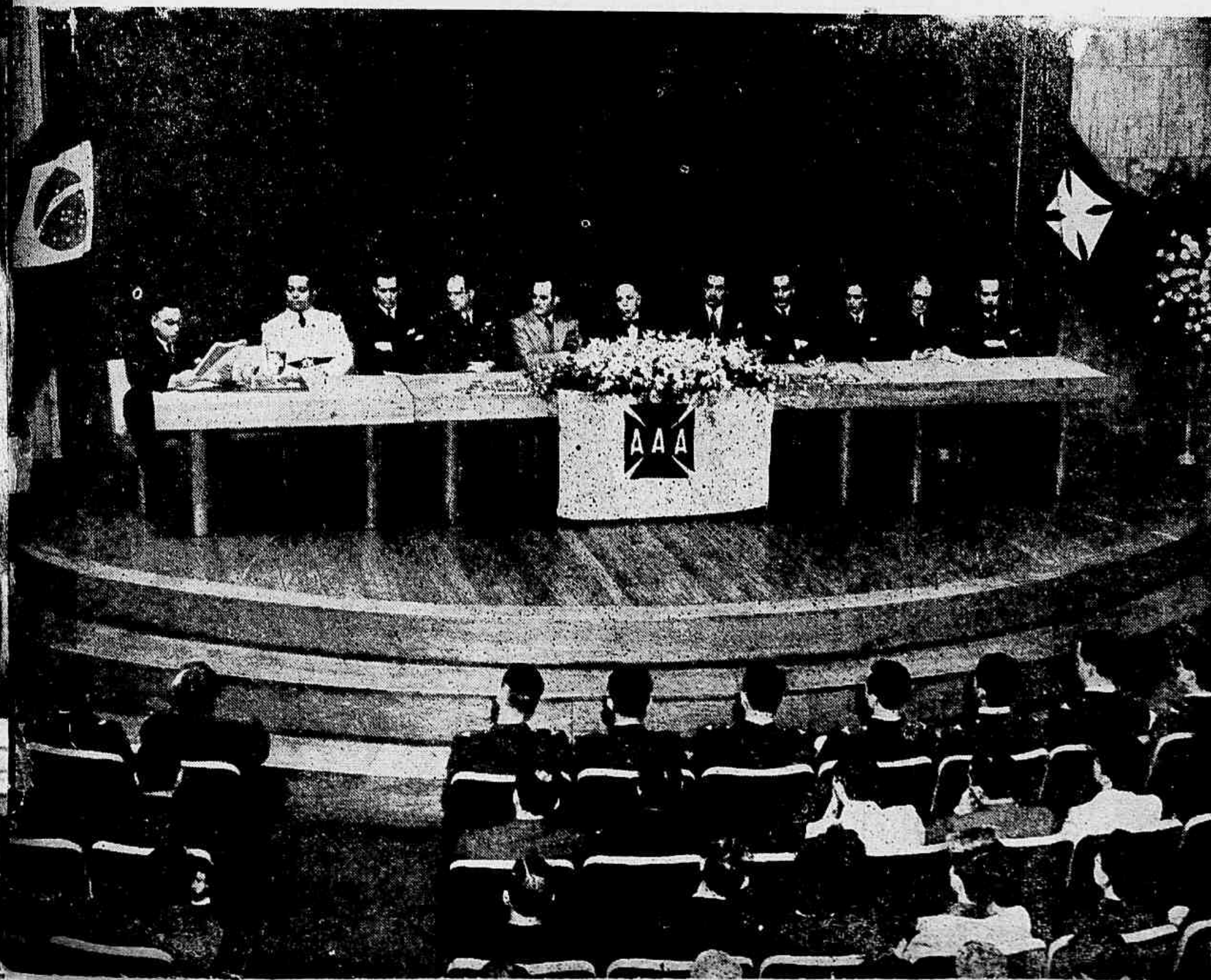


SENHORITA GLORIA LINTZ, FILHA DILÉTA DO CASAL DR. ENÉAS LINTZ, CUJA PARTICIPAÇÃO NO CONCERTO CICLO DE SONATAS DE BEETHOVEN, REALIZADO NA ESCOLA NACIONAL DE MUSICA, MERECEU DE PARTE DA CRITICA JUSTAS E HONROSAS REFERENCIAS NA EXECUÇÃO DA SONATA OP. 54.



ENGENHEIRO CIVIL ELCINE DE AGUIAR CAMPOS, FILHA DO DESEMBARGADOR ELEAZAR SOARES CAMPOS E DA SENHORA MARIA RITTA DE AGUIAR CAMPOS, NASCIDA NA CIDADE DE CAXIAS, DO ESTADO DO MARANHÃO, QUE VEM DE COLAR GRÁU NA ESCOLA POLITÉCNICA DO RIO DE JANEIRO.

CELEBRANDO A PASSAGEM DO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA POSSE DO SR. PEDRO BRANDO NO CARGO DE SUPERINTENDENTE DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, A ASSOCIAÇÃO DOS AUXILIARES DA ADMINISTRAÇÃO DAQUELA GRANDE REDE DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS PRESTOU-LHE SIGNIFICATIVA HOMENAGEM CONSTANTE DE UMA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO AUDITÓRIO DA A. R. I. NO DIA 4 DO CORRENTE. À MESA, PRESIDIDA PELO SR. HERBERT MOSES, TIVERAM ASSENTO ALTAS AUTORIDADES CÍVIS E MILITARES, PRESENTES À COMEMORAÇÃO. ESPECIALMENTE CONVIDADO PARA TAL FIM, O PROFESSOR MAURICIO JOFFERT PRONUNCIOU INTERESSANTE CONFERENCIA, SUBORDINADA AO TEMA "A VITÓRIA DO TRABALHO". O CLICHÉ ABAIXO MOSTRA UM ASPECTO DA SESSÃO SOLENE QUANDO FALAVA O ILUSTRE CONFERENCISTA.



"A HORA DO AMOR"
(Versos de Elora Possolo)

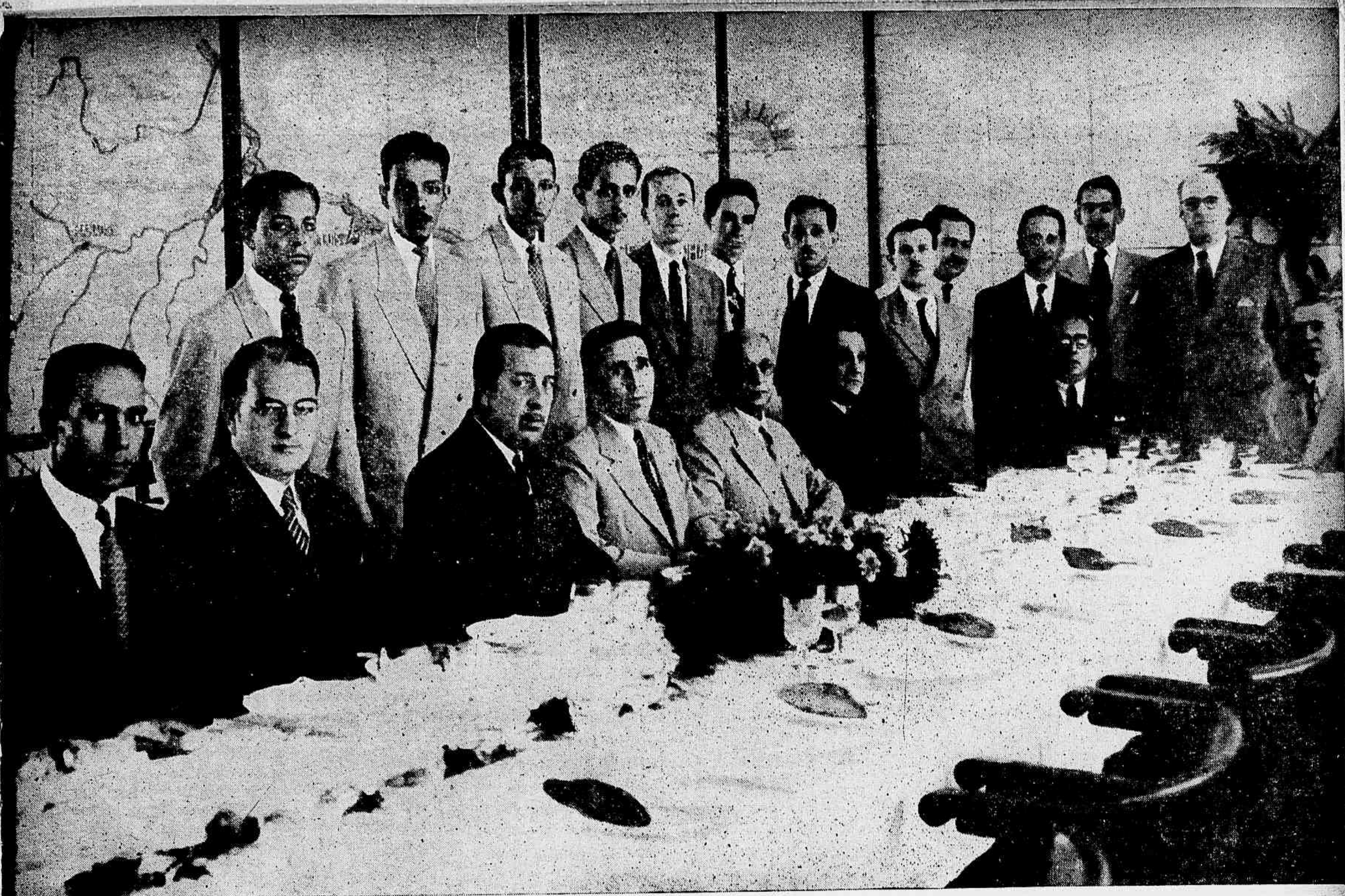
A POESIA EM SUAS CARACTERISTICAS MAIS BELAS, QUAIS SEJAM A ESPONTANEIDADE E A INSPIRAÇÃO, ENCONTROU NA AUTORA DE "A HORA DO AMOR" UMA CULTORA FIEL. AS SINFONIAS DULCÍSSIMAS QUE TRANSBORDAM DO CORAÇÃO DA POETISA ESTÃO COMPAGINADAS NESSE LIVRO QUE EMOCIONA E ENTERNECE, TAL A FINURA COM QUE TECE E REDOIRA OS TEMAS COLHIDOS PELA INSPIRAÇÃO. "A HORA DO AMOR", QUE ACABA DE APARECER, É LIVRO QUE SE LÊ COM INTENSA ALEGRIA INTERIOR. VEIO ENRIQUECER AS NOSSAS LETRAS POÉTICAS E ELORA POSSOLO NELE SE APRESENTA COM A MESMA PUJANÇA DE SEU ESTRO.



DR. RAMOS FILHO. — ACABA DE SER DISTINGUIDO COM UMA BOLSA DE ESTUDOS NO AMERICAN INSTITUTE OF AFFAIRS, DOS ESTADOS UNIDOS, O JOVEM MÉDICO PEDIATRA PATRICIO DR. RAMOS FILHO QUE, POR ISSO, EMBARCARÁ BREVEMENTE PARA AQUELE PAIS, ONDE APRREFEICARÁ SEUS CONHECIMENTOS NA "CLÍNICA DE MAYO".



SENHORITA ZELIA COELHO E SUA MÃE A SRA. ADELAIDE COELHO, TENDO TRANSCORRIDO NO DIA 9 DE SETEMBRO A DATA NATALICIA DA PRIMEIRA.



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS SOCIOS E AUXILIARES DA FIRMA C. GUSMÃO & CIA. LTDA., COMEMORANDO O 2.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SUA CASA COMERCIAL.

FIGURAS E FATOS

ENLACE ELEONORE FLEISCHMANN — PETER FRANKEL

Realizou-se nesta Capital, às 16 horas do dia 4 do corrente, assistido pelos elementos mais representativos da sociedade carioca, o enlace matrimonial da senhorita Eleonore Fleischmann com o sr. Peter Frankel, socio gerente da INTIMEX, Sociedade Internacional de Importação e Exportação Ltda.

Reproduzimos nesta pagina duas fotos apanhadas na residencia do noivo, á rua Almirante Tamandaré 33, apartamento 404, após a cerimonia religiosa.



ESCRAGNOLLE DORIA

VIDAS BRASILEIRAS

CONHECIDÍSSIMA é, sobretudo de professores e alunos de português, a bastante reeditada *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Entremeiou este os excertos do livro de breves notícias bio-bibliográficas antepostos ao primeiro trecho de cada autor. "Nesses pequeninos resumos — observa Laet — as sentenças críticas são quasi sempre proferidas por juizes especiais e competentes."

Um deles não será o proprio declarante ao tratar de pessoa de seu proximo conhecimento? Talvez nos seja perdoada a suposição, à vista do restritivo e modesto "quasi sempre", de pontinha ironica. Sem amiudar exemplos, o final da apreciação bio-bibliografica de Joaquim Manoel de Macedo é puro e justo Laet.

Na *Antologia Nacional* figura Varnhagen, assim apre- ciado por Laet:

"Infatigavel excavador, sobre muitos pontos escre- veu memorias interessantes, em grande parte recolhidas na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Poeta de nossa Historia — chamou-lhe João Francisco Lisboa, que aliás foi o seu mais fogoso adversario. Bem conhecida é a sua *Historia Geral*."

Não era estylista, mas primou pela severa correcção da linguagem."

Admitida a sentença com da exclusiva autoria de Laet, tem ela preço, o de provir de julgador mais pro- penso a rigores que a louvores.

Um dos fatos da existencia de Varnhagen, apontado por Laet, é o da admissão daquele no Instituto Historico e Geografico Brasileiro tão efetivamente presidido por D. Pedro II.

Em 1840 representava Brasil em Portugal o Con- selheiro Vasconcelos de Drumond, sócio correspondente, do Instituto Historico. Ao secretario deste, por carta, dirigia-se Drummond dizendo-lhe:

"O Sr. Varnhagen, natural da Cidade de S. Paulo — ao que se equivocava — aonde seu Pai foi estabelecer a Fabrica de ferro, que continua a prosperar naquella Provincia. Eis porque se occupa com tanto cuidado das cousas do Brasil". E observa o diplomata missivista: "O logar do nascimento cria inclinações profundas no coração do homem".

Trinta e oito anos passados, Joaquim Manoel de Macedo, orador do Instituto, em necrologio, retomava o conceito de Drummond. Declarava Varnhagen "nas- cido e embalado em berço de ferro, tendo em sua natu- reza a combinação harmonica da constancia inflexivel do germanico no culto de uma idéa com a dureza for- tissima do metal de seu berço".

A fixação exata da vinda ao mundo de Varnhagen gera discordancias. Quando nasceu o sorocabano de sangue teuto-brasileiro? Variam as respostas, a crono- logia de muitos tropeços, sobretudo para biografos de boa casta, dos desconscienciosos preferivel não curar.

Varnhagen nasceu em Ipanema a 17 de Fevereiro de 1819 disse Rio Branco. A 17 de Fevereiro de 1816 disse Teixeira de Mello. E outros dias, mezes e anos têm sido apontados, sobretudo pelos que escrevem ás carreiras e são muitos.

A precisão de datas é de importancia na vida civil ou familiar de qualquer, para subir de ponto na relação das existencias dos illustres. Varnhagen o foi em longo estadio de historiador e poligrafo. Os seus proprios titulos nobiliarquicos, barão e visconde de Porto Seguro, dizem historia patria nos remontados dias de 1500.

Quem datar o nascimento de Varnhagen de 17 de fevereiro de 1816 fimar-se-á em documento de veracidade presumivel inteira. Tal o seguinte assento batismal, não, sabemos se já divulgado, mas fielmente aqui trasladado:

"Aos dezesseis dias do mez de Março de mil oito centos e dezesseis anos nesta A. digo na Capella da Real Fabrica de S. João de Ypanema com licença do Reverendo Vigario Collado desta, baptizou e poz os Santos Oleos o Revdo Capellão Franco de Paula Mendonça a Francisco filho do Sargento mór do Real corpo de Engenheiros Frederico Luiz Guilherme Varnhagen e da sua mulher Dona Maria Flavia de Sá Magalhaens; cujo inno innocente nasceo aos dezasete de Fevereiro, padrinho o Exmo Conde da Palma Governador e Ca- pitão General desta Capitania. Don Francisco de Assis Mascarenhas solteiro por Procuração q. em seu nome apresentou o Reverendo subdiacono Antonio de Aze- vedo Veiga, do que fasso este assento q. assigno.
O Cor Antonio Dias Ferr.a

A' margem do assentamento batismal lia-se *Fran.co.* Mais abaixo.

Prim.a averbação aos 13 de 8bro 21.

Uma ssinatura abreviada ilegivel. Ainda mais abaixo:

Tem havido 2^a, 3^a e 4^a

Teve t.em 5^a."

Na sua costumeira secura ou laconismo, os do- cumentos, á mente de quem os lê com capacidade para evocar, desdobram muita cousa que escapa ao insciente.

O assentamento batismal de 1816, marca 17 de Fevereiro de 1816 por data natalicia do inocente Fran- cisco e 19 de Março pela do seu batisado. Mostra indi- retamente o dito assentamento a consideração desfru- tada pela familia do batisando.

Apadrinhou-o na pia, por procurador, D. Fran- cisco de Assis Mascarenhas, governador e capitão- general de S. Paulo, de cidade capital não a muita dis- tancia de Sorocaba, onde encravada a Fabrica de Fer- ro de São João de Ipanema.

Francisco era o padrinho, talvez por isto Francisco o afilhado. Tinha este dois anos quando o pai, o tenente- coronel Frederico Guilherme de Varnhagen, para bôa estreia, punha a correr ferro candente na Fabrica da qual o official teuto primeiro diretor. Por vinte e cinco anos sucessivos, dirigiria o estabelecimento o capitão de engenheiros, mais tarde coronel, Joaquim de Souza Mursa.

Segundo Dunshee de Abrantes, Mursa, republicano historico, "não fazia mysterio de suas ideias apesar de militar, Tinha mesmo neste sentido franquezas com os governos monarchicos e com o proprio imperador, que admirava o grande saber profissional e a bella cultura litteraria de Mursa". Este, a serviço da Fabrica, per- correu a Europa, pedindo maquinismos e operarios à Suecia, onde o ferro dá leis.

Ao proclamar da Republica, em São Paulo, Mursa participou do governo provisório do Estado. Ninguém se admirou ao vê-lo tal, por pouco tempo aliás. Homem de carater, não ocultára preferença spóliticas, o Imperio lhe dando cargo e ambiente para liberdade de pensar sem condenação ou constrangimento.

Prestada homenagem a um varão e à sua epoca, reapareçam os Varnhagen.

A Portugal, com a familia, regressou o tenente- coronel Varnhagen. Em Lisboa poz a estudos o filho



Tenente Coronel Frederico Luis Guilherme Varnhagen.
Primeiro Diretor da Fabrica de Ferro de Ipanema.
(1783-1842)

Francisco no Real Collegio Militar, conforme Macedo⁹ concluindo curso na Real Academia de Fortificação, consoante Laet. Este diz Varnhagen soldado de D. Pedro IV em Portugal, fazendo-se declarar cidadão brasileiro em 1841.

No Brasil e no exercito deste, seguiu Varnhagen carreira, trocando-a, já official, pela vida diplomatica que, pela mudança de postos, tanto lhe serviria para pesquisas historicas, sobretudo em Portugal e Espanha, de arquivos tão do gosto do infatigavel excavador.

Alem de João Lisboa outros adversarios teria Var- nhagen e não sendo poupado não os pouparia. Mesmo na de penas a guerra o exige.

Nascido em berço de ferro, dava Varnhagen apli- cação ao quem com ferro fêre com ferro será ferido.

"Historiador dogmatico", disse Macedo qualificando Varnhagen. O dogmatismo infalivel assanhador de criticas.

Expostas as discordancias relativas ao natalicio de Varnhagen, sejam expostas outras referentes ao nas- cimento de Joaquim Caetano da Silva, de tantos ser- viços à comunhão patria. Reconheceu-os Rio Branco, na defesa de direitos nossos no litigio do Amapá. Valeu- se Rio Branco, argumentador, de obra monumental de Joaquim Caetano, a pena deste representando duzen- tas mil baionetas na fronteira, como foi dito e convem ser repetido, mormente porque Joaquim Caetano e tambem Ponte Ribeiro não lograram ainda altas e na- cionais comemorações por demais retardadas.

Em relação à data natalicia de Joaquim Caetano divergem benemeritos coligidos de efemerides, de tantos serviços a estudiosos.

Joaquim Caetano por uns é dado nascido a 2 de Setembro, por outros a 2 de Outubro de 1810.

Preferimos concordar com os primeiros efemeridistas, após ter encontrado um lançamento autografo de Joa- quim Caetano em livro de registro do Imperial Collegio de Pedro Segundo.

No referido lançamento, Joaquim Caetano, na reitoria do estabelecimento, não só firmou data nata- licia como autentificou sua carreira de magisterio, na qual sem favor mestre de mestres.

Diz o lançamento autografo: "Joaquim Caetano da Silva, filho legitimo do cirurgião Antonio José Cae- tano da Silva, natural de Santa Catharina, e de D. Anna Maria Angelica, natural de S. Paulo.

Nasceu no Rio Grande do Sul, a 2 de Setembro de 1810, na povoação do Serrito, depois villa de Jagua- rão.

Estudou em França, iniciando curso a 17 de Novem- bro de 1826 no Collegio Real de Montpellier, como alumno externo.

Doutor em medicina pela Faculdade de Montpellier a 29 de Agosto de 1837.

Casou-se na citada cidade civilmente a 24 de De- zembro e religiosamente a 25 com D. Clotilde Moinac, filha legitima de Antonio Moinac, Lente da Academia das Bellas Artes e de Maria Gal.

Chegou ao Rio de Janeiro em 22 de Janeiro de 1838.

A 21 de Fevereiro do mesmo anno foi nomeado professor do Collegio, sem designação de cadeira ou ordenado.

Leccionou Rhetorica a titulo effectivo, interina- mente encarregado das cadeiras de Grego e Grammatica Portugueza, ainda sem designação de ordenado. Só em Julho lhe foi fixado o ordenado mensal de 500\$, depois elevado a 620\$ como professor só de Grego.

Por decreto de 26 de Janeiro de 1839 recebeu a nomeação de reitor.

Em 14 de Dezembro de 1851 deixou os cargos que exercia cumulativamente, nomeado encarregado de ne- gocios do Brasil em Haya".

Tal o fecho do auto-registro de Joaquim Caetano reitor-docente do Pedro Segundo, Imperial Collegio, por espaço de doze annos quasi completos.

Contem o registro dados autenticos, minudentes e preciosos para futura biografia de Joaquim Caetano da Silva, um dos grandes homens de época produtora de muitos.



JOCKEY CLUB MUNDANO

DURANTE A MAGNÍFICA TARDE TURFÍSTICA DE DOMINGO, QUANDO AS ELEGANTES TOILETTES PUNHAM DESENHOS COLORIDOS SOBRE O FUNDO VERDE DO PANORAMA DO BELO PRADO DA GAVEA, O FOTÓGRAFO GRAVOU NA CELULOIDE OS SUGESTIVOS FLAGRANTES QUE REPRODUZIMOS NESTA PÁGINA. SÃO ELES UM MAGNÍFICO ACESSADO DO BRILHANTISMO DESSE "MEETING".



CASCALHO, romance de Herberto Sales — Rio de Janeiro, 1944.

Tinhamos já os romances da borracha, do cacau, do algodão, do café; o sr. Herberto Sales nos dá agora o romance do garimpo, pois é nas terras diamantíferas da Bahia que o seu *Cascalho* se situa. E, digamo-lo desde já, este livro vem, com as mais apreciáveis qualidades de observação, espontaneidade imaginosa, caráter regional e eloquência pitoresca, encorporar-se na série que se inspira nas fontes da riqueza nacional. Obra de estréia, ostenta a desenvoltura de concepção e a clareza expressiva que, em geral, só à custa de esforço, contínua e longo trabalho se deixam conquistar. De estréia, depreendemos, porque, na folha de ante rosto, o autor nos anuncia, como já publicado, este mesmo romance. *Cascalho* constitui, portanto, a sua apresentação oficial. E, pelo menos, a primeira produção que ele confessa, desejando que a considerem bem sua. E por ela de fato inicia a sua carreira de escritor.

Como em análogas ficções do gênero ultimamente tão cultivado e por vezes tão maltratado, os personagens deste drama rústico compõem uma galeria entre hedionda

Livros

e deplorável. Mal uma ou outra figura escapa à feição perversa, grosseira ou de qualquer modo vil. O herói principal, o coronel Germano Jardim, vem a ser uma variante do mandão facinoroso, bem nosso conhecido... doutros romances. Patrão de lavras, dono de fazendas, chefe político, em tudo prepotente e sem escrúpulos, dispõe da sorte e da vida dos seus conterrâneos como doutras tantas cabeças de gado que só a ele, a mais ninguém, pertencem; e das propriedades onde habitualmente vive, tanto manda

nos garimpeiros e vaqueiros a seu serviço como nos habitantes da cidade próxima, onde bem digna ou bem indignamente o secunda seu irmão, major Clemente Jardim, de apelido Quelezinho. Estes dois celebrados, mais funestos que um Antônio Silvino ou um Lampião, porque não temem a justiça nem precisam de evitar as autoridades, exercem, pela perseguição administrativa, o esbulho, o assassinato, uma espécie de poder absoluto, de Estado no Estado. Tendo-se agrado, à sua bestial maneira, da mulher dum modesto, inofensivo negociante, não hesita o Coronel em mandar matar o pobre diabo e levar para uma das fazendas a criatura cubizada. Tudo o mais por esse teor. Ao redor de Germano Jardim, como satélites sabujíssimos dum astro de primeira infâmia, gravitam: um juiz de Direito que perdeu toda a integridade, toda a compostura e, entre os clamores duma filha demente e os gorgoros duma criação de canários, sobretudo cuida de não perder o emprego nem a vida; o médico dr. Marcolino, alcoolatra, que forja intrigas, anima e orienta criminosos, vai para a estação do correio interceptar e violar a correspondência de suspeitos adversários e não hesitaria em suprimir, com uma droga ou um golpe de bisturi, qualquer pessoa de cujo desaparecimento resultasse vantagem para a sua "política"; um jornalista venal, verrineiro, chantagista e por que tudo isso, porque é burro um João Vaqueiro, executor-mór das sentenças de morte proferidas pelo despota Jardim e que, por fim, trai o amor e senhor na honra doméstica e o liquida em duelo singular, no casebre do adultério; outros espécimes de cúmplices e de capanga; meretrizes, indivíduos mais desgraçados do que elas; toda a sorte de facinoras e de miseráveis... Um horror de gente. Verá o romancista, naquelas terras, só gente ou quase só gente assim?

Salvar-se-ia de tal ralé humana, se chegasse a assumir importância nos sucessos que formam a acção, um tanto desarticulada e por vezes em vai-vem, o promotor O car do Soure, moço e recém-nomeado, de sangue na guelra e ideais estuantes de equidade social... Mas, justamente, uma carta que ele escreve a um amigo, jornalista na capital baiana, cá, depois do registro postal, nas mãos esquadrihadoras do dr. Marcolino e o "partido" resolve expulsar o promotor em seguida a um dos cortejos de escárneo e ameaça, denominados no Norte "Mineiro, pau". (De passagem: os folcloristas consideram tal expressão uma corruptela de "Maneiro pau", isto é: pau geitoso, fácil de manejar, apropriado, portanto, quer para o sinal de advertência, quer para o correctivo corporal). A paródia de procição, com uma cantilena sobre o estribilho "Mineiro, pau, Mineiro, pau", melódica abjecta e sinistra, entrecortada de apupos e tiros de revólver, prolonga-se por algumas páginas, com crescente prestígio impressionador. Chega a ser grandioso, aquilo. E outras passagens do livro se destacam pela energia sugestiva, empolgante. Logo ao princípio, uma cheia do rio magnífico, "dono da região", se presta a um vigor descritivo e uma intensidade de efeitos pelos quais nos sentimos cativos para o resto da leitura; depois a história de Peixoto, negro assalariado que, num desvaire de cachaceiro, fica valente por conta própria e só por esse momento de insubmissão, embora gema e suque logo depois, é abatido de tocaia como a fera mais perigosa; a festa da padroeira Nossa Senhora da Glória; outros quadros ou episódios deixam impressão profunda e que ha de durar.

O sr. Herberto Sales, a exemplo de tantos novelistas modernos e principalmente jovens, adota amiúde no próprio estilo expressões e maneiras da gente ignara em que se inspirou, abandonando assim a própria dignidade literária e a soberania autoral. Mal de imitação, mal da mocidade... Sem grande esperança embora de que ele nos aceite o conselho, exortamos o sr. Sales a ler, ou reler com mais atenção, os romances e contos de Alcides Maya, os quais constituem, como literatura, o que passa haver, ao mesmo tempo, de mais regional e mais pessoal. Seria talvez um santo remédio...

LANTERNA VERDE, boletim da Sociedade Felipe d'Oliveira, n. 8 — Rio de Janeiro 1944.

Não fica descabido nesta secção o registro do n. 8 da *Lanterna Verde* porque se trata de vultoso, substancioso e belo livro.

E' inteiramente consagrado às letras riograndenses. Todos os nomes que nos habituamos a admirar no movimento intelectual do grande Estado aqui estão, assinando produções inéditas ou escolhidas entre as melhores que se lhes conhecem e novos nomes se nos deparam, já vitoriosos e dignos de figurar nas antologias. São cerca de setenta trabalhos, abrangendo, por assim dizer, todos os gêneros: o romance (excertos, bem entendido), a novela e o conto, a poesia do tipo clássico e as composições qualificadas de modernas para significar que não obedecem a princípio ou regra de espécie alguma; a lição científica, a dissertação sobre arte, a reconstituição histórica, a biografia, a crônica fantástica, o estudo crítico, o simples humorismo, as páginas puramente regionais...

A respeito deste último gênero e da sua divulgação nos vem dizer o sr. De Souza Júnior que a predileção regionalista entre os escritores riograndenses só existe... no entender dos homens de letras dos outros Estados. E' uma lenda absurda, se não uma falsa noção, perversamente espalhada e alimentada para se hostilizar a literatura riograndense "que, verdadeiramente, nunca teve amigos..." No Rio Grande do Sul, continua o articulista, pouquíssimo se tem cultivado aquele tipo de ficção literária. Em prova da sua asserção, cita oitenta e tantos escritores alheios a tal tendência, ao passo que apenas oito andaram fazendo "um pouco de regionalismo", isso mesmo "por diletantismo, não por imperativo de inclinação e cultura" — e nesse restrito número inclui o autor das *Ruínas vivas*, da *Tapera* e da *Alma bárbara*: Alcides Maya.

Oito, com efeito, seriam bem poucos, embora todos de alto valor, para justificar a idéia de exclusivismo regionalista que o sr. De Souza Júnior diz corrente e consagrada nos outros Estados, como se não tivessem atravessado francamente a fronteira do Rio Grande para o lado de cá todos os quase todos os oitenta literatos da sua enérgica alegação! Oito apenas... Mas, neste mesmo número da *Lanterna Verde*, onde vem o protesto indignado do ilustre jornalista, se encontram tres escritores, fóra dos tais oito: os srs. Cyro Martins, Rivadavia de Souza e Ivan Pedro Martins, com trabalhos de acen-tuado, veemente, estreme regionalismo e todos tres interessantíssimos. Assim, já temos, pelo menos, onze e talvez, procurando-se nas livrarias e nas revistas, não fosse difícil chegar a outros oitenta.

A *Lanterna Verde* oferece-nos desta vez, nas suas trezentas páginas, um florilégio que terá o seu lugar nas estantes mais selectas. Tudo aqui obedece a um nível superior de pensamento e de arte. Não resistimos ao desejo de transcrever uma pequenina joia de graça e sentimento, que traz um nome ainda cá longe, parece-nos, menos admirado do que merece: Lila Ripoll. Intitula-se o poemeto *Assovio*. E cumpre notar que, na

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

-LEVO UM BEM BARATINHO!



Não! Isso é o mesmo que se abana com o pescoço, para poupar leque. Saiba economizar, mantendo suas gengivas rosadas e saudáveis com Lever S.R.!

-LEVO UM

BEM GOSTOSO!



Não! Rocambole é uma coisa, dentifício é outra, bem diferente! Peça gosto, mas exija que venha acompanhado do poder de proteger os dentes. Lever S.R. é assim.

-LEVO QUALQUER UM!



Não! Quando você precisa de médico, não procura qualquer um. Consulte o mesmo com seu dentifício: para ter um sorriso lindo e saudável, peça Lever S.R.!

-EU USO
Lever S.R.



Muito bem!

Ótima escolha!

Que dentifício completo é Lever S.R. — gostoso, econômico e refrescante! Sobretudo, proporciona a proteção de Sódio Ricinoleato, o famoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

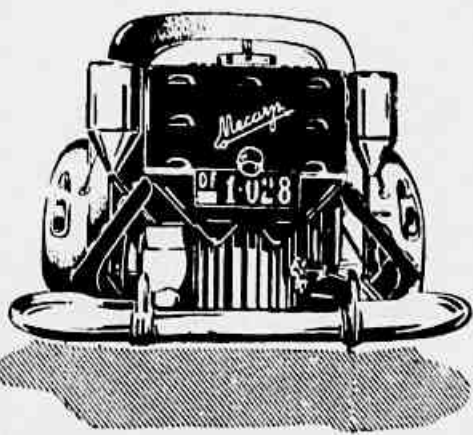
LANTAS SR 113-0100

MESBLA

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

GASOGÊNIO

Mecary



CARGA NO GERADOR - 70 kgs. de carvão
GRANDE RAIO DE AÇÃO ATÉ 220 KMS.
MISTURADOR DE BRONZE
FILTROS DE GOMOS COM TELA DE ARAME

PRÁTICO, SIMPLES, EFICIENTE

Avenida Osvaldo Cruz, 73 — Praia do Flamengo — 25-1822
Rua Mariz e Barros, 25 — Praça da Bandeira — 48-9066

Novos

terra gaúcha, aquela palavra se escreve geralmente com *v* em vez de *b* e tem, na prosódia corrente também, três sílabas como rio só tem uma — regionalismo, regionalismo, amigo De Souza Junior.

Assovio vindo de longe,
cortando os ares da noite,
de onde vens? para onde vais?

Tu feriste os meus ouvidos
e baleste nos meus nervos
como um choque de cristais!

Assovio — corda de prata —
abri meus olhos na noite
e o meu corpo ficou frio.

Agilaste meu espírito
como uma pedra jogada
no leito fundo de um rio.

Assovio, que boca amarga
te mandou para tão longe,
sem poder te acompanhar?

Tenho pena dessa alma
que chamou, dentro da noite,
por ninguém... só por chamar!

* * *

A HORA DO AMOR, versos de Elóira Possólo Chaoul — Rio de Janeiro, 1944.

A sra. Elóira Possólo Chaoul presenteia-nos com mais um livro: o duodécimo incluído os volumes de prosa que lhe completam a formosa bagagem literária. Desta vez dá-nos ainda uma coleção de composições poéticas. Inspiram-se estas, geralmente, no tema de sentimentalismo e de sonho: a hora do amor. Numa das primeiras páginas, vem esta definição deveras eloquente:

Entre todas as horas de uma vida,
Há uma hora melhor, — a preferida,
Que não se esquece mais!
Hora, em que, ó coração, tu ris e choras,
Hora que anula as nossas outras horas
Que se tornam banaes.

Hora que pode vir a qualquer hora,
Que rápida se vai ou se demora,
Como o destino o quer.
Hora pelos relógios não marcada,
Mas que se grava e se eterniza em cada
Coração de mulher.

A sra. Elóira Possólo é uma bela poetiza: a julgar pelo retrato que os seus livros estampam e como a qualifica a esbelteza dos seus versos, de feição singela mas intensamente sugestiva e nos quais sempre alguma coisa existe de cativante e comovedor. Não é verdade que o seguinte soneto, *Hoje sofres por mim*, na sua singular e veemente naturalidade, a faz lembrar as melhores páginas, que recentemente aqui louvamos, de Virgínia Vitorino?

Hoje sofres por mim... Fiz-te mal, sei que o fiz.
Olha-me em teu olhar tua alma machucada.
E é por isso talvez que me sinto feliz:
Toda mulher quando ama é um pouco malvada.

E eu te quero afinal como nunca te quis,
Numa ternura nova, acrescida, aumentada
O sofrimento diz o que o prazer não diz.
Antes de ver-te assim, o que eu sabia? Nada!

Hoje sofres por mim. Fiz-te mal, reconheço.
Mas que queres? O amor tem na dor o seu preço.
E dele é esta estranha e cruel tirania:

Pois fazendo sofrer sofrendo somente
É que este coração, que a vida deu à gente,
O sentimento alheio e o seu próprio avalia!

* * *

ESTÉTICA E CULTURA, ensaios de O. Carneiro Giffoni — São Paulo, 1944.



O sr. O. Carneiro Giffoni oferece-nos neste livro uma série de estudos, compostos "sem pretensão", diz ele numa advertência liminar, mas que deixam uma impressão geral de trabalho nobremente refletido e com modelar capricho executado.

Na análise das obras como no exame pessoal de cada autor, sempre o ensaísta nos mostra uma orientação clara e segura e uma perfeita sinceridade. Não se nota nos seus conceitos o mais leve propósito ou tendência parcial. Enthusiasmo, sim, quando se sente diante de mais singular superioridade. Assim o vemos louvar fervorosamente a originalidade e a rebeldia que se ostentam nos livros de José de Alencar:

"Sempre tem sido Alencar apontado como modificador da língua e até mesmo da gramática. Quem der exagerado valor a tais revoluções linguísticas pode, pois, considerá-lo rebelde. Porque hoje, com a acentuada inclinação nacional de libertar o idioma de formas rígidas e extraordinárias, a linguagem do "revoltoso", do "audacioso" romancista serviria de modelo. É que o tempo "classifica"

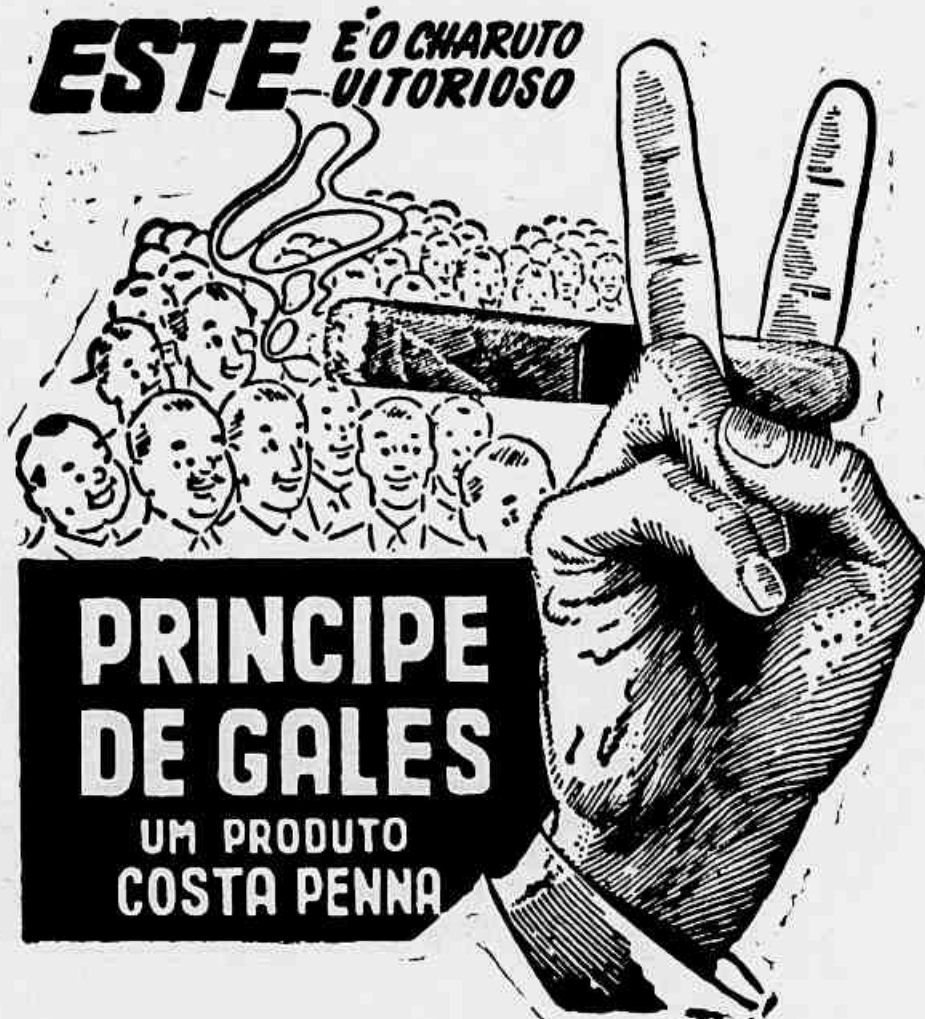
os homens e as coisas, envelhecendo-os, dando-lhes a solenidade das épocas remotas e as configurações distantes de difícil reconstrução.



Encantadoramente natural e espontâneo, José de Alencar foi o primeiro e o mais original esteta da literatura nacional".

Com o mesmo ardor convicto, o autor de *Estética e Cultura* exalta a música e a pintura, tão acima do meio e da época, de Carlos Gomes e de Pedro Américo; a benigna filosofia e o estilo fidalgo de Machado de Assis; a plástica peregrina e a alta música dos versos de Olavo Bilac; os romances em que ficou a intuição maravilhosa e tão mal aproveitada de Lima Barreto; a exuberante e esplendorosa inspiração de Martins Fontes; a espantosa produtividade de Humberto de Campos; outras individualidades que serviram, honrando-as, a estética e a cultura do Brasil. Há, porém, nos seus conceitos, como na maneira de os exprimir, um cuidado de equilíbrio e proporção que bem poucos críticos ou comentadores nos fazem, com tal evidência, apreciar. Eis um que verdadeiramente se recomenda à atenção dos que estudam as Letras — e dos que as ensinam, também.

J. L.



Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

RUA SENADOR DANTAS, 45-B — 9º ANDAR — APARTAMENTO, 912 — TELEFONE, 22-3767

Banquete de Homenagem ao Dr. Alarico Maciel



Os amigos do dr. Alarico Maciel, que, pela sua conduta eficiente na direção da Delegacia de Trânsito Público do E. do Rio, tem correspondido à confiança do interventor Amaral Peixoto, prestaram-lhe significativa homenagem, oferecendo-lhe um banquete no Hotel Casino Icarai, com a presença de autoridades e figuras de projeção de todas as classes sociais, tendo comparecido ao ágape cerca de seiscentas pessoas. Na foto vê-se o dr. Carlos de Freitas Quintella, brilhante cultura da cidade de Petrópolis, quando discursava em nome dos fluminenses para saudar o dr. Alarico Maciel.

Garcia Lorca no Teatro Brasileiro

(Continuação da página 32)

*"Ay luna que sales!**Luna de las hojas grandes,**No abras el chorro de la sangre!**Ay luna sola!**Luna de las secas hojas.*

Côro inútil que se lamenta entre as duas supremas forças com que a vida se revela a um coração espanhol: do céu, a força do Fado; da terra, a do Amor. E que entram em concordância apenas na derrota da Morte.

As metáforas precipitam-se no drama como flores desprendidas de um leque em movimento. Por mais que tenham, às vezes, o contágio do popular, não são nunca plebéias; e isso é uma das grandezas de Lorca: ter dado sempre dignidade, elegância à matéria com que trabalhava; ter sabido transformar em universal, o que é local, e separado a beleza da vulgaridade — tratamento nobre que o artista oferece ao receber ou escolher o que assoma confusamente no povo.

Em cada imagem há vestígios de contaminações distantes com outras imagens, com poemas, com instantes decorativos, com a plástica, o brilho; o espírito de outras artes, o atavismo gitano, a alquímia da vida:

*"Con alfileres de plata
mi sangre se puso negra
y el sueño me fué llenando
las carnes de mala hierba".*

A pura fonte da poesia tradicional insinua sua frescura na linguagem diária; e não se sente nenhuma retórica. Assim devia falar a humanidade, se não tivesse desprendido a falar:

*"Pájaros de la mañana
por los árboles se quiebran,
La noche se está muriendo
en el filo de la piedra".*

De repente, um sópro modernista e onírico espalha imagens novas:

*"Jazmin de vestido
cristal de papel".*

*"Heridas de cera,
dolor de arracán".*

No equilíbrio surpreendente que sustenta "Bodas de Sangre", todas essas coisas são possíveis e admiráveis. Mas a força popular da linguagem — aliás tão rica, na Espanha, de deliciosas figuras — sobrepõe-se sempre, como é necessário num ambiente rural. Diz a noiva, com extraordinário poder expressivo: "... el brazo del otro me arrastró como um golpe de mar, como la cabezada de un mulo..." E a derrotada mãe explica o seu choro, que é um choro de corpo inteiro, um choro de todas as veias, um choro de Niobe: "Vuestras lágrimas son lágrimas de los ojos, nada más, y las mías cuando yo esté sola, de las plantas de mis pies, de mis raíces, y serán más audientes que la sangre".

Nem se esqueceu Lorca, na ornamentação folclórica, das pequenas coisas graciosas de cada dia: presentes, refrescos, gulodices. E a imagem da madeixa de lâ vermelha, que no fim da peça está sendo enovelada, conduz, numa transposição plástica de maravilhosa simplicidade, à anulação da tragédia que terminou ao longe,

e que assim resumida se faz presente ao espectador, ressaltando, ao mesmo tempo, o escrúpulo de não trazer cadáveres à cena.

As raízes da peça enterram-se nas mais entranhadas emoções, experiências e alegorias do povo. Quando a desesperada Mãe, no desenlace do drama, se prepara para sair da casa funesta da Noiva, diz entre outras coisas: "Limpiarse el polvo de los zapatos" como em S. Marcos. "E quando alguns não vos receberam nem escutarem, saindo dali sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles". E, atingindo o fundo supersticioso que ferve secretamente, na humanidade, recordam-se os primitivos julgamentos, os ordálios, os juízos de Deus da Idade Média, quando a Noiva, para prova de sua inocência, propõe a prova bilateral: "Enciende la lumbre. Vamos a meter las manos; tú por tu hijo, yo por mi cuerpo. Las retirará antes tú".

A grande felicidade de Lorca foi ter reunido todos esses diferentes elementos numa peça, sem lhe perturbar a unidade de conjunto. Deu-lhe assim toda a riqueza de que é feita a vida humana — as recordações mais longínquas de espécie, todas as ressonâncias das paixões, as novidades líricas do sentimento popular, e — na arquitetura de quem sabe o seu ofício de poeta e de artista — a graça, a rusticidade, por vezes a brutalidade da linguagem rural, de recorte clássico, rica de sumo poético.

Isso torna a peça um pouco difícil de transmitir a um público que não esteja capacitado para sentir a potência do povo em suas expressões, em suas imagens, em seu modo de encarnar paixões e atos que o contacto directo com a terra torna, ao mesmo tempo, naturais e mágicos, íntimos e fatais. Como na Bíblia, como nos clássicos, a humanidade aqui ainda está ofegante do barro primordial, entrelaçada a plantas e águas. Homens e cavalos enfrentam-se como centauros recentemente divididos. No momento das supremas confissões, a Noiva encontra sua imagem de amor fiel e escravo, protetor e despojado, na de uma cadela:

*"Y yo dormiré a tus pies
para guardar lo que sueñas.
Desnuda, mirando al campo
como se fuera una perra".*

CORTE
E
COSTURA

Aprenda pelo método moderno
POR CORRESPONDÊNCIA, o
Curso completo de Corte e Costura.
Estude em sua própria casa, nas
horas livres, sem deixar suas
ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente
GRÁTIS

Figurinos da última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos
gastos, será uma excelente modista,
perfeitamente preparada para fazer
qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
MADE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - S. PAULO
Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me
GRÁTIS E SEM COMPROMISSO,
o folheto e as in-
formações comple-
tas sobre o Curso
de Corte e Costura.

196

Nome
Rua
Cidade
Estado

No SOL
ou FRIONo AR
ou MARLIP-POMADE
Para os seus lábiosÉ UM PRODUTO
ROGER & GALLET
PARIS — NOVA YORK — RIO

Em menos palavras, e com mais energia, diz o mesmo que a Helena de "A midsummer-Night's Dream":

*"I am your spaniel; and, Demetrius,
The more you beat me, I will fawn on you:
Use me but as your spaniel, spurn me, strike me,
Neglect me, lose me; only give me leave
Unworthy as I am, to follow you.
What worse place an I beg in your love,
And yet a place of high respect with me,
Than to be used as you your dog?"*

Não faltará ao público brasileiro a sensibilidade para entender o conteúdo essencial da peça — as paixões fundamentais — como faltou ao dos Estados Unidos, porque o sangue latino dá muita inteligência e vibração para os mais obscuros contrastes e lutas de sentimento. Como esse nosso sangue latino é na maior parte lusitano, ele nos facilita a compreensão ibérica, imprescindível diante de uma obra em que ficou tão viva a Espanha — apesar da cegueira que deixou prostrado aquele mesmo que a realizou.

De modo que a única coisa estranhável seria a qualidade da própria peça, no meio dos espetáculos correntes: mas a tragédia pessoal de Lorca tornou-o tão amado no Brasil que sua obra literária facilmente se tem expandido e os que o vão ver representado em grande parte já leram seu teatro, sua poesia, e já tem certa familiaridade com a sua técnica.

O resto é intuição".

Qual a sua Idade?

A de sua cabeça!...
Ninguém é mais jovem
que seus próprios ca-
bellos.... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso,
significa velhice, embora se tenha vinte
anos... Cabello vivo, abundante, bri-
lhante, é juventude — embora se tenha
cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO
DE BARRY, antes de pentear-se, não só
dá brilho e maciez ao cabelo, como de-
fende-o contra a caspa e evita o encane-
cimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à ve-
lhice — TRICÓFERO DE BARRY é re-
commendedo para amaciar o cabelo, faci-
litar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero
de BARRYBIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

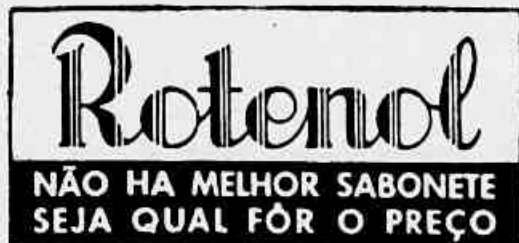
VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS



CIGARROS COM CHEQUES

(Continuação da Página 23)

no quarto. Você começa a preocupar-se com isso e pôde fazer-lhe mal. Não temos vivido até aqui? Quem é que não tem contratempos na vida? Perdi o emprego, porém amanhã vou começar de novo a trabalhar.

— Sim. Eu sei. Mas... e a ferramenta? — O al se não arranjar geito de comprar digo ao sr. Ele está precisando de torneiro. Se quiser pôde emprestar o material mais necessário para eu começar...

— E senão? — Pego qualquer serviço e pronto. Vou lavar pratos, até poder trabalhar de novo na profissão. O João me arranjará um lugar no restaurante.

— Sabe o que estive pensando? — Ein? — Porque não vai pedir ao seu Manoel que...

Interrompeu bruscamente: — Não me diga isso outra vez. — Está bem...

Ele ficou silencioso e ela atreveu-se a dizer:

— Porque você se zanga? Um empréstimo, só até que eu possa costurar na máquina e depois lhe pagaremos...

— Não... Já disse que não. — Por que?

— Quer que ele se regosije com a nossa desgraça, não é? Tenho força para trabalhar e não vou pedir dinheiro a um homem daqueles.

INSTITUTO DE BELEZA "EVSYL"

Dirigido por Mmes. Eva e Sylvia, ex-auxiliares de Mme. Campos. Rua Ouvidor 138-1.º (entrada pela Perfumaria Carneiro). Tel. 42-8775.

— Mas não deve ser ingrato! Certa vez ele nos emprestou e pagamos num instante. Lembra-se que eu trabalhei a é fora de hora e você também para podermos pagar logo? Afinal das contas trabalho para a casa.

Ele perdeu a paciência: — Não quero já disse, ouviu bem? Nem me fale nisso outra vez. Devia envergonhar-se de dever um favor destes a um homem que quiz ser seu marido. Quer que ele diga que estamos passando fome?...



NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação de pág. 38).

fulana deste conjunto? Sei que beltrana desejou comprar este charéu. Imagine a raiva quando me vir com ele! Já vi d. Siciar a tres vezes com o mesmo vestido de baile...

Depois o problema doméstico interno, a interminável história das empregadas, ineptas, linguarudas, maldosas. E os filhos? E o marido?

Assuntos que incluem as cores e os saraus. E, entre sedas, flores, pomas, sonetos e despotismos paternos, ou maritais, escoava-se da ampulheta do tempo a vida de uma mulher.

Mas um dia ela gritou: "Independência ou morte". E marchou pela vida, e penetrou em seus meandros rompendo os grilhões e tomando assento ao lado do homem para resolver, não mais os seus problemas, porém os largos problemas do mundo; para viver, não mais o seu mundo restrito, mas o complicado mundo da humanidade.

A sua experiência foi grandiosa e foi útil, ela foi aprovada em todos os "tests", mesmo tendo de fechar os ouvidos ao rosnar da matilha dos fracassados, que não toleram a rival vitoriosa. E será ela mais feliz nesse novo mundo, nessa forja enorme onde masculinamente opera?

Talvez! Talvez, porque enfim ela mesma, dentro desse labirinto obreiro, não deixou o seu mundo restrito de flores, de perfume, de amor dos filhos e do companheiro. E enquanto houver nela feminilidade haverá o bafejo da felicidade.

E saíu irritadíssimo.

Teresa sentiu duas lágrimas deslizarem pelo seu rosto.

— Sabia que Alberto tinha razão! Ela só dissera aquilo porque a situação era grave. Mas ela bem compreendia, sim! Como era horrível tolerar as palavras ironicas de seu Manoel! Certa vez que tomara dinheiro emprestado para o nascimento de Pedrinho, tivera um grande aborrecimento, ao ouvir a ironia do portuguez:

"Tem gente que desdenha a própria sorte! Há pessoas que preferem viver na miséria quando podiam ter tudo..."

Ela cortara rápida a indireta tentando devolver-lhe o dinheiro e ele dissera untuoso:

"Não é preciso zangar-se oh! Teresa... Emprestando-lhe o dinheiro com a maior boa vontade; só acho que você podia ter sido feliz comigo! Preferiu o outro..."

Alberto saíu sem sentir a chuva. Carregava com ele o peso das preocupações. Acendeu outro cigarro. Tinha fumado mais nesse quinze dias do que em toda a sua vida — ironizou. — Mas, na rua, vinha pensando pela milésima vez na sua sorte adversa. Que azar! Se tivesse dinheiro para as ferramentas! Pelo menos para as mais necessárias. Uns duzentos cruzeiros talvez dessem para compra-las.



Ah! Teresa tinha razão. Podia pedir ao seu Manoel. Um empréstimo para pagar logo não era desonroso... Sim, podia conseguir o emprego e, quando se tornasse mais conhecido do novo patrão, tomaria adiantado para pagar ao portuguez.

Suspirou de novo. Continuou depois a monologar. A necessidade às vezes obriga a monologar. A necessidade às vezes obriga a gente a fazer cada coisa... Em seguida revoltou-se. Rejeitou a idéia. E teria de humilhar-se para aquele homem que tudo fizera por arrebatá-la Teresa, tentando-a sempre com o maldito dinheiro? Ah! quando chegaria o dia em que pudesse ganhar o suficiente afim de que ela não dependesse do negociante para costurar? Mas como era tão difícil arranjar costuras noutras casas... O negociante atinal das contas era tolerante e ela ia cosendo conforme podia sem muita pressa... Insurgiu-se outra vez. Não... Mil vezes a miséria. Trabalhara noutro coisa qualquer... Mas o que iria ganhar lavando pratos no restaurante? Uma ninharia... E o aluguel da casa estava vencido! E as despesas da casa?

Podia tomar emprestado uns quinhentos cruzeiros. Fez as contas mentalmente... Sim remediar a situação com isso... ficaria desafogado e com a vida em dia, contando ainda com o novo emprego. Tinha pouco leite e tinham que comprar latas de leite em pó para as duas crian-

ças... Um dinheirão, só de leite, por semana...

Resolveu que iria. Às vezes um homem de bem é obrigado a fazer cada coisa! — pensava — por causa dos filhos! Vou lá pedir o dinheiro. Entrou num café para tomar coragem. Fumou outro cigarro. E martelava-lhe no cérebro aquela complicação de idéias. Bebeu outro café, fumou mais dois cigarros um atrás do outro. Vou? Não... Não... Não vou... Numa irresolução, indeciso e nervoso, estava ali há tanto tempo sem saber o que fazer! Quis fumar, mas não tinha mais cigarro. Olhou a bolsinha... Chii... Pagou o café. Tinha apenas dois cruzeiros no bolso. Comprou cigarros e decidiu-se. Levantou-se e já na rua abriu o maço de cigarros ruminando ainda as idéias.

De repente: Que é isso? Abriu com mais cuidado o maço de cigarros. Um cheque dentro... E um choque... Tirou e olhou. Quase caiu estonteado e em vertigem. Seria possível? Ficou pálido e em seguida vermelho, o rosto ardendo. Teve um gesto indeciso e duvidou dos seus próprios olhos. Virou e revirou o pequeno papel e subitamente saíu rindo-se sozinho como se fosse um louco... correu pela rua até chegar em casa e dando esbarres nos outros.

Entrou correndo em casa até parar no quarto, dizendo alto:

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

— Teresa... Teresa... Entrou branco e só aí teve receio de assustar a mulher com os gritos. A sogra chegou olhando espantada com um prato na mão.

O coração de Alberto batia tanto pela corrida em que viera que mal podia falar:

— Teresa. Não se assuste. Não vê bem que estou rindo? Foi uma sorte! Até parece mentira. Olha isto. Comprei um maço de cigarros e tirei um cheque de mil cruzeiros. Toma! Olha bem...

E era verdade.

A pobre Teresa pensou, num relampago de compreensão, em todas as coisas resolvidas com aquele cheque. As ferramentas, o aluguel, o leite para as crianças, etc... Não mais pedir dinheiro ao seu Manoel. E no seu contentamento indizível, que lhe enchia alma, sentou-se na cama e só teve umas frases singelas sem saber ainda o que dizer de tanta sorte:

— Chii... Alberto. Agora vão querer tirar o seu retrato para o jornal, não é? Vá depressa comprar um vermute para as visitas!



DENTES LIMPOS E BÔCA LIMPA

... são um "dever" social

Encare o mundo com alegria — confiantemente — com dentes limpos e uma boca limpa e fragrante!

Sinta — como milhões têm sentido — a satisfação que causa o escovar os dentes com Creme Dental Squibb.

Deleite-se com a sensação que invade imediatamente sua boca — uma admirável sensação de frescor!

Use o Creme Dental Squibb tantas vezes quantas quizer, porque é puro, seguro e inofensivo. Não contendo nenhuma substância rspan- te ou adstringente, não pode absolutamente prejudicar o esmalte dos dentes,

nem irritar as gengivas mais delicadas. É feito com um anti-ácido eficaz — o Leite de Magnésia Squibb.



CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SEculo DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITECREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTETIRADENTES, MARILIA
E O ALEIADINHO

(Continuação da pág. 31)

com a clássica varanda de casa grande de fazenda, rodeada de mato e uma pequena clareira onde uma pequena criação de aves, inteiramente solta rebuscava a terra poeirenta. Batemos palmas. O silêncio continuou. Foi depois de duas ou três tentativas que apareceu à varanda dona Maria de Moraes, criatura das mais humildes que nossos olhos viram em Ouro Preto, sorrindo de dentes falhados, as mãos postas na cintura, os pés descalços e um pano amarrado à cabeça:

— Podem entrar... Não tem cachorro, não! A casa é sua...

Avançamos dois passos, assim mesmo pedindo licença para conhecer o interior da residência de um único pavimento, ao qual dá acesso um pequeno lance de escada rústica, de madeira. Sabíamos ser aquela uma casa histórica, onde Tiradentes e os seus companheiros conheceram noites de calorosa discussão tramando a primeira e mais memorável façanha em prol da emancipação do Brasil. Que nos perdoasse a senhora, mas precisávamos invadir por alguns instantes os seus domínios...

Dona Maria não deixou que nos estendêssemos em maiores justificativas:

— Já estou acostumada a essas visitas... Entrem, andem por aí à vontade. Frequentemente aparece gente com o mesmo propósito.

E enquanto cruzávamos os humildes modestíssimos de tão falada mansão, dona Maria confessava estranhar tanto interesse pelo que tão pouco vale, na sua opinião. Falávamos — logo nos apercebemos — com uma criatura muito longe de alcançar o verdadeiro significado daquele casarão, grande de mais para ela e o marido viverem. Tudo simples, limpo e arejado, mas com as características da moradia de gente humilde, do trabalho, sem nenhuma preocupação histórica ou intelectual.

Era aquela, então, a famosa Casa dos Conspiradores de Ouro Preto! E nós que, à distância, a imaginávamos transformada em um museu suplementar, conservando talvez móveis talvez outras relíquias do tempo de seus históricos ocupantes! Não existiriam pelas paredes, pelo assoalho, vestígios dos Inconfidentes? Não nos falaria aquelas portas mal conservadas, votadas quase ao abandono, dos capítulos memoráveis que ali se viveram há dois séculos?

Nada. Absolutamente nada. A exemplo da sepultura anônima do Aleiadinho, confundindo-se com

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-frescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

as demais táboas do solo da matriz de Antônio Dias, também a Casa dos Conspiradores, situada no topo daquele morro lendário parecia ignorar por completo a sua história...

Nosso giro estendeu-se pelos terrenos da parte de trás da casa, onde, segundo informações de terceiros, deviam aparecer vestígios de um subterrâneo pelo qual os conspiradores costumavam atravessar a cidade, pelo sub-solo, fugindo assim à perseguição policial. De fato, encontramos a entrada de uma pequena gruta, com altura suficiente para a passagem de um homem de estatura normal. Por ela enfiámo-nos, terra a dentro, mergulhando no sub-solo mas precisando estacar quatro ou cinco metros após. E' que o terreno cedera dali em diante. Nesses quatro ou cinco metros nada encontramos capaz de permitir qualquer afirmativa segura. Seria, realmente, um túnel como asseveram tantos moradores de Ouro Preto? Mas, nesse caso, o túnel teria fatalmente uma extensão enorme talvez superior a um quilômetro, admitindo-se que fosse dar ao centro da cidade, do lado oposto da linha férrea. Manda a verdade adiantar, entretanto, que outras pessoas do lugar desmentem essa hipótese, adotando outra talvez mais viável: Essa cavidade seria, quando muito, o ingresso prosaico para uma mina de ouro ou de qualquer outro metal das tantas que, ao tempo, se exploravam naquele rincão.

Ficará assim perdurando em nosso espírito a grande dúvida: teríamos penetrado o subterrâneo, mesmo em reduzida extensão por onde Tiradentes ia conspirar na casa da montanha?

Estão com a palavra os historiadores, si porventura se encontrarem capacitados para uma resposta elucidativa.

Já nos despedíamos de dona Maria, de volta para a estação, quando, pelo atalho da montanha, demos com o dono da casa. O sr. Alexandre Moraes trabalhador da E. F. C. B., também não se espan-

tou encontrando a casa invadida por reporter e fotógrafo. Acolheu-nos com a simplicidade e o "à vontade" da boa gente mineira. E quando o interpelamos sobre alguma particularidade especial da Casa dos Conspiradores, respondeu, lacônico:

— Homem, não sei, não. Dizem que isto foi ponto de conspiração, mas eu não sei. Sei apenas que estou morando aqui...

Continua na pág. 52



UM BUSTO PERFEITO

Dá elegância e juventude à mulher...

A plástica perfeita do busto é elegância e juventude. Seios caídos prejudicam a silhueta feminina.

É fácil, porém, reconquistar a perfeição do busto, usando a PASTA RUSSA.

A PASTA RUSSA, isenta de perigo para o organismo, usada diariamente, ativa a circulação do sangue, e age sobre os tecidos atrofiados, dando firmeza aos seios.

Readquirir a juventude do busto, usando PASTA RUSSA, um produto científico de comprovada eficiência e confiança absoluta.

PASTA RUSSA

Nas boas farm. e perfumarias

Distribuidores:

ARAUJO FREITAS & CIA.

Rua Miguel Couto, 88 - Rio

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACAO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Peço enviar-me prospectos
NOME _____
ENDREÇO _____

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

de Radio

Pequena antologia de bons autores

DJALMA MACIEL

NESTA mesma página ainda há poucos dias recordei o tempo em que, um pouco a título de distração, um pouco por preguiça, de vez em quando dava-me a tarefa de produzir opiniões alheias, isto é o que diziam do rádio e da sua fama os meus ilustres e prezados colegas da crônica radiofônica. Foi recordar esse fato, e não irei saber mais da colcha da ideia de relatar na "Revista da Semana" a velha "Folha Carioca" e a "Antologia de bons autores" nascida nas colunas do "Diário de Notícias". Sei que dá trabalho — ler, cuidadosamente, tudo o que se escreve sobre o assunto; selecionar; recortar etc. — mas, sem dúvida, a reprodução desses escritos, com os quais posso estar ou não de acordo, constitui um exemplo de acatamento e de boa camaradagem profissional, que compensa o sacrifício da procura dos originais.

Vamos, pois, à "Antologia", cuja aparição fica desde já condicionada que se verificará uma vez por mês, esta semana — e ainda, para maior pontifícia do efeito de crítica, que nessa coleção serão incluídas outras quaisquer opiniões além do trabalho dos cronistas especializados, logo tenham sido emitidas através da Imprensa.

As "Horas românticas", em que um rapaz desiludido fala em felicidade perdida, em sonhos irrealizáveis, em castelos desfeitos, declamando poemas que tresandam a noção e lindo pensamento dos ilustres... A "Hora do Argelino", em que um descrente ergue hipocritamente uma série de choradeiras ao Senhor, enquanto no seu pensamento há uma verdadeira dança de idéias maléficas... Os programas de outros, em que criaturas simples se prestam a papéis ridículos, diante da palhaçada do leitor. Capom de almoço, em geral centradas a toda e qualquer moda de boa alimentação, dado o escrúpulo de quem os organiza... E, assim, é o rádio carioca. Cheio de pequeninas e mais que em muito o prejudicam, em busca do sacramento já esca em franco progresso.

De ARMANDO MIGUEIS
"D. Casmurro" (8/7/44).

Com exceção dos Srs. Cesar Ladeira, Carlos Frias, Paulo Roberto — e de alguns outros "speakers" de primeira plana em diferentes emissoras — o que se constata é a numerosa existência de pobres mortais fragilizados ante as ciladas da leitura. Todavia, ao que se diz, anda no ar o projeto de fundação de uma escola para seses rapazes. O que nos permite a esperança de que os venha beneficiar um conhecimento mais sólido do idioma em que Camões pediu esmolas — e eles nos dão silabadas. "Então á não haverá motivos para queixas nem ironias".

SODRÉ VIANNA
"O Globo" (21/8/44).

Para concretizar esse projeto, Tamar Segura procurou uma emissora e solicitou um "test". Depois de grandes dificuldades, pois não é fácil convencer um diretor artístico com simples palavras, Tamar conseguiu fazer a prova. O homem ouviu-a e, ao terminar, cheio de dedes, esclareceu:

— A senhorita é uma ótima cantora. Seu repertório é magnífico, porém bem demais para a nossa estação. O público, atualmente, não quer saber de trechos clássicos nem de canções de classe. Depois das novelas seriadas, rinda é o samba quem está mandando. E' pena, mas por enquanto não podemos contratar uma artista de seu gênero.

É dessa forma, desiludida, Tamar voltou a ser artista amadora e exclusiva dos recitais de caridade".

"Folha Carioca" — (4/7/44).

Entre tanto um clube, sim, se fazia preciso, mas para coíscas serias, seriíssimas do rádio e que estão a reclamar urgente a e q' o por parte dos nossos "speakers", exemplo, a dignidade das irradiações, nem sempre observada por locutores sem compostura; a maneira cretina de outros, transparecendo em risadinhas sem propósito; a falta de correção na prosódia da nossa língua; os erros cometidos nas estréngias; as gracinhas pouco decentes dirigidas ao público e m'itela pelos próprios auciários, etc. São tantos que não funderíamos de enumerar. Mas são eles que precisam ser discutidos e resolvidos pelo "Clube dos locutores", que deverá ter por tema honrar a profissão, servir ao rádio.

OND.

"Diário de Notícias" (30/8/44).

A existência das tais "Horas de Calouros" com o seu schirralhe sistematizado á compostura humana, com o do-loroso impudor dos indivíduos que dão tudo até o

próprio em troca de cinco fugitivos minutos de evidência, foi coisa que sempre me magoou e humilhou grandemente. Os calouros são gente como nós, embora não o pareça, e o dever de solidariedade entre as criaturas foi imposto por todas as leis humanas e divinas, desde os tempos perdidos em que se cometeu o pecado original. E é um prazer e um alívio, portanto, constatar que já anda por aí um lo-nem de boa vontade procurando elevar, melhorar, moralizar esse lamentável setor da nossa vida artística".

RAQUEL DE QUEIROZ
"Folha Carioca" (19/8/44).

Confere com os originais.



JANE GIPSY, CANTORA DO FOLCLORE BRASILEIRO, VEM DE ESTREAR AO MICROFONE DA PRA-2, DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, NO PROGRAMA "CENAS BRASILEIRAS".

alô... alô..

Delvaír Silva, o esplêndido soprano lírico que de vez em quando nos oferece língas temporadas radiofônicas, está novamente ao microfone da Nacional, onde já atuou com êxito.

Está definitivamente escolhido o novo nome da Transmissora: — será Rádio O Globo, adotando assim o título do prestigioso vespertino que a adquiriu.

Sônia Oticeira retirou-se do rádio, por motivo do seu casamento realizado no dia 14 do corrente, com o sr. Charles Murray.

Celestino Silveira fez uma transmissão extra do "Cine-Rádio Jornal", na semana passada, criticando os principais filmes estreados na primeira quinzena de setembro, no PRE-3. Mas só em outubro suas apresentações passarão a fazer-se regularmente das 1-30 às 13 horas, na Rádio O Globo.

Federação de Defesa Contra a Lepra

Recebemos um exemplar da "Carta da Presidência". É a de número 31, referente a Maio e Junho de 1944, em que a sra. Eunice Weaver exõe as atividades da benemérita instituição que é a "Federação das Sociedades de Assistência aos Lasaros e Defesa Contra a Lepra", hoje presente em todo o território nacional mercê de trabalho urgente e diuturno empreendido por uma pleiade de Senhoras brasileiras, á frente das quais avulta a figura da Sra. Eunice Wearner, presidenta.

Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil

Em boa hora, de verdadeira inspiração, confiou o Banco do Brasil a direção da Caixa de Previdência dos seus funcionários ao Dr. Orlando Cardoso. Figura invulgar de administrador, servido por exemplar tirocinio que lhe disciplinou e requintou a técnica, soube dar á Caixa o melhor das suas energias e a sua mais vigorosa dedicação atestadas no substancial e eloquente relatório com que patenteou a situação de franca prosperidade da importantíssima entidade entregue á sua direção modelar.

Em face do relatório apresentado pela Diretoria da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil á Assembléa Geral Ordinária de 16 de Setembro de 1944, verifica-se a promissora situação da referida Caixa, pelo que destacamos alguns tópicos que transcrevemos:

SINTESE DO MOVIMENTO DO EXERCÍCIO: — De conformidade com a autorização que nos foi concedida pela Assembléa Geral Extraordinária de 3 de Julho de 1943, em fevereiro do corrente ano conseguimos que fosse realizada pela Prefeitura do Distrito Federal a concorrência para a compra do terreno que pretendíamos á Avenida Presidente Vargas. A nossa escolha recaiu sobre o lote n.º 1, da quadra 4, na esquina da rua da Candelária com Teófilo Ottoni, que adquirimos pela importância de Cr\$ 15.106.235,50 e cujo pagamento efetuamos a 8 de março, por intermédio do Banco do Brasil. Procedida que foi a escolha do projeto da construção, em concorrência, estamos procurando remover algumas exigências impostas pela Prefeitura, para dar início á construção ainda no correr deste ano. Como tivemos oportunidade de nos referir no relatório anterior, as resoluções da Assembléa de 3 de julho de 1943 tiveram alta significação, não só nte pelo aspecto econômico delas resultante, como também pelos benefícios estímulos á funcionalismo do Banco que, por força da lei, em sua maioria, não pôde associar-se á nossa Instituição. Outro fato que merece especial destaque diz respeito ao nosso programa de amparo ás famílias, dos nossos associados e demais colégas do Banco, com a possibilidade de se elevar para Cr\$ 50.000,00 o pecúlio instituído pela nossa Caixa de Pecúlio, assunto que foi amplamente divulgado, tendo sido auscultada a opinião de todo o funcionalismo do Banco, por meio de um questionário.

Examinemos agora a nossa situação econômica e financeira em face dos documentos anexos ao presente relatório: Os elementos líquidos do ativo patrimonial da Caixa se apresentam no exercício findo com um total de Cr\$ 125.284.000. O que é um aumento de Cr\$ 19.058.000,00. Os valores passivos que constituem as nossas reservas cresceram de 18.578.000 cruzeiros. Foram reajustadas as nossas reservas técnicas, de conformidade com o parecer contido no último estudo atuarial, com um reforço de Cr\$ 60.000.000,00, retirados da verba "Reservas de Contingência". O "Fundo de Garantia", que representa o nosso seguro para os sinistros com os tomadores de empréstimos hipotecários, ficou acrescido de 21% (mais 290.000 cruzeiros). Os resultados financeiros do exercício se revelaram por um superávit de 18.288 milhares de cruzeiros, que foram totalmente incorporados ás reservas de contingência. Em relação ao período anterior, o excedente apresentou-se ampliado de 3.211.000 cruzeiros. O total da receita foi de 21.654.000 cruzeiros contra 17.813.000 do exercício de 1943, o que deu lugar a um aumento de 3.841.000 cruzeiros.

PENSÕES — Durante o exercício foram concedidas 15 pensões no equivalente de Cr\$ 14.735,90 mensais. O total das extinções no mesmo período, atingiu a 3 pensões, no valor de Cr\$ 2.560,50. APOSENTADORIAS — O movimento durante o exercício se expressou pela concessão de 10 aposentadorias no total de Cr\$ 15.442,00, sendo 6 por invalidez e 4 compulsórias. No mesmo período extinguíram-se, por motivo de reversão ao quadro ativo, duas aposentadorias por invalidez. CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS — Era de se prever, dadas as dificuldades impostas pelo momento atual, que acarretaram o encarecimento do material e da mão de obra das construções civis e o surto de rápida valorização dos imóveis, que se notasse sensível retraimento nas operações da nossa Carteira de Empréstimos. Não obstante tais fatores de perturbação, foram ainda bastante animadoras as atividades desenvolvidas pela Carteira, no exercício. Por isso, é pensamento da Diretoria, com o intuito de facilitar aos seus associados a aquisição de imóveis, financiar novas incorporações. Na vizinha cidade de Niterói, no bairro de Icaraí, será levantado o maior edifício de apartamentos empreendido pela Caixa, até o presente momento. No bairro do Leme será construído outro edifício, com 12 pavimentos. Na rua Santa Carolina, esquina de São Miguel, na Tijuca, será erguida uma construção com 3 pavimentos. E, finalmente, á rua Glória, no Andaraí, será construído um prédio, que receberá a denominação de "Edifício Poty", com 3 pavimentos. O total dos empréstimos realizados pela Carteira foi de Cr\$ 5.691.550,00. O número dos negócios feitos durante o exercício foi de 84 (contra 120 em 1943) e foram atendidos 282 associados. Até 31 de julho último, o total das inscrições na Carteira atingia a 1.920. Como consequência da reforma do art. 41 dos Estatutos, a Carteira já atendeu a 3 colégas não associados da Caixa, estando em via de ultimar empréstimos a 53 funcionários associados do I. A. P. B. — Desde o início de suas atividades até o encerramento do exercício, tinha a Carteira pago operações no valor de Cr\$ 54.748.766,00.



CASA DOS INCONFIDENTES

Roteiro turístico

Ouro Preto, capital geográfica de outrora, ainda é a capital histórica de Minas. O culto do presente fá-la resurgir do passado com seu prestígio de lenda, e a velha Vila Rica, com os seus mártires da Inconfidência, com o seu relicário de arte do Aleijadinho, os seus templos veneráveis, a sua vetustez magnífica, é bem o monumento-nacional que o respeito da nossa geração criou para ilustração dos espíritos e edificação das consciências.

Em verdade, na imensurável vastidão da superfície do território do Brasil, não há recanto algum que avulte com a granleza deslumbradora de Ouro Preto, onde há todo um capítulo luminoso da nossa História e toda uma exuberante mostra da nossa Arte espalhados por vales e cumiadas. Os tesouros históricos do ciclo da defesa do sólo nacional e dos sonhos literários vivem nos contrafortes pernambucanos dos montes Guararapes, nas velhas edificações de Olinda, no convento da Lapa da cidade do Salvador, na ruína do forte de Cabedelo, em tantos e tantos outros cenários que se imortalizaram; Ouro Preto, entretanto, domina avassaladoramente, como centro mais eminentemente histórico do Brasil.



N. S. DO MONTE DO CARMO



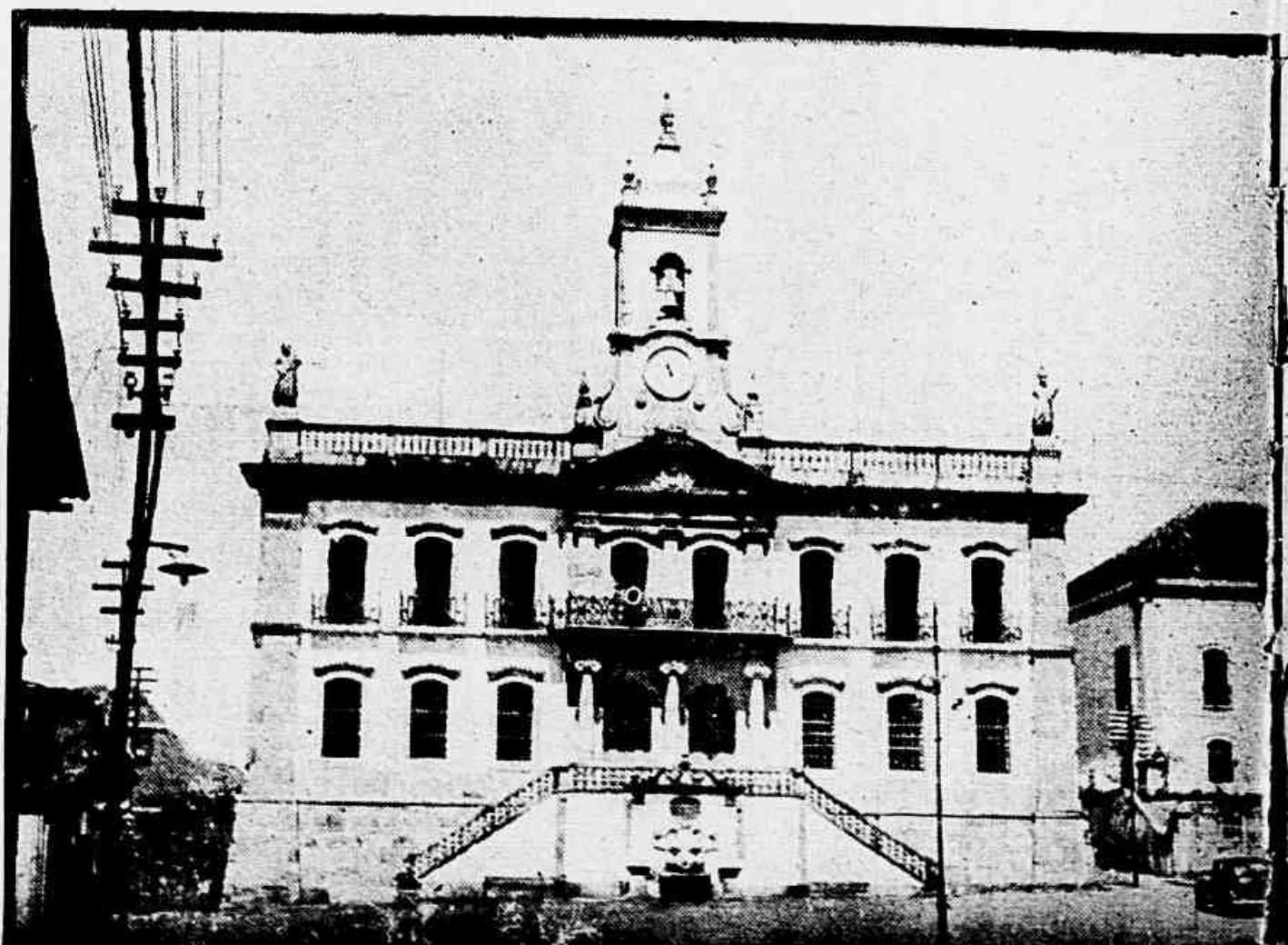
S. FRANCISCO DE ASSIS



IGREJA DE S. JOSÉ

NOSSA SENHORA DO ROSARIO

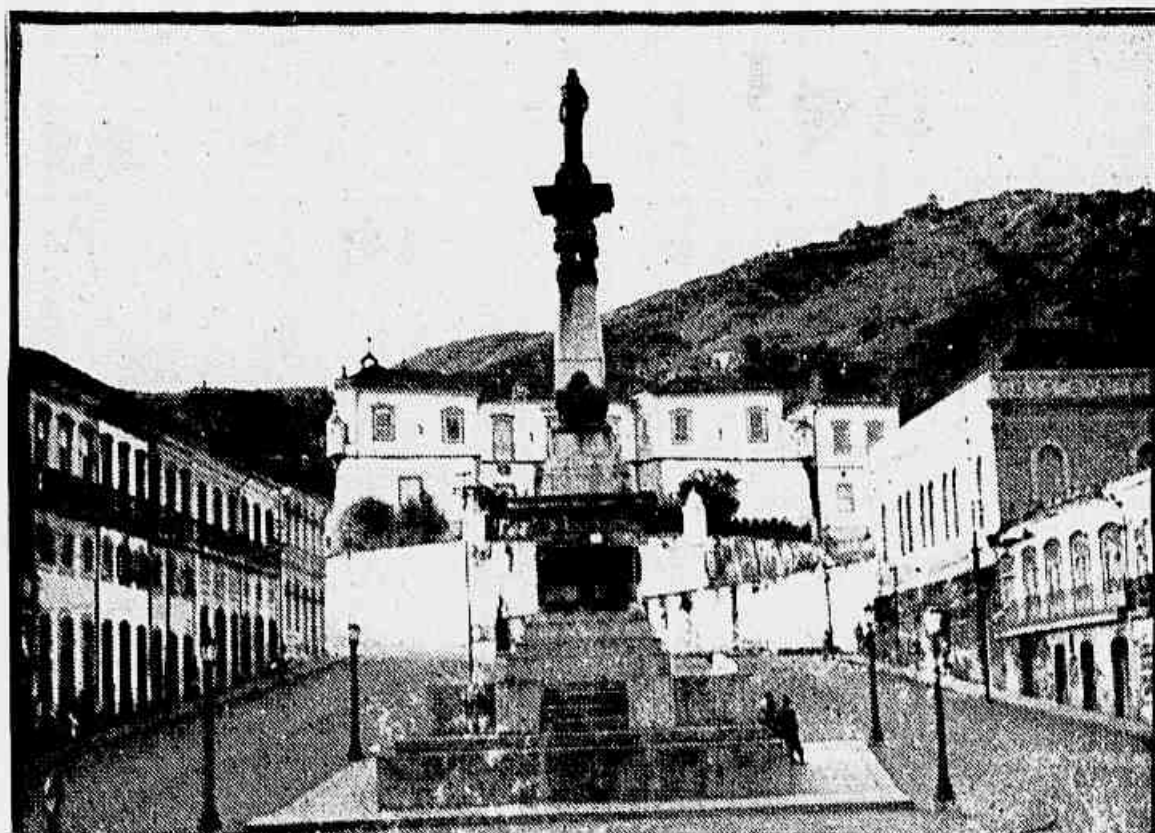
MUSEU DA INCONFIDENCIA



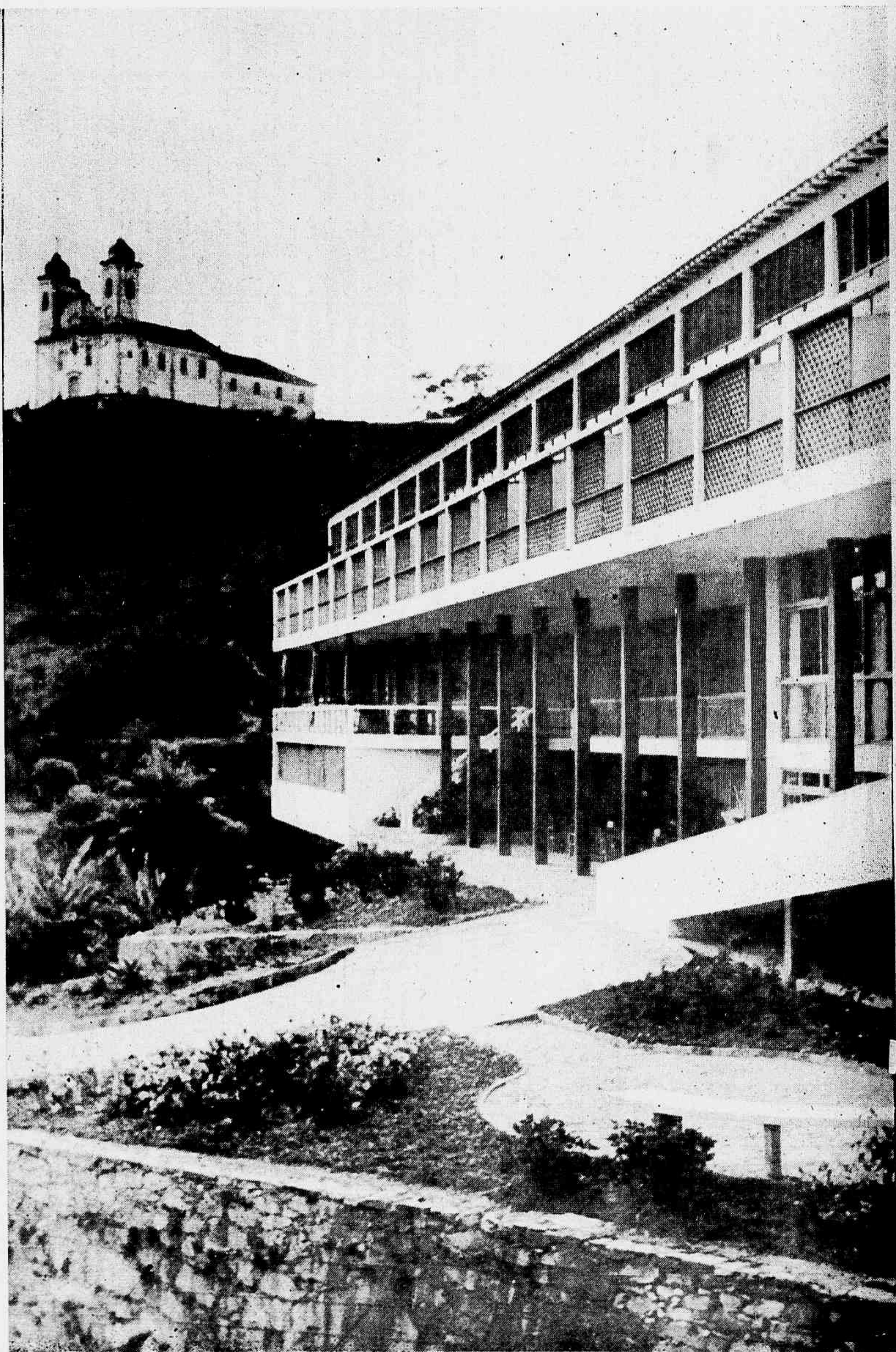
OURO PRETO

A transformação da cidade veneranda em monumento-nacional excitou, naturalmente, o entusiasmo turístico. Mas a antiga metrópole serrana não vinha preparada do passado para as visitas curiosas do presente. Faltava-lhe alguma coisa. E em boa hora. de verdadeira inspiração, o governo do Sr. Benedito Valadares acudiu ao problema e fez erguer, dentro da vetustez da Vila Rica da Inconfidência, o Grande Hotel de Ouro Preto que, embora ostentando as linhas estilizadas da época colonial, é uma nota moderníssima no ambiente secular. Assim, nos dias de hoje, os forasteiros, de olhos ávidos da contemplação de tesouros artísticos e de corações alvoroçados pela sensação de reviver um grande ciclo histórico, têm na velha Ouro Preto o conforto necessário às estadas prolongadas que o ambiente sagrado impõe.

MONUMENTO A TIRADENTES
GRANDE HOTEL DE OURO PRETO



NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE }
ANTÔNIO DIAS.
NOSSA SENHORA DO PILAR.



TIRADENTES, MARILIA E O ALEIJADINHO

(Continuação da pag. 49)

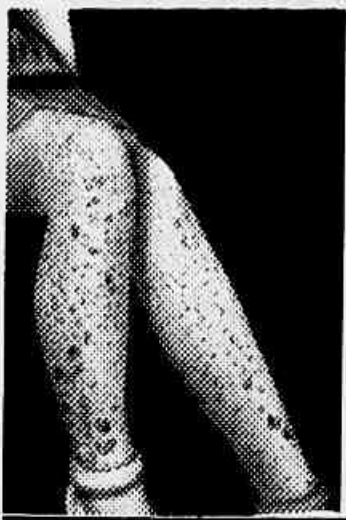
— E a quem paga o aluguel?
— A Estrada.
— Quanto, sr. Alexandre?
— Sessenta e cinco cruzeiros sim, senhor. E enquanto não me aumentarem o preço e me deixarem em paz, aqui irei morando, porque me convém e estou perto do trabalho... Um cafézinho, moço?

◆
Não deixava de ser espantoso. Depois do inesperado encontro dos despojos de Marília, guardados em uma urna portátil, e dos restos do Aleijadinho, metidos em duas urnas, sem qualquer lápide, sob uma táboa também móvel no átrio de uma igreja — dávamos com a Casa dos Conspiradores alugada por sessenta e cinco cruzeiros mensais a um guarda-freios da Central do Brasil, bom homem, trabalhador, simpático, ignorando por inteiro o valor histórico da sua morada...

◆
E' verdade que por decreto do atual governo, datado de 12 de julho de 1933, Ouro Preto foi declarada "monumento nacional". Ali tudo se conserva tal como existiu nos tempos em que a cidade viveu o seu esplendor e foi a capital do Estado de Minas, isto até 1897. Não menos verdade é que na outrora Vila Rica tudo se faz para manter o seu feitiço típico e colonial. Quando se restaura uma casa, prevalece o espírito da conservação do estilo. Proíbem-se construções modernas, coisa que já não existe, com o mesmo fervor, na vizinha cidade de Mariana, onde algumas concessões ao Progresso foram feitas. E, recentemente, o responsável pela pasta da Educação visitou Ouro Preto, presidindo à cerimônia da inauguração do Museu da Inconfidência. Por isso mesmo, porque ali depa-ramos com um pedaço lendário do Brasil onde as lendas, e o "clima", e as tradições procuram, se não eternizar-se, estenderem-se até onde seja possível, no correr dos tempos — é que algumas apreensões têm, por força, de assaltar o espírito do visitante da cidade. Principalmente si o visitante for brasileiro e quizer bem, de verdade, às coisas do Brasil.

Tais prerrogativas concedem-nos o direito de dirigir, neste final de reportagem, um apêlo muito

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



BELZEMA

para Erupções da Eczema

o Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



sincero às autoridades competentes, no sentido do legado histórico de Ouro Preto merecer maiores desvelos. A REVISTA DA SEMANA sugere, assim, que os despojos de Marília e do Aleijadinho sejam transferidos da matriz de Antônio Dias — onde, nunca é de mais repetir, merecem o maior desvelo e carinho por parte do vigário

— para um lugar mais próprio, seja o Museu, onde não ficariam inadequados, seja um monumento público, onde fiquem perpetuados para o respeito e a veneração dos filhos da terra e de todo o Brasil. Assim como também alvitra que a Casa dos Conspiradores, convenientemente restaurada, seja convertida em um museu suplemen-

tar, ou, na pior hipótese, requisitada pelo governo, que terá maior interesse e maiores cuidados na sua conservação. Não parece incoerente a idéia da desapropriação em proveito do Estado, de vez que pertencendo à E. F. C. B. esse pequeno solar já tem meio caminho andado. O essencial é evitar que

Use
PYOTYL

...e os dentes
brilharão outra vez!

LIQUIDO e CREME DENTAL

PYOTYL
Líquido

PYOTYL
"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentifrício mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

tesouros de tamanho vulto continuam sujeitos a qualquer eventualidade.

Em Ouro Preto não existe corporação de bombeiros. E a maioria de suas casas, construídas de pedra e madeira — muita madeira, aliás — data de longos anos. Quem poderá evitar a fatalidade de um incêndio? Tal como nos foi possível sentir, bem de perto, a extensão dessa calamidade seria simplesmente terrível. E que censuras não seriam feitas, a consumar-se essa hipótese, quando todos ou muitos desses legados históricos tivessem desaparecido — a Casa dos Conspiradores, os despojos de Marília e do Aleijadinho, inclusive!

Foi com esses e outros desagradáveis pensamentos que nos despedimos de Ouro Preto, depois de quatro exaustivos dias de contacto com as suas tradições, os seus fantasmas em dia claro, as suas côres e seus cheiros característicos, os seus primores de pedra-sabão e as suas colinas onde prevalece o tom escuro, o tom queimado... Ouro Preto, a terra das reminiscências de um Brasil que vai tão longe na ordem das emoções! Das torres de tantos sinos que tangem um som a perder-se nas montanhas após montanhas... Das laideiras cujas lages fazem cansar as pernas dos cidadãos... Dos Passos da Paixão, que jazem inertes aqui, acolá, mais adiante... Das estátuas lavradas e esculpidas pelos côtos de mão de Francisco Lisboa... Dos sobradinhos que lembram os serões do tempo da colônia, os namoros de gargarejo e os derriços das donzelinhas de outrora... Sobradinhos de Marília que é hoje uma urna de madeira pesando dez ou doze quilos com as bugigangas encontradas no seu túmulo... Ouro Preto da conspiração heroica em prol da emancipação de um povo cansado do jugo estrangeiro... Ouro Preto de Manuel Bandeira... Ouro Preto — a tradição, a História...

Ouro Branco! Ouro Preto! Ouro
[Podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada re-
[côsto
De montanha o metal rolou na cas-
[calhada
Para o fausto d'El-Rei, para a gló-
[ria do imposto.

Que resta do esplendor de outro-
[ra? Quase nada;
Pedras... templos que são fantas-
[mas ao sol posto,
Esta agência postal era a Casa de
[Entrada...
Este escombros foi um solar...
[Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu — é funcio-
[nário:
O último sabedor da crônica es-
[tupenda,
Chico Diogo escarnece o último
[visionário.

E avulta apenas, quando a noite
[de mansinho
Vem, na pedra-sabão lavrada co-
[mo renda,
— Sombra descomunal, a mão do
[Aleijadinho!

Você tem vocação para detective?

SOLUÇÃO DO "CASO" A TESTE-
MUNHA INVISÍVEL

Cobb explicou: "Veja, não ha nenhuma mancha de sangue entre a estrada e o corpo. Se Edna tivesse rolado pela ribanceira, como insistiu Hardy, teríamos encontrado sangue no chão no rastro da queda do corpo. A ausência de sangue e de outros sinais da queda provam que a moça foi assassinada na estrada. Hardy confessou que ele e Connie estavam contratados para matar Edna. Sua morte poderia ser disfarçada num acidente de trânsito. Mas quando ouviu um carro se aproximando, perdeu a cabeça e, para esconder o corpo, levou-o para o barranco"

O ETERNO TRIANGULO

(Continuação da página 19)

Minhas férias acabam antes das suas...

— Ora que coisa cacete!
— Não faz mal. Você ficará aqui. Pode sair com Elizabete, levá-la para passeios. Se ela estivesse sózinha seria pior...

Barrois partiu.
Yves, apesar de leviano, não era um mau rapaz. Sabia que, se ficasse muito tempo a sós com a mulher do amigo, teria tentações de lhe dirigir galanteios de que depois se arrependeria. E — quem sabe? — talvez o caso se tornasse mais grave. Era, pois, mais prudente evitar estar a sós. Convidou, portanto, Mickey para acompanhá-los nos passeios que faziam.

— Eu?
— Sim você. Que é que tem isso? Você não é minha noiva?
Mickey olhou-o, interrogativa. Depois percebeu.

— Está com medo de ficar sózinho com ela? Onde estão os seus freios, rapaz?
Ele riu. Um riso constrangido...
— Aceita?
— Está claro.

Passaram dois dias agradabilíssimos. Entre duas mulheres belas Yves estava no seu elemento. Conversava com desembaraço.

Aconteceu, porém que, certa tarde...

— Não, Yves. Hoje não posso.
— Mas Mickey...

— Olhe aqui, Yves, eu até acho que é bom. Afinal de contas, você precisa aprender a se conter. Não pode ver mulher bonita sem ter vontade de cortejá-la? Eu tenho muita paciência; mas, depois de casados, cada vez que eu souber de uma dessas suas conquistas, faço um escândalo, hein?

— Mas, Mickey...
— Não. Hoje, eu tenho que ficar em casa. Vocês vão sozinhos.

Yves tentou tudo. Ela, porém, ficou inabalável.

Saram Yves e Elizabete. Era tarde quando voltaram do teatro onde tinham assistido à peça num silêncio de constrangimento. Era a primeira vez que tinham estado realmente sós, se é que se pôde dizer "a sós", quando havia umas centenas de espectadores ao seu lado.

A porta do apartamento do casal Barrois, Elizabete convidou:

— Você não quer entrar um pouco?

Yves pensou: Chegou a hora. Agora é recusar, polidamente, o convite, se não eu sou capaz de fazer alguma loucura. Mas não teve coragem. Quando ela repetiu o convite, ele acatou.

— Vou buscar um uísque para você. Beber? ainda isso agravava a situação.

Agarrou o copo com força. Bebeu depressa, para sair logo. Porém ela veio buscar o copo. Ficou de pé, à sua frente, com um sorriso encantador nos lábios. Tentadora... Ele não se conteve; beijou os lábios que se tinham aberto num sorriso. Depois... arrependido, fugiu, sem olhar para trás...

Barrois já havia voltado quando soou o alarme.

— Yves caiu!

— Como?

— Como foi?

— Quando?

Todos queriam saber o que acontecera. Yves fora fazer um voo de reconhecimento e caíra. O avião estava a muitas milhas da costa e, para salvá-lo, era preciso amarrar um hidro-avião em alto mar. O capitão negou a permissão para isso, pois, com toda a certeza, perderiam um aparelho que custava milhares de francos. Era preciso esperar que a lancha pudesse chegar ao lugar onde estava Yves, agarrado aos destroços de seu avião. Para isso, era preciso que o mar acalmasse e a tempestade amainasse.

— Salva-o!

Elizabete só teve forças para exclamar isso quando ouviu do marido a notícia. Depois, caiu desmaiada.

Barrois correu. Não parou para pensar. Tomou o hidro-avião e foi salvar o amigo. Trouxe-o, são e salvo, à base, e o hidro-avião, intacto; porém, como desobedeceu à ordem do capitão, deveria receber o castigo.

— Por que fez isso? perguntou Yves. E ele respondeu:

— Elizabete pediu...

Quando chegaram ao cais ela estava esperando... qual deles? Barrois deixou-se ficar para trás, e esperou que ela se dirigisse para Yves; porém Elizabete veio caminhando, parou, um minuto, perto de Yves e, depois, caminhou resolutamente para perto do marido.

— Obrigado, Jean.

Barrois olhou para ela, sem compreender. Os olhos da moça estavam raios d'água.

— Vamos para casa?

Barrois ainda não entendia. Porém, finalmente, avistou Mickey que vinha correndo, pelo cais, procurando Yves. Olhou para a mulher e compreendeu:

— Quatro infelizes, murmurou.

Ela abaixou a cabeça.



SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE • BOM

BARATO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

P08210005

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁ-
TICO COM UMA CUTIS
MACIA E SAUDAVEL! SE-
JA UMA "LEMBRANÇA
INESQUECIVEL" NO SEU
AMBIENTE, CORRIGINDO
OS DEFEITOS DA SUA
CUTIS COM O



OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANHA PARAMES & IRMÃO RUA DA ALFANDEGA 126

TÔNICO PODEROSO, QUE DÁ À PELE
AS VITAMINAS NECESSÁRIAS À SUA
BELEZA.
CATALOGO GRATIS
PELO CORREIO



Modas

←
Costume estampado
e enfeitado com
cadarço de seda
afinando a cintura.

→
Traje juvenil, em
estamparia alegre,
com a blusa longa
ajustada e a saia
franzida.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

O OUTRO VEREDICTO

(Continuação da pag. 59)

— Que horror!
 — Ah, se eu pudesse ter certeza...
 — Mas, Muriel. Você não está vendo que de nada serviria esperar dele uma confirmação?
 — Como?
 — Se ele é inocente, os seus protestos só farão aumentar a sua dúvida. A única esperança que você pode alimentar é de que ele seja culpado, e confesse. Então, sim, você ficará convencida. E' mais fácil acreditar no mal do que...

— Grace, pelo amor de Deus, não fa-
 lemos mais nisso. Eu enlouqueço.

— Pois bem... Mudemos de assunto...
 Ao sair, Grace notou que sobre a mesa estava um vidro de soprofiro... No estado em que estava Muriel... Uma dose grande seria fatal... Disfarçadamente guardou na bolsa o vidro.
 — Adeus, Muriel...
 — Adeus, Grace.

Só depois, quando já estava des-
 cendo a escada é que Grace reparou que despedira-se de sua amiga com a fór-
 mula das despedidas definitivas...
 Adeus...

O grande transatlântico engolia pas-
 sageiros pela escada encostada ao lado. Já o boeiro deixara escapar uma nu-
 vem de fumaça indicando que em breve partiriam.

Grace correu pelo meio da multidão.
 Afinal, avistou quem procurava.

— Wilfred!
 — Grace!

O espanto dele foi tão grande que
 não encontrou palavras para saudá-la.

— Wilfred, eu quase não tive cora-
 gem de fazer isso... Mas vim...

— Que quer, Grace?
 — Fazer uma pergunta, uma única
 pergunta...

— E qual é ela?

— Quero saber, Wilfred, se você é
 culpado ou inocente?

— Não compreendo, Grace, eu...

- Até no escuro distingo - é Sabonete LEVER!

AMIGA: - É verdade! É Sabonete Lever. Como pode dis-
 tingui-lo?

EA: - Muito simples! Identifiquei o Sabonete Lever pela
 sua deliciosa suavidade!

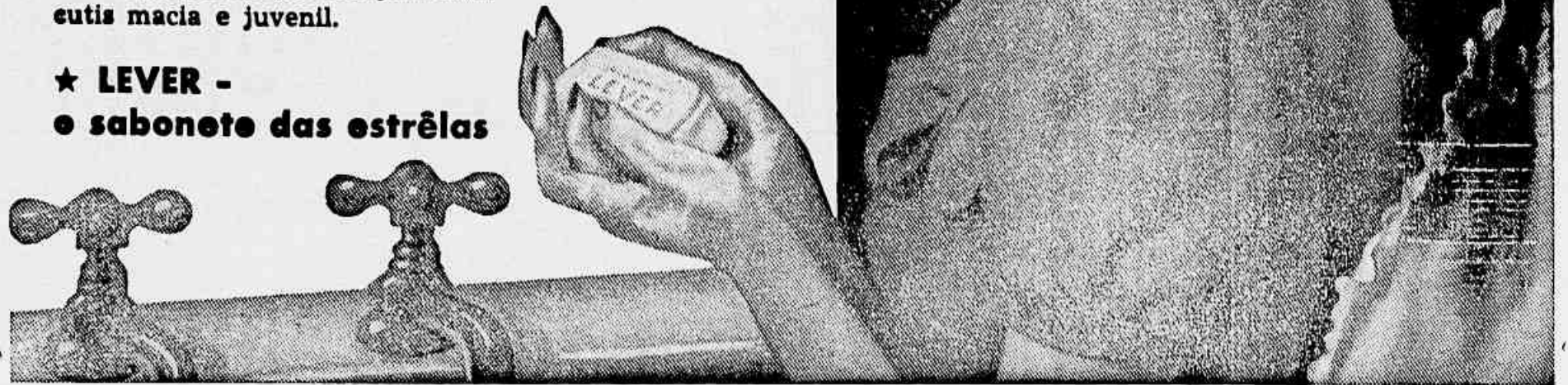
AMIGA: - Você sabe porque Lever é feito assim?

EA: - É para que possa produzir espuma imediatamente!
 Olhe! Bastam cinco ligeiras fricções e aqui está a rica
 e abundante espuma. E com a mesma rapidez com que
 surgiu, a espuma se estende sobre a pele, absorvendo
 e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

AMIGA: - Cinco fricções apenas? Ótimo! Então gasta pou-
 quíssimo!

EA: - Claro! Lever não precisa ser esfregado em dema-
 sia, para produzir espuma suficiente. Daí a razão de ser
 tão econômico e tão durável, qualidades que se podem
 comprovar, marcando-se o dia em que entra em uso. Além
 disso, Lever é recomendado por 9 entre 10 estrelas do
 cinema, áquelas que desejam uma
 cutis macia e juvenil.

★ LEVER -
 o sabonete das estrelas



— Wilfred. Muriel quase enlouquece
 de dúvida. Se você me responder eu te-
 rei certeza — E, tendo certeza, con-
 vence-la-ei...

— E' estranho...
 — Estranho? Sim, eu sei, mas...
 — E' estranho... A mesma pergunta,
 lá no tribunal...

— Mas agora é você quem tem de
 responder...

(Continua no proximo numero)

LINTAS LTB 72-6384 B

Narciso Azul

de GALLY

Eternisa os momentos
 sublimes com as mais doces recordações

Uma situação agradável jamais será esquecida
 com NARCISO AZUL: um perfume imortal!

A VENDA EM TODO O BRASIL

ARQUINO

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DÍSPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.



LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 2-2022 — S. PAULO

Lamentações...



- Condicionado? Mais para meu filho do que para a água!



- Além de ser trucidado e condicionado, mudam-me sexo!



RAUL

- Consóle-se com a "gente". Até o filho do galão é comido antes de nascer!

WEHRINGER — Um instante, madame Westbury...
(passos) Doutor Zimmerman... por obséquio... entre!...

Contra-regra :passos que se aproximam.

ZIMMERMAN — Heil, Hitler!

WEHRINGER — Heil, Hitler!

Contra-regra: ouve-se o soluçar bem suave de Denise ao fundo.

WEHRINGER — Peço-lhe que informe a madame Westbury o que aconteceu com o seu espôso, segundo as informações que acaba de receber, dr. Zimmerman.

ZIMMERMAN — Claro... deixe isso aos meus cuidados...

WEHRINGER — Voltarei dentro de poucos minutos.

Contra-regra: passos que se afastam.

ZIMMERMAN — Madame... madame Westbury... está chorando... E' isso mesmo que está pensando... seu marido morreu em Dunquerque... está viúva. Meus pêsames!

DENISE — Oh!... Deus! Piedade!

ZIMMERMAN (passos precipitados) — Diabos me levem! Desmaiou! Capitão Wehringer! Capitão Wehringer!

Contra-regra: passos precipitados que se aproximam.

WEHRINGER — Desmaiou?

ZIMMERMAN — Desmaiou... Mas não tem importância, capitão... Desmaio de viúva, sinal de felicidade!

Contra-regra: passos cambaleantes e precipitados. ...

PICOT — Doctorr! Doctorr! (passos cambaleantes e ofegante) Cuidado!

ZIMMERMAN — Que foi?

WEHRINGER — Cuidado por que?

PICOT — O general Kergueven acaba de entrar no castelo... Vem no corredor! Tem um revólver na mão! Está alucinado!

KERGUEVEN (distante e passos que avançam) — Miseráveis! Minha filha!

ZIMMERMAN — Si êle atirar serei obrigado a matá-lo, capitão Wehringer!...

KERGUEVEN — Oh! Denise! Minha filha... mataram minha filha! Assassinos!

ZIMMERMAN — Não atire, general! Serei obrigado a matá-lo!

KERGUEVEN — Cães! Matar-me! Terei medo de vocês, corja de bandidos?...

DENISE — Pai! Não atire! Não atire...

KERGUEVEN — Oh! Minha filha... meu amor! Esses bandidos!

DENISE — Não, meu pai... levante-se... deixe-me apoiar no seu braço... não fui insultada por êles, meu pai... Leslie... Leslie... (chora).

KERGUEVEN — Leslie? Teu marido?

DENISE (chorando forte) — Sim, meu pai... leve-me daqui... leve-me para o pavilhão, pai...

Contra-regra: passos que se afastam lentamente.

PICOT — Morreu?

ZIMMERMAN — Morreu, Picot...

PICOT — Marido dela, doctorr?

ZIMMERMAN — Era o marido dela, meu bom Picot... Oficial do exército inglês...

Contra-regra: risada cínica de Picot.

WEHRINGER — Por que te ris, corcunda? Escarneces da dôr alheia?

PICOT — Eu? Eu, não! Estou pensando nas coisas da vida...

ZIMMERMAN — Que estás pensando, Picot? Agrada-me a tua maneira de filosofar... Que estás pensando?

PICOT — Nos caminhos engraçados da vida... A Inglaterra perde um soldado... e a França ganha uma linda viúva... (risada).

WEHRINGER — Doctorr... por obséquio... mande sair daqui êsse farrapo de gente!

PICOT (rindo) — Não vai dezir que estou errado...

WEHRINGER — Vai-le daqui, verme...

ZIMMERMAN — Vamos, Picot... vamos...

Contra-regra: passos cambaleantes, risadas distante de Picot.

KERGUEVEN — Vamos, querida... beba mais um cálice dêsse cordial...

DENISE — Oh! Pai! Ele! Morto! (chora).

KERGUEVEN — Vamos... senta-te... continua sentada onde estás... (pausa) Minha querida. O teu marido morreu como um herói, como irmão de armas de nosso pobre Henry, que também ofereceu a sua vida por uma coisa perdida.

DENISE — Pai... tenho algo na cabeça... O coração avisa-me alguma coisa...

KERGUEVEN — Fala, Denise...

DENISE — O chefe do estado maior me disse que havia sabido da notícia pela lista de oficiais mortos publicada pela War Office. E' possível isso?

KERGUEVEN — O serviço de espionagem lhes transmite as listas. Todo o alto comando deve estar ao par das perdas sofridas pelo adversário. Isso permite controlar a ordem de batalha do inimigo. E' uma das missões do segundo bureau.

DENISE — Ainda não é bem isso, meu pai... Eu não lhe disse o que aconteceu comigo no dia em que fui agradecer ao capitão Wehringer o seu presente?

KERGUEVEN — Sim... Ele esteve muito saliente!...

DENISE — Eu tenho refletido... eu pergunto... si... si...

KERGUEVEN — Explica-te.

DENISE — Si êle não teria inventado esta notícia para chegar mais depressa aos seus fins. Compreende?

KERGUEVEN — Anunciando a morte, falsamente, do teu espôso?

DENISE — Sim... anunciando a morte de um rival êle supôs que minha dôr desaparecesse com o tempo. Pensou que nem tôdas as viúvas são inconsoláveis...

KERGUEVEN — E' uma possibilidade, minha pobre filha... longínqua, mas não absolutamente inverossímil... Quem sabe o que pode passar pelo cérebro de um esperta lhão, que acha bons todos os meios de conquistar uma mulher?

DENISE — Sim... e é essa minha suspeita, meu pai...

CONTRA-regra: pancadas discretas na porta.

KERGUEVEN — Ives... fica onde estás, querida... Eu mesmo abrirei...

Contra-regra: passos que se afastam: ruído de maçaneta.

IVES — Boa noite, meu general...

KERGUEVEN — Boa noite, Ives... entra... (passos e bater de porta).

DENISE — Esses pacotes?

IVES — O correio de Benot acaba de chegar... e o doutor Zimmerman autorizou que entregasse ao meu general...

DENISE — Pai... êsses pacotes... o rótulo da Cruz Vermelha Internacional... Oh!... Meu Deus...

KERGUEVEN — Deixa, minha filha... eu abrirei... fica sentada...

Contra-regra: ruído de abrir de embrulho. Pequeno volume e discretamente.

DENISE — Sim... é dêle!... O seu relógio-pulseira... a sua corrente de pulso... a sua carteira... seus do-

cumentos... (chorando) Ele morreu!... Acaba de se desvanecer a minha última esperança, meu pai...

KERGUEVEN — Denise... sei que por mais sinceras que sejam as minhas palavras neste momento nada podem fazer-te como conforto...

DENISE — Abre este pacote, pai... é o seu retrato... abre este, pai...

Contra-regra: abrir de embrulho.

DENISE — Oh!...

KERGUEVEN — Que tens, Denise?

DENISE (estupefata) — Pai... olha!...

KERGUEVEN (pasmando, lentamente) — Mas como pode ser isso! Não é Leslie... de quem será essa cara?

DENISE — Não sei... nunca a vi. Meu Deus!... Realmente não é Leslie... este aqui do retrato é gordo... nariz arrebitado... oh, muito diferente da fisionomia do meu querido marido!... Não é o retrato dele, meu pai!... Está vendo?

KERGUEVEN — Sim... não é teu marido. Seremos nós dois que estamos vendo mal? Ives... este retrato parece com o capitão Leslie Westbury?

IVES — Nunca, meu general!... Nunca!...

DENISE — Sim... Ives... Nunca!... Nunca poderá ser o retrato dele... Esse nariz arrebitado... esse bigode curto e colado nas pontas... não... não é Leslie!...

IVES — Madame Westbury...

DENISE — Esta carta...

IVES — Caiu agora do embrulho...

Contra-regra: rasgar dum envelope.

DENISE (lendo) — "Minha Denise adorada, si algum dia me acontecesse uma desgraça eu gostaria que colocasses meu retrato ao lado do de teu querido pai, no salão do castelo. Leslie."

KERGUEVEN (animado) — Denise, minha filha, algo de estranho se encerra nisto tudo!...

DENISE (jubilosa) — Sim... pai... oh, como me animou essa sua maneira de falar!

KERGUEVEN — Vejamos... vejamos... (pausa) Que significa isto?... A Cruz Vermelha manda-te o que encontrou sobre o corpo do teu marido. A pulseira e os documentos são dele, não é assim?

DENISE — Sim... reconheço-os, pai... Sem nenhuma dúvida...

KERGUEVEN — Então como é que essa fotografia se meteu no pacote?

DENISE — Meu pai, admito o erro da Cruz Vermelha mandando-me o retrato de outro oficial morto, talvez camarada de Leslie... Mas o que me desarma é que a dedicatória de Leslie, aqui no canto, foi escrita pelo seu próprio punho...

KERGUEVEN — Achas então que a letra é de teu marido?

DENISE — Poderia jurá-lo, meu pai.

KERGUEVEN — Deixa-me ver a letra da carta encontrada na sua túnica... Vou confrontá-las...

DENISE (ruído de papel) — Aqui está, pai...

KERGUEVEN — Sim... a mesma letra... ambas foram traçadas pela mão de teu marido...

DENISE — Pai... dê-me uma explicação. A minha cabeça está à roda... não compreendo...

KERGUEVEN — Minha filha... peço-te... não te preocupes mais... também não estou em condições de decifrar tudo isso... mas esperemos... coim mais esperanças que nunca...

Técnica: disco de bimbalar de sinos. Distante.

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Os sinos avisando a ladainha... meu pai... Esse bimbalar de sinos é um sinal que minha fé se deve fortificar mais que nunca...

KERGUEVEN — Queres assistir ao ofício religioso desta noite, Denise?

DENISE — Sim... pai... quero... quero diante do altar pedir a Deus muita coisa.

KERGUEVEN — Ives... traze o meu chapéu e o meu sobretudo...

IVES — Sim, meu general... sim...

INTERLÚDIO

Técnica: disco de murmúrios.

Contra-regra: passos de muitas pessoas.

DENISE — Saíamos por último, meu pai... Quero ficar mais um pouco no templo...

KERGUEVEN — Sim, Denise... Esperarei...

Contra-regra: passos que se aproximam.

DETANG (baixinho) — Meu general...

KERGUEVEN — Quem é o senhor?

DETANG — Por favor, meu general... fale baixo, rogo-lhe...

DENISE — Que foi, pai?

DETANG — Por favor, senhorita, não se surpreenda... sou francês... a minha situação é perigosa... extremamente grave... Vou ajoelhar-me ao seu lado... general, por favor... ajoelhe-se ao meu lado... Há soldados alemães lá fora... e homens da Gestapo... a minha vida está por um fio... ajoelhe-se... preciso dizer-lhe algumas palavras...

KERGUEVEN — Quem é o senhor?

DETANG — Meu general... o senhor desculpará estas precauções. Mas estou pisando sobre ovos, quando me encontro na zona ocupada e não gosto de que a Gestapo meta o nariz nos meus negócios.

KERGUEVEN (baixinho e lentamente) — Com quem estou falando?

DETANG — Capitão Detang.

KERGUEVEN — De que regimento?

DETANG (baixinho) — Desmobilizado da Legião Estrangeira.

KERGUEVEN — Tem documentos em seu poder que possam comprovar as suas declarações? Não leve a mal, capitão Detang...

DETANG — Compreendo, meu general... Eu agiria de idêntica forma... Como o senhor não é obrigado a acreditar na minha palavra, não sinto constrangimento algum em mostrar o que pede...

KERGUEVEN — Que é isso? O templo está escuro... quase não vejo...

DETANG — Minha senhora... por obséquio...

KERGUEVEN — Leia, minha filha...

DENISE (baixinho) — Salvo-conduto de Pierre Saint Clair Detang...

KERGUEVEN — Corpo a que pertenceu, minha filha?

DENISE — Terceiro batalhão... quinta companhia da Legião Estrangeira...

KERGUEVEN — E esse outro documento, Denise...

DENISE — Ordem de desmobilização...

KERGUEVEN — E essa fotografia, minha filha?

DENISE (pausa) — Realmente, meu pai... é do capitão Detang.

KERGUEVEN — Estou encantado em conhecê-lo, meu caro camarada. Em que unidade da Legião serviu mesmo?

DETANG — Terceiro Batalhão... quinta companhia...

KERGUEVEN — Onde esteve antes da guerra?

DETANG — Estive no posto de De Sidi El Abbés. Major ajudante do segundo batalhão.

KERGUEVEN — Quem era o seu chefe?

DETANG — Comandante Monestier...

KERGUEVEN — Conhecí-o em Paris... Quem era o major da guarnição em 1938?

DETANG — O comandante Jouffrey Destre...

DENISE — Meu pai... cuidado... (baixinho) Soldados alemães...

Contra-regra: passos lentos que se aproximam. Cochichos distantes.

DENISE — Olhem sempre para o altar...

Contra-regra: passos que se afastam lentamente.

DENISE (baixinho) — Estão indo...

KERGUEVEN — Sairam da igreja?

DENISE — Sairam...

KERGUEVEN — Perdão, capitão Detang, si verifico todos êsses detalhes...

DETANG — Certamente, meu general. Vivemos numa época em que todos devem desconfiar da própria sombra. Eu vim a Benot para vê-lo, meu general.

KERGUEVEN — Ver-me?

DETANG — Sim... O seu criado disse-me que o senhor tinha vindo à ladainha com madame... Preferi encontrá-los nesta igreja, porque desta forma evitaria a guela dos lobos que estão alojados no seu castelo, meu general.

KERGUEVEN — E como conseguiu burlar a vigilância dos guardas-fronteiras, capitão Detang?

DETANG — Trago um salvo-conduto... sou representante de artigos domésticos.

KERGUEVEN — Que faz o senhor?

DETANG — Na realidade, sou contrabandista de homens.

KERGUEVEN — Meus cumprimentos, capitão. O senhor escolheu um passatempo perigoso, que faz honra à sua bravura.

DETANG — Temos de nos ocupar com alguma coisa. Ajudar os que não desesperam do futuro da França. Trabalho no limite das duas zonas, ao sul de Angers.

KERGUEVEN — Ajuda então os prisioneiros a fugir?

DETANG — Exatamente. Arranjo passagens de voluntários para De Gaulle e transmito, em contrabando, instruções aos agentes ingleses que trabalham na zona ocupada. Enfim, divirto-me um pouco à custa dos boches, meu general.

KERGUEVEN — O senhor é um grande patriota, capitão Detang!

DENISE — Diverte-se com a sua vida.

DETANG — Devo acreditar que uma legião de anjos me protege, madame... porque já oito vezes as sentinelas me atiraram nas trevas. Enfim, faço a minha guerra pessoal... divirto-me...

KERGUEVEN — O senhor queria falar-me... a respeito...

DETANG — Do pacote mandado pela Cruz Vermelha.

DENISE — Oh!... O senhor disse...

DETANG — Por quem é, madame... não levante o tom de voz... Lá fora está cheio de homens da Gestapo...

DENISE (baixinho) — Sim... sim... perdão... perdão...

DETANG — Receberam vários pacotes enviados pela Cruz Vermelha de Genebra, não é fato?

DENISE — Sim... recebemos... capitão...

DETANG — Bem... então foi tudo muito bem... os pacotes não foram enviados pelas Cruz Vermelha, minha senhora... fui eu quem os enviou...

DENISE — O senhor?!...

DETANG — Sim.

DENISE — Oh... Capitão!...

KERGUEVEN — Por favor, querida... não te exaltes... podem nos ouvir...

DENISE — Sim... si não foi Genebra que enviou êsses pacotes, tôdas as esperanças não estão...

DETANG — Senhora, eu me maldiria si lhe causasse uma falsa alegria. Seria muito cruel. Tudo que posso fazer é revelar-lhe os fatos que conheço. Quando estou na zona livre, me encontro frequentemente com um americano que representa máquinas agrícolas. Ele tem documentos americanos mas na realidade é inglês, o chefe da espionagem na costa entre Saint Malo e Boredeus.

KERGUEVEN — E êsse pacote foi-lhe entregue por êsse chefe do serviço de espionagem inglês?

DETANG — Sim.

DENISE — E o nome dêsse homem, senhor?

DETANG — Amigo 44.

DENISE — Amigo 44...

DETANG — Conheço-o apenas por êsse nome, madame Westbury...

DENISE — Westbury... então, capitão Detang... o senhor sabe...

DETANG — Sim... que é madame Leslie Westbury...

KERGUEVEN — E êsse chefe do serviço de espionagem recomendou alguma coisa para nós, capitão Detang?...

DETANG — Apenas isso... Previne à senhora Westbury que é de mas alta importância que ela exiba no salão do castelo o retrato contido neste pacote. Os alemães alojados em Benoet, e em particular no castelo, devem absolutamente ver o retrato do capitão Westbury, morto em Dunquerque... Principalmente o doutor Eric Zimmerman...

DENISE — Por favor... uma palavra sua... uma palavra sua... o senhor viu o retrato que êle me enviou... Parecia-se com êsse amigo 44?

KERGUEVEN — Por favor, minha filha... não te exaltes... Lanças em perigo a vida dêste homem!...

tes... Lanças em perigo a vida dêste homem!... homem... êsse chefe de espionagem parecia-se com o do retrato?

DETANG — Não sei, madame...

DENISE — Mas o senhor não viu a fotografia do pacote?

DETANG — Não, minha senhora...

DENISE — Quem entregou ao senhor os pacotes, capitão?

DETANG — Repito: o Amigo 44...

DENISE — Pai!... Leslie está vivo, meu pai... sinto que meu marido não morreu... Oh!... Meu pai!

Contra-regra: passos cambaleantes.

DENISE — Aquê! vulto... aquê! andar... Saiu dali daquele canto... Ele ouviu a nossa conversa...

DETANG — Quem é aquê! homem?

KERGUEVEN — Picot!...

DENISE — O corcunda Picot!... Ele ouviu... Ele saiu dali... Estava oculto por baixo do púlpito...

KERGUEVEN — E' preciso fugir, capitão... Ele avisará os agentes da Gestapo...

DENISE — Sim... enquanto é tempo...

KERGUEVEN — Saia pela sacristia... venha comigo... pela porta dos fundos da igreja.

DENISE — Ligeiro!... Sinão, está perdido, capitão... Ligeiro...

INTERLÚDIO

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Ele conseguirá escapar?

KERGUEVEN — Continue ajoelhada, minha filha... aguardemos os acontecimentos...

DENISE — O corcunda teria ouvido? Ele, suponho eu estava mesmo por trás de nossos bancos...

KERGUEVEN — Creio que estamos demasiadamente impressionados...

DENISE — Deus o ouça, meu pai...

KERGUEVEN — Saíamos, minha filha...

DENISE — Teria sido prêso ao sair pelo fundo do templo?

KERGUEVEN — Não haveria tempo... em todo caso, dê a máxima naturalidade à sua fisionomia, minha filha... Vamos sair...

DENISE — Espere, meu pai... suplico-lhe... estou fortemente agitada...

KERGUEVEN — Sente-se, então...

DENISE — E êle ficará, apesar do que acaba de acontecer, em Benoet?

KERGUEVEN — Não há perigo... Os seus papéis garantir-lhe-ão uma relativa segurança... ganhará Brest com facilidade... Podes voltar para a casa? Sentes-te melhor?

DENISE — Sim... sinto-me mais calma, pai...

KERGUEVEN — Vamos... apoia-te bem no meu braço...

DENISE — Estou calma, pai...

KERGUEVEN (baixinho) — Teu braço treme horrivelmente, querida...

DENISE — Oh!... Pai...
 KERGUEVEN — Não te preocupes...
 DENISE — A praça está cheia de soldados alemães...
 KERGUEVEN — Caminha de cabeça baixa... Teus olhos poderão trair-te... baixa a cabeça, minha filha...

Contra-regra: risadas distantes. Ouve-se distante um malho batendo numa bigorna.

DENISE — Acolá, meu pai... Diante da porta do ferro Gibeau... aquele grupo de homens...
 KERGUEVEN — Não te preocupes... são soldados e civis... conversam...

DENISE — E aquele... está vendo... Não é aquele miserável corcunda?

KERGUEVEN — E'.

DENISE — E como tem o olhar sobre nós!... Aquêl homem arrepiá-me, como si visse uma serpente venenosa...

KERGUEVEN — Desvia o teu olhar... nada fales, Denise...

DENISE — Olhe, Ives...

IVES (passos) — Meu general...

KERGUEVEN — Meu bom Ives... alguma novidade por aí?

IVES — Não, meu general... tudo como dantes... Por que, meu general? Permiti que vos pergunte...

KERGUEVEN — Nada... nada... a carruagem, onde está?

IVES — Nas proximidades do pavilhão da filarmônica...

KERGUEVEN — Então vamos...

IVES — Meu general... um homem...

KERGUEVEN — Sim, Ives... já sei... conversei com ele na igreja...

DENISE — Ele foi procurá-lo no castelo?

IVES — Foi...

KERGUEVEN — Despertou desconfiança dos militares?

IVES — A princípio... o doutor Zimmerman examinou rapidamente os seus papeis. Estavam em ordem... mandei então procurá-lo na igreja...

KERGUEVEN — Muito bem...

IVES — E esse homem, meu general?

KERGUEVEN — Já se foi...

DENISE — Vamos para casa, pai... estou louca para chegar em casa...

KERGUEVEN — Para a boléia, Ives...

IVES — Sim, meu general...

Técnica: relinchar de cavalos.

IVES — Que é isso, "Dourado"!...

KERGUEVEN — Sobe, querida...

IVES — Diretamente para o castelo, meu general?

KERGUEVEN — Sim!...

Contra-regra: estalar de chicote.

IVES — Vamos, "Dourado"!...

Técnica: carruagem que vai desaparecendo lentamente. Música entrando até formar interlúdio para mudança de cena, permanecendo dez segundos.

DENISE — Meu pai, meu marido está vivo... eu o entol

KERGUEVEN — Minha filha, falo como te falou na igreja de Benoet o capitão Detang: seria terrível dar-te uma tal coisa alegria... Gostaria imensamente de encorajar-te! Sei como são cruéis estas alternativas de esperança e dúvida. Tu não mereces esse suplício...

DENISE — Mas, pai, sejamos lógicos... si os ingleses querem fazer crêr ao inimigo que Leslie está morto, é porque ele ainda está vivo!

KERGUEVEN — Em todo o caso, precisamos seguir as instruções dadas.

DENISE — Instruções?

KERGUEVEN — Sim... Esta tarde irás ao castelo e porás a fotografia bem em evidência ao lado da minha.

DENISE — Sim...

KERGUEVEN — Vestirás o teu vestido negro...

DENISE — Sim... irei de luto fechado...

IVES (bem distante) — Que apareças outra vez aqui, patife!... Quebro-te a cabeça!...

Contra-regra: risada distante de Picot.

KERGUEVEN — Que estará acontecendo?

DENISE — A voz de Ives... e é no jardim...

IVES (distante) — Pode ir queixar-se àquela tua alma danada... Àquele nariz de pimentão... Àquele perdigueiro do teu amo, patife!... Dize-lhe que foi Ives...

KERGUEVEN (passos precipitados e abrir violento de porta) — Ives!... Ives, não estás ouvindo? Para dentro!...

DENISE — Meu pai... Ives estava falando com o corcunda... Ouí a risada sinistra desse monstruoso tipo!...

KERGUEVEN — Entre, Ives...

IVES (cansado) — Meu general...

DENISE — Que foi, meu bom Ives?

IVES — Esse estafermo... esse patife do Picot... Eu o surpreendi... estava espreitando pela fresta da janela o que se passava nesta sala...

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Esse monstro ainda nos vai perder, meu pai...

IVES — Ia quebrar a parede do pavilhão com a cabeça daquele verme...

KERGUEVEN — Nada de violências, Ives...

DENISE — E o corcunda, para onde foi, Ives...

IVES — Foi se arrastando como uma serpente... aquele maldito só sabe rir... mas ainda hei de fazê-lo chorar lágrimas bem salgadas, madame Westbury...

KERGUEVEN — Evita toda a forma de violência, Ives... Há interesses muito acima dos pessoais a se tratar, meu velho... precisamos contornar com muita habilidade tudo que está acontecendo...

IVES — Sabe o que descobri hoje? Esse corcunda dorme no cemitério!

DENISE — Meu Deus!...

KERGUEVEN — Não dorme no castelo?

IVES — Não, senhor... O André Ballin, já pela quinta vez, quando vai de madrugada para o seu moinho, viu o corcunda dormindo sobre as sepulturas...

DENISE — Oh!... Horrroso... horroroso...

IVES — Além de monstro, bruxo... As mulheres se benzem ao vê-lo... e as crianças fogem apavoradas...

KERGUEVEN — Dorme nas sepulturas do cemitério de Benoet?

IVES — Sim...

DENISE — Meu Deus!... Estamos lutando com uma criatura infernal, meu pai... Será que êle descobriu tudo? Por que não recebemos a visita de Zimmerman?

KERGUEVEN — Ele, esse corcunda, quer fazer um serviço completo... Ele não ouviu a nossa conversa, porque si a tivesse ouvido, minha filha... Não se preocupe... O capitão Detang a essa hora teria tombado sob a chuva de metralha dos homens de Zimmerman... Bem... vai te vestir... precisas ir ao castelo levar este retrato, e cumprir as instruções do Sr. 44... Vai, Denise...

INTERLÚDIO

Contra-regra: passos e bater de saltos.

VOZ — Queira entrar, madame... O capitão Wehringer espera-a no salão...

Contra-regra: passos.

WEHRINGER — Madame Westbury... minhas respeitadas homenagens... (autoritário) Pode ir, Hans!...

Contra-regra: bater de saltos e passos que se afastam.

DENISE — Muito grata, capitão...



QUARTO DE DORMIR PARA MENINOS

Outro modelo de quarto de dormir para crianças apresentamos hoje aos nossos leitores, lembrando mais uma vez o valor do arejamento e da iluminação destas peças.

Este dormitório foi mobiliado e decorado de acordo com os mais modernos ensinamentos de puericultura e

higiene, sendo os seus móveis construídos de maneira a não prejudicar, no mínimo, a saúde dos meninos.

As cores das paredes e do teto são alegres e claras, em concordância com os móveis, trabalhados todos em fino laqué.

As cortinas de tecidos finos têm a mesma tonalidade.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Claudette Colbert



Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO

Edição para 1945, cujos trabalhos de organização e confecção já se
—— acham iniciados. ——

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA MARANGUAPE, 15 — RIO